

# O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUÊS

1

verão 2005

**GUERRA = MENTIRA**

**TRIMESTRAL DE CRÍTICA HISTÓRICA**

**Não acredite. Pense**

<reviluso -at - yahoo.com.br>

<<http://aaargh.com.mx/port/port.html>>

<<http://geocities.com/ilrestodelsiclo>>

—————oooOOO§§§OOOooo—————

## **SUMÁRIO**

**MENSAGEM DO CONGRESSO DE LIBERDADE DO IRAQUE**

**A retirada dos colonos da Faixa de Gaza e os planos de Sharon**, Cecília Toledo

**A Zona Verde de Bagdá e o parque temático da morte**, Robert Fisk

**A vergonha de tudo isto**, por Jennifer Loewenstein

Uma rede militar global, por Juan Carlos Galindo

**Saramago insiste em suas críticas a Israel**

**Saramago acusa Israel de crime**

**O Revisionismo Europeu na Batalha Contra o Sionismo**, Serge Thion

**Paul Rassinier**

**AAARGH !**

**HOLOCAUST, APENAS UM BOATO**, By Marcellus Pixinga da Silva

**Sois livre para tomar tuas decisões...**

**6 De Fevereiro de 1945**, António José de Brito

**Auschwitz, Birkenau, Majdanek: "Fábricas da Morte" ou Câmaras Mortuárias e de "Desinfecção"?** Anónimo

**Holocausto Judeu ou Alemão ? Nos Bastidores da Mentira do Século**, S. E. Castan

**Holocausto 101**, Ernst Zundel

Neonazismo e revisionismo: Um desafio político, Flávio Koutzii

**Caros Amigos e o anti-semitismo**, Luis Milman

**Serão os semitas Humanos ?**, Por Georges Bourdoukan

**Ernst Zündel Prisioneiro de Guerra**, Horst Mahler

MARCOS MILIÁRIOS

## MENSAGEM DO CONGRESSO DE LIBERDADE DO IRAQUE

O Congresso de Liberdade do Iraque (CLI) quer expor o que está a acontecer no Iraque ocupado pelos Estados Unidos da América e por isso promove uma reunião internacional no Domingo, dia 5 de Junho, em Londres. O CLI é contra a ocupação dos EUA e a dominação do Iraque pelo que descreve como “Gangsters islâmicos, tribais e políticos que destruíram o tecido da sociedade civil no Iraque”.

Durante a ocupação ilegal dos EUA, afirma o CLI, “o bem estar do povo do Iraque foi esticado até ao limite, à beira da destruição”. Houzan Mahmoud, um dos organizadores da reunião em Londres, declarou à PRAVDA.Ru que o “CLI pretende estabelecer a soberania do povo iraquiano mobilizando a população a tomar controlo do país, até aonde for possível, e tirá-lo do controlo da ocupação norte-americana e dos correntes islâmicos”.

Pretende-se dar ao povo do Iraque a oportunidade de escolher livremente depois do devido processo informativo e de consulta, quem quer escolher como seu governo.

21 de Agosto de 2005

MURO DA VERGONHA

## A retirada dos colonos da Faixa de Gaza e os planos de Sharon

*Enquanto oito mil colonos são retirados, muro da vergonha segue sendo erguido*

**Cecília Toledo**

da redação do Opinião Socialista e da revista Marxismo Vivo

### **Colonos recebem até US\$ 300 mil para deixar suas casas**

• A retirada dos oito mil colonos da Faixa de Gaza, que teve início no dia 15 deste mês, deve terminar até a próxima semana, pelos planos do exército israelense. As cenas de desocupação – com judeus entricheirados atrás de sinagogas e roubando armas do exército – nem de longe se comparam à prática de castigos coletivos, nas quais bulldozers são utilizados para demolir casas ocupadas por palestinos. A violência dos extremistas israelenses vinha sendo anunciada há muito tempo, e, salvo exceções, não pegou de surpresa as forças armadas de Israel. Dos 498 manifestantes anti-retirada presos até o dia 17, ao menos 451 já haviam sido soltos.

O show que Ariel Sharon, primeiro-ministro de Israel, preparou para a retirada dos colonos e a recente renúncia do ultradireitista Benjamin Netanyahu alimentaram a falsa idéia de que o governo de Israel teria abandonado a linha dura contra os palestinos. Mas, na verdade, o que Sharon está fazendo é cumprir o plano acertado com Bush e Mahamoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina, patrocinado pela ONU, que consolida a ocupação israelense sobre o território palestino.

Entre as medidas do plano, estava a devolução da Faixa de Gaza, para dar ao mundo a idéia de que um acordo entre invasores e invadidos é possível. No entanto, a operação mostra justamente o contrário, que é impossível a existência de dois Estados, Israel e Palestina, no mesmo território que pertence aos palestinos e foi ocupado pelos judeus. A operação retirada está polarizando a sociedade israelense, cuja ampla maioria vem se mobilizando contra a retirada dos colonos judeus. A situação é tão crítica que nem mesmo essa migalha – a promessa de retirar os 8 mil judeus de Gaza – vem sendo aceita pela poderosa direita israelense e os judeus ortodoxos sionistas. Acham que é concessão demais aos palestinos e, por isso, chamam Sharon de traidor e gritam “agora Gaza, amanhã Jerusalém”.

### **Crise no exército**

A política de Sharon até agora foi comprar a adesão dos colonos para que abandonem suas casas em Gaza. Esses colonos sempre foram sua base de apoio,

beneficiados com polpidos subsídios financeiros. São fanáticos antiárabes que querem expulsar os palestinos de toda a antiga Palestina e tomar suas terras, como já fizeram seus antecessores no território que pertencia à Palestina histórica, hoje ocupado por Israel. Mas, para garantir seu plano de expandir as colônias na Cisjordânia e rodear toda Jerusalém de assentamentos judaicos, Sharon precisou “sacrificar” alguns daqueles que o respaldaram.

Seu plano está batendo de frente com a resistência desses colonos, que se recusam a sair, alegando “direitos bíblicos” sobre a terra. Na semana passada, um extremista judeu entrou atirando num ônibus lotado de palestinos e deixou três mortos. Foi linchado pela multidão. A crise atingiu as fileiras do exército. O jornal Haaretz informa que há um crescente número de soldados israelenses que estão desertando por se recusarem a atirar contra os colonos judeus. O governo teme inclusive a formação de uma milícia independente, com desertores armados, que saiam matando palestinos.

A situação ainda está incerta, mas o que já está ficando claro é que se abriu uma crise no exército, o que pode ser crucial para Israel, um Estado militarista ocupante que tem, como nenhum outro, as forças armadas como pilar central para sua manutenção.

### **Reduzir os custos da ocupação**

O que um assassino confesso como Sharon estaria pretendendo com a retirada dos judeus de Gaza? Curvar-se diante da resistência palestina? Devolver os territórios ocupados e assim abandonar o projeto da Grande Israel que sempre defendeu? Isso está bem longe dele. Com a devolução de Gaza, Sharon quer livrar-se de um problema militar grave: a proteção dos 8 mil colonos judeus, que vivem cercados por 1,3 milhão de palestinos, o que exige a presença permanente de tropas expostas a riscos em um território que não é central para o projeto de expansão sionista. Ele quer garantir a concentração dos recursos militares na ocupação da Cisjordânia e reduzir as perdas constantes que significa manter Gaza desde a segunda Intifada. Está jogando todo o peso na construção do muro, com o qual pretende emparedar os palestinos nos seus territórios que, em vez de estarem sendo devolvidos aos palestinos, estão, na verdade, sendo transformados em campos de concentração. “A retirada é uma farsa, mas o muro é real”, diz o jornalista **Israel Shamir**, em artigo publicado em *Rebelión*. “As IDF (exército israelense) vão construir outra cerca de segurança em torno da Faixa de Gaza. Ao final, o sistema incluirá três cercas, com sensores eletrônicos e ópticos de última geração, assim como metralhadoras com controle remoto. O sistema deve estar pronto em um ano, com um custo total de US\$ 220 milhões pagos, claro, pelo contribuinte dos EUA”.

### **Só a luta pode retomar os territórios**

Sharon já mandou o exército cercar a área para evitar qualquer levante palestino e Mahmoud Abbas exortou os palestinos a manterem a calma e aceitarem passivamente seu confinamento. Como lembra **Israel Shamir**, “a retirada é apenas parte do jogo; sempre é seguida por uma invasão, como em uma violação. Gaza continuará sendo uma prisão, sem ao menos um vínculo aéreo ou marítimo com a liberdade. Gaza não pode subsistir sozinha. Os gazanos terão apenas uma pequena oportunidade de sobreviver lavrando os campos que antes pertenciam a suas famílias, porque os fazendeiros israelenses preferem os tailandeses, mais baratos e pouco exigentes. Gaza se converterá no lugar de exílio preferido dos ativistas palestinos da Cisjordânia e Jerusalém, uma grande prisão, um lugar de sepultamento”.

Isso é o que Sharon reserva aos palestinos sob sua tutela: aceitar a perda de todos os direitos e viver como escravos em sua própria terra, num regime de apartheid. A única saída para a Palestina é a continuidade da resistência e da luta pela devolução imediata de todo o território palestino. A bandeira dos dois Estados, assumida pela liderança da ANP com Abbas à frente, dá a justificativa para consolidar a ocupação do território palestino por Israel e submeter os palestinos à repressão permanente do Estado gendarme sionista. Só a velha bandeira da OLP da Palestina laica, democrática e não racista em todos os territórios palestinos usurpados desde 1948, uma Palestina aberta aos judeus que aceitem a convivência com os árabes em um único país, e, portanto, **o fim do Estado racista de Israel** poderá garantir uma vida digna aos palestinos.

Partido socialista dos trabalhadores unificado  
[http://www.pstu.org.br/internacional\\_materia.asp?id=4060&ida=4](http://www.pstu.org.br/internacional_materia.asp?id=4060&ida=4)

IRAQUE OCUPADO

## A Zona Verde de Bagdá e o parque temático da morte

**Robert Fisk**

Soldados americanos vigiam uma das entradas da Zona Verde, após um atentado em julho

Na segunda-feira, George W. Bush elogiou os gananciosos e sectários políticos — que não cumpriram o prazo para redigir a nova constituição — por seus "heróicos" esforços em prol da "democracia". Ao mesmo tempo, encontrei com um amigo em um dos hotéis mais conhecidos de Bagdá, do qual ele é gerente. Já se passaram 3 anos desde que o conheci, hoje ele parece ter o dobro da idade que tem. Ao me ver, segurou meu braço e olhou em meus olhos: "Senhor Robert", disse, "por acaso soube que fui seqüestrado?". Todos os dias me encontro com iraquianos conhecidos ou mesmo amigos que tiveram pais, primos ou filhos seqüestrados. São libertados em pouco tempo. Às vezes são assassinados e vou até suas famílias para dar os pêsames, o que é muito doloroso para mim, porque sou ocidental e tenho que dizer o quanto sinto aos parentes que culpam o Ocidente da anarquia que matou seus entes queridos. Desta vez, o meu amigo sobreviveu.

Outro bom amigo, professor universitário, no dia seguinte me visitou para tomarmos um café. O fato de não identificar os personagens desta reportagem já é um indício do terror que Bagdá vive hoje. "Estava vigiando os alunos, durante o exame final do semestre no departamento de lingüística, quando descobri que um, que já não era nenhuma criança, estava colando. Fui até ele e o adverti que não usasse a cola. Ele negou que tivesse trapaceado. Acabei dizendo que tiraria sua prova e ele, falando baixo, me disse que me mataria se eu o impedisse de completar a prova. Saí da sala e fui falar com o diretor do departamento. Achei que ele fosse dar uma carraspana e tirar a prova do sujeito, mas ele apenas conversou e o deixou terminar o teste. Meu próprio diretor falhou!". Esse meu amigo tem paixão pela literatura inglesa, mas agora tem novos problemas.

"Muitos dos meus alunos agora estão muito orientados para o Islã. Querem que suas aulas sejam dadas pelo prisma da religião. Que posso fazer? Já não posso falar sobre existencialismo porque isso pareceria anti-islâmico, ou seja, Sartre já não mais existe! Essas pessoas me perguntam sobre a mensagem religiosa nas obras de Eugene O'Neill. Que posso dizer a elas? Já não posso dar aula, entende? Já não posso mais ensinar".

Desde a "libertação" de Bagdá, em abril de 2003, foram assassinados no Iraque 180 professores. Pouco depois da visita de meu amigo, me liga um dos colegas dele.

"Seqüestraram Amin Iassin e seu filho há dois dias, não sabemos onde estão". Ao contrário de muitos de seus colegas, Amin Iassin não pertencia ao partido Baath. Era um lingüista aposentado que ensinava gramática no departamento de inglês da Universidade de Bagdá, seu filho de 30 anos era mestre de ensino secundário. Ambos desapareceram no bairro de Havraha, a 11 quilômetros de Bagdá.

### **Jornalismo de prisão**

Na última quinta-feira, na estação rodoviária de Nahda, duas bombas destroçaram 43 pessoas, quase todas xiitas. Também explodiu uma bomba no hospital Kindi. Os familiares das vítimas, aos gritos, tentaram mais tarde identificar os mortos. O problema é que os funcionários dos necrotérios não conseguem reunir os membros mutilados aos corpos corretos, as cabeças aos troncos correspondentes.

No fim de semana fui ao Hotel Palestina, onde as maiores agências de notícias ocidentais têm suas bases. Peguei o elevador até um dos andares só para ser recebido por um guarda, diante de uma porta de aço maciço que bloqueia o corredor do hotel. Ele me revista, passa meu crachá para o outro lado da porta de aço. Em seguida, um guarda me espia por uma das aberturas da porta e a abre. Depois de passar por mais uma barreira de aço maciço, entro finalmente no corredor do hotel que dá acesso às agências.

Os jornalistas trabalham em um lugar onde o ar, viciado, só é renovado por pequenas aberturas que fazem a vez de janelas, por onde podemos ver o rio Tigre. Um dos

americanos admite que não sai dali "há meses". Um repórter árabe faz seu trabalho nas ruas de Bagdá. Outro americano viaja pelo Iraque, mas apenas como jornalista "embutido" nas tropas de seu país. Nenhum jornalista americano caminha pelas ruas de Bagdá. Esse não é o que chamamos de jornalismo de hotel, mas é o "jornalismo de prisão".

Um dos americanos, um velho e corajoso amigo meu desde a guerra de Beirute vem até mim. "Olha isso, Firsky", de diz. "Esse é o tipo de merda que os americanos nos dão nestes dias. É isso que querem que a gente escreva". É o boletim da assessoria de imprensa da Coalizão, os "mágicos" das tropas de ocupação. "As historietas que contam da Força de Tarefas em Bagdá me fazem rir", diz.

### **Guarda assustada e assustadora**

Dirijo pela capital. Há um grande engarrafamento criado pela Guarda Nacional Iraquiana, os homens treinados pelos americanos que, supõe-se, deveriam salvar a pele de Donald Rumsfeld, ao permitir a redução do número das forças americanas estacionadas no país. Na blitz, a maioria deles está tão assustada que usa gorros que encobrem até suas bocas. Assim como os iraquianos que conheço, não confio na Guarda Nacional, que foi infiltrada pela resistência muçulmana, tanto xiita quanto sunita, e tem uma horrível tendência de invadir casas, prender bater e roubar tudo o que encontram nessas casas.

"Primeiro prenderam meu filho e depois levaram todas as minhas jóias", queixou-se uma mulher diante das câmeras de uma emissora árabe a cabo, em uma reportagem que denunciava a corrupção na polícia. Chegando em casa, ligo a televisão e vejo uma reportagem da BBC sobre a força de "elite" das tropas iraquianas, que recebe treinamento no Reino Unido. Lá estão, com camuflagens cheias de folhas, slatando sobre arbustos e cercas, nas colunas do País de Gales.

### **Tumba de Afleq**

Noite de sexta-feira. No coração dessa cidade, que é um forno, está a Zona Verde. Dez quilômetros quadrados de palácios barrados, cercados e selados, casas de campo e jardins que alguma vez foram o centro do luxo asiático da era governada por Saddam Hussein e onde, agora, despacha, lânguido, o governo iraquiano, o comitê constitucional, as embaixadas americana e britânica e milhares de mercenários ocidentais. Muitos deles sequer conheceram iraquianos. Mulheres vestidas com shorts se exercitam em jardins cheios de rosas. "Trabalhadores" terceirizados descansam à beira das piscinas. Antes havia na região pelo menos três restaurantes, até que um deles foi atingido por um ataque suicida. Na Zona Verde todo mundo pode comprar telefones celulares, jornais, revistas, filmes pornográficos em DVDs, CD's e toda parafernália de eletrônicos.

Por razões táticas, os americanos se viram obrigados a incluir dezenas de casas iraquianas de classe média dentro da Zona Verde, uma decisão que enfureceu muitos proprietários. Muitas vezes têm que esperar quatro horas para passar por todas os postos de controle que dão acesso à área.

Ironia maior, a tumba de Michel Aflaq, o fundador do partido Baath, que existiu tanto no Iraque como na Síria, está dentro da Zona Verde.

### **Parque temático**

Na noite de sexta-feira, o castelo dos cruzados se viu banhado por uma cascata de luzes. Eu olhava as estrelas sobre a cidade quando um ruído grave, seguido de um clarão, me chamou a atenção para o meio da Zona Verde. Em algum lugar, não muito longe, alguém lançou um morteiro que iluminou essa região, que se converteu no símbolo da ocupação para todos os iraquianos. Muitos se perguntam o que será desse castelo quando for derrotada a dominação ocidental que hoje oprime o Iraque. Alguns dizem que se converterá em quartéis para os rebeldes, outros acreditam que ali será edificado o próximo parlamento.

Eu aposto que, quem quer que esteja na direção do Iraque, quando a ocupação tiver acabado converterá toda essa área em um parque temático. Ou talvez transforme isso tudo apenas em um museu.

*Robert Fisk é jornalista e escreve para o jornal britânico The Independent*  
24 de agosto de 2005

<http://www.vermelho.org.br/especial/iraque/>

EXAMINANDO O FIASCO DE GAZA

## A vergonha de tudo isto

por **Jennifer Loewenstein**

Uma grande pantomina está a ter lugar na Faixa de Gaza em frente ao media mundiais. É a evacuação encenada de 8000 colonos judeus dos seus colonatos ilegais. Ela foi cuidadosamente concebida a fim de criar imagens destinadas a apoiar a tomada da Margem Ocidental (West Bank, o lado ocidental do Rio Jordão), respaldada pelos EUA, e a cantonização dos palestinianos.

Nunca houve o mais leve motivo para Israel enviar o exército a fim de remover aqueles colonos. Toda a operação poderia ter sido administrada, sem o melodrama necessária para os media frenéticos, através da determinação de uma data fixa a partir da qual as forças armadas de Israel retirariam de dentro da Faixa de Gaza. Uma semana antes, todos os colonos teriam abandonado sem câmaras de TV, meninas lacrimosas, soldados angustiados, nem comentadores a perguntarem questões enjoativas sobre como judeus podiam remover outros judeus dos seus lares, e sem mais traumas acerca do seu terrível sofrimento, as vítimas do mundo, as quais portanto têm de ser ajudadas a chutar os palestinianos para fora da Margem Ocidental.

Os colonos realocar-se-ão em outras partes de Israel e, em alguns casos, em outros colonatos ilegais na Margem Ocidental, graciosamente compensados pelos seus aborrecimentos. Na verdade, cada família judia que deixa a Faixa de Gaza receberá entre US\$ 140 mil e US\$ 400 mil apenas pelo custo da casa que deixam para trás. Mas estes pormenores raramente são mencionados na tempestade de reportagens sobre a "grande confrontação" e o "momento histórico" que nos é servido por Sharon e a cultura de roubo e assassínio colonizador que ele ajudou a criar.

No programa *Nightline* da ABC, segunda-feira à noite, um repórter entrevistou uma jovem e simpática mulher israelense do maior colonato de Gaza, o Neve Dekalim — uma garota com sinceridade na sua voz, contendo as lágrimas. Ela não via os soldados como seu inimigo, dizia, e não queria violência. Ela abandonará apesar de considerar que isso lhe provoca grande dor. Falou acerca da árvore que plantara em frente ao seu lar, juntamente com o seu irmão, quando tinha três anos, acerca da sua vivência na casa que estava agora a deixar, das memórias, e sabendo que nunca mais poderia retornar, que mesmo se o fizesse, tudo o que ela conhecia teria saído de cena. A câmara então moveu-se para os seus parentes idosos sentados sombriamente em meio a bens encaixotados, a observarem a cena, a olharem com ar abandonado e resignado. Sua mãe era professora num infantário, disse-nos. Ela conhecia todas as crianças que se criaram aqui próximo ao mar.

Nos cinco anos da brutal supressão de Israel do levantamento palestiniano contra a ocupação, nunca vi ou ouvi um trecho tão longo e com tanto pormenor sentimental e humano como aqui, nunca alguma vez um repórter permitiu que uma simpática jovem palestiniana, cujo lar fora arrasado com bulldozer e que perdera todas as coisas que possuía, contar do seu sofrimento e aflição, das suas memórias e das memórias da sua família; nunca consegui ouvir acerca das suas reflexões sobre para onde iria agora e como viveria. E ainda assim, desde Setembro de 2000, só em Gaza mais de 23 mil pessoas perderam os seus lares diante dos bulldozers e das bombas israelenses — muitas vezes avisados no mesmo instante com o argumento de que "ameaçavam a seguranças de Israel". A vasta maioria dos lares destruídos estavam localizados demasiado próximos a um posto avançado das forças armadas de Israel ou de colonatos ilegais de modo que não lhes era permitido continuar de pé. As vítimas não recebiam compensação pelas suas perdas e não tinham lugares à espera para serem realocizadas. A maior parte acabou em cidades-tendas temporárias da UNRWA até que pudessem encontrar abrigo alhures na Faixa densamente superlotada, em que um quarto das melhores terras era habitada pelos 1% da população que era judia e ocupava a terra a seu talante.

Onde estavam os cameramen em Maio de 2004 em Rafah, quando refugiados perderam os seus lares por duas vezes num único raid nocturno, incapazes reencontrar nada do que possuíam? Onde estavam eles quando bulldozers e tanques rasgaram ruas

pavimentadas com lâminas de aço, destruíram as condutas de esgotos e as tubagens de águas, cortaram linhas eléctricas, e demoliram um parque e um zoológico; quando atiradores de elite abateram duas crianças, um irmão e a irmã, que alimentavam os seus pombos no tecto da sua casa? Quando um tanque do exército ocupante disparou um projectil sobre um grupo de manifestantes pacíficos matando 14 deles inclusive duas crianças? Onde estavam eles nos últimos cinco anos quando o verão quente de Rafah tornou a vida tão insuportável e tudo que podiam fazer era sentar-se silenciosamente na sombra de um telhado de zinco ondulado — porque lhes era proibido ir para o mar, à distância de dez minutos a pé do centro da cidade? Ou porque, se se aventurassem em espaços mais abertos, tornavam-se alvos humanos em movimento? E quando os seus cidadãos resistiam, onde estavam as aclamações e a admiração dos media a comentarem sobre o "coragem", a "vontade" e a "audácia" destes "jovens"?

Na terça-feira 16 de Agosto o diário israelense *Haaretz* relatou que mais de 900 jornalistas de Israel e todo o mundo estão a cobrir os acontecimentos em Gaza, e que centenas de outros estão em cidades de Israel para cobrir reacções locais. Mas desde quando houve muitos jornalistas nos locais durante os últimos cinco anos para cobrir a Intifada palestina?

Onde estavam os 900 jornalistas internacionais, em Abril de 2002, depois de o campo de refugiados de Jenin ser arrasado numa questão de uma semana, numa exibição de pura arrogância e sadismo israelense? Onde estavam os 900 jornalistas internacionais quando o campo de refugiados de Jabalya, em Gaza, caiu sob um sítio israelense e mais de 100 civis foram mortos? Onde estavam eles durante cinco anos enquanto toda a infraestrutura física da Faixa de Gaza estava a ser destruída? Quais deles relataram que todos os crimes da ocupação israelense — desde demolições de lares, assassínios dirigidos e encerramentos totais para o assassinio de civis e a destruição injustificável de propriedade comercial e pública — aumentaram significativamente em Gaza depois de o Plano de "Retirada" ("*Disengagement*") de Sharon ter sido anunciado?

Onde estão as centenas de jornalistas que deveriam estar a cobrir os muitos protestos não violentos de palestinianos e israelenses contra o Muro do Apartheid? Protestários não violentos defrontam-se com a violência e a humilhação por parte das forças armadas israelenses. Onde estão as centenas de jornalistas que deveriam estar a relatar o cerco económico e geográfico da Jerusalém Leste palestina e o biseccionamento da Margem Ocidental e a subdivisão de cada região em dúzias de mini-prisões isoladas? Por que não estamos a ser bombardeados com relatos ultrajados acerca das estradas destinadas só a judeus? Acerca das centenas de checkpoints internos sem propósito? Acerca das incontáveis execuções extra-judiciais e mutilações? Acerca da tortura e abuso de palestinianos em prisões israelenses?

Onde estavam estas centenas de jornalistas quando cada uma das 680 crianças palestinianas abatidas pelos soldados israelenses ao longo dos últimos cinco anos era enterrada pelos entristecidos membros das suas famílias? A vergonha de tudo isto desafia as palavras.

Agora, ao invés disso, reportagem após reportagem anuncia o "fim dos 38 anos de ocupação" da Faixa de Gaza, um "ponto de viragem para a paz" e as notícias de que "agora é ilegal para israelenses viverem em Gaza". Será alguma espécie de brincadeira?

Sim, é "ilegal para israelenses viverem na Faixa de Gaza" como colonizadores de um outro país. Isto tem sido ilegal desde há 38 anos. (Se quiserem mudar-se para ali e viverem como iguais com os palestinianos e não como cidadãos israelenses podem fazê-lo).

O plano de "Retirada" unilateral de Sharon não está a finalizar a ocupação de Gaza. Os israelenses não estão a abandonar o controle sobre a Faixa. Eles estão a reter o controle de toda a terra, ar e fronteiras marítimas, incluindo o corredor Philadelphi ao longo da fronteira Gaza/Egipto onde é permitido aos egípcios sob o olho observador de Israel e de acordo com os mais estritos termos de Israel. Os 1,4 milhão de habitantes de Gaza permanecem prisioneiros numa colónia penal gigante, apesar do que os seus líderes partidários tentam apregoar. As forças armadas de Israel estão simplesmente a reinstalar-se fora da Faixa de Gaza, a qual está cercada por grades eléctricas e de betão, arame farpado, torres de vigilância, guardas armados e censores de movimento, e elas reterão a autoridade para invadirem a Faixa sob qualquer pretexto. Oito mil trabalhadores palestinianos a trabalharem em Israel por salários de escravo em breve serão impedidos de retornarem ao trabalho. Outros 3200 palestinianos que trabalhavam nos colonatos por um salário sub-mínimo foram sumariamente

demitidos sem direito a pagamento de indemnização ou outras formas de compensação. Outros ainda perderão seus meios de vida quando os israelenses mudarem a Zona Industrial de Gaza de Erez para algum lugar no deserto de Negev.

Em Dezembro de 2004 o Banco Mundial relatou que tanto a pobreza como o desemprego aumentarão a seguir à "Retirada", mesmo sob a melhor das circunstâncias, porque Israel reterá o pleno controle sobre o movimento de bens para dentro e para fora de Gaza, manterá uma separação forçada da Margem Ocidental e de Gaza, impedindo os residentes de cada lado de visitarem-se entre si, e redigirá acordos alfandegários separados com cada zona, decepando as suas economias já estilhaçadas — e nós ainda somos forçados a ouvir dia após dia notícias sobre esta histórica iniciativa de paz, este grande ponto de viragem na carreira de Ariel Sharon, esta estória do trauma nacional para os irmãos e irmãs que tiveram de executar as penosas ordens do seu sábio e acossado líder.

O que será preciso para levar a verdade ao povo? À jovem de Neve Dekalim que é capaz de falar aquelas palavras sem piscar de embaraço ou de vergonha? Quando as câmaras fazem zoom sobre colonos coléricos a chocarem-se com os seus "irmãos e irmãs" no exército israelense, quem estará preocupado acerca dos seus outros irmãos e irmãs em Gaza? Quando será que a história palestiniana de 1948 e 1967, e de cada dia passado sob a violência do despojamento e da desumanização, obterão uma manchete nos nossos jornais?

Recordo-me de uma entrevista que tive este verão em Beirute com Hussein Nabulsi do Hizbullah, uma organização que nada tinha a ver com o movimento para libertação nacional da Palestina, mas que se tornou aliada àqueles que encara como as vítimas reais das políticas americana e israelense e das suas mentiras. Recordo que fechou os olhos com força e apertou os punhos quando perguntou por quanto tempo árabes e muçulmanos era supostos aceitar as acusações que são eles os vitimizadores e os terroristas. "Isto fere", disse ele num murmúrio ardoroso. "Fere demasiado observar esta injustiça todos os dias". E ele prosseguiu explicando-me porque os americanos e os israelenses, com os seus monstruosos arsenais militares, nunca serão vitoriosos.

17/Agosto/2005

A autora pode ser contactada pelo email [amadea311@earthlink.net](mailto:amadea311@earthlink.net)

O original encontra-se em <http://www.counterpunch.org/>

Este artigo encontra-se em :

[http://resistir.info/palestina/gaza\\_ago05.html](http://resistir.info/palestina/gaza_ago05.html)

YANKI NO

## Uma rede militar global

por **Juan Carlos Galindo**

Desde o fatídico 11 de Setembro, os Estados Unidos aumentaram sua presença militar no mundo em cerca de 20 por cento, pelo que já tem quase 300 mil soldados em mais de 140 países. Apesar de o argumento explícito ser a luta contra o terrorismo, uma análise da distribuição das tropas não deixa lugar a dúvidas.

A Casa Branca aproveitou a fachada da operação "Liberdade duradoura" a fim de assegurar para si uma influência decisiva em zonas estratégicas e controlar as reservas naturais mais ricas do mundo. E ainda quer mais. A presença militar dos EUA no mundo aumentou uns 20 por cento desde os atentados de 11 de Setembro. Cerca de 300 mil soldados presentes em mais de 140 países velam pelos interesses da única potência mundial.

Poderiam existir, e de fato argumentam-se, outras razões. Entretanto, uma análise da distribuição das bases militares norte-americanas não deixa lugar a dúvidas. Os EUA aproveitaram a cobertura da operação militar conhecida como "Liberdade duradoura" para instalar bases no Uzbequistão (1000 soldados), Tadjiquistão e Quirguistão (mais de 3 mil). Presença essa que se vê fortalecida pelos 5 mil soldados estacionados nas bases do Afeganistão. Deste modo os EUA asseguram-se uma influência decisiva e certa capacidade de controlo na zona do Mar Cáspio: a região



com reservas de recursos naturais inexplorados mais rica do mundo. Acaso? Altruísmo dos Estados Unidos? Defesa mundial da democracia?

No Golfo Pérsico, os Estados Unidos, em convivência com as despóticas monarquias que governam a zona, mantêm mais de 20 mil soldados. Mais de mil entre o Oman, Emiratos Árabes Unidos e Qatar; outros mil no Bahrain, que além disso abriga o Estado Maior da Quinta Frota da Marinha, e 4800 no Kuwait. Mas é sem dúvida a Arábia Saudita o caso mais significativo. Neste emirado os EUA têm três bases militares e mais de 5 mil soldados, caças F-15 e F-16, aviões "invisíveis" F-117 e aviões de espionagem U-2 e Awacs. Se excetuarmos a base "Príncipe Sultan", que está próxima de Ryad, a capital, as duas restantes situam-se no início ou no fim dos dois gasodutos que cruzam o país. E mais: uma delas, a base militar de Al Khobar, está junto ao porto petrolífero de Ras Tanura. Parece evidente, portanto, o interesse principal que conduz a estratégia militar dos EUA no Golfo Pérsico.

O controlo militar da zona completa-se com a base Diego Garcia. Estas instalações militares, situadas na pequena ilha do Oceano Índico que lhe dá o nome, abrigam 4 mil soldados norte-americanos, caças e super-bombardeiros B-52. Os habitantes originários da ilha, de propriedade britânica e explorada em conjunto pelos EUA e pela Grã-Bretanha a partir dos acordos confidenciais assinados em 1964 pelas duas potências, foram "transferidos" em 1971 para as ilhas Maurícias, a 1500 quilômetros da ilha Diego Garcia.

Entretanto, por vezes as instalações militares dos EUA no estrangeiro não são estabelecidas para controlar os recursos de uma zona ou assegurar o seu acesso a eles. Existem muitos outros interesses. Assim, por exemplo, as bases militares de Morón e Rota (Espanha) e Aviano (Itália) realizam um trabalho logístico indispensável às operações dos EUA no Médio Oriente e na Europa. O mesmo acontece com os 2 mil soldados que as forças armadas norte-americanas mantêm na Turquia, lugar onde decolam os caças que bombardeiam o norte do Iraque.

Na América Latina e no Caribe encontram-se as bases militares de Aruba-Curaçao (Antilhas Holandesas), Comalapsa (El Salvador) e Manta (Equador). Esta última, situada no noroeste do Equador, permite às forças armadas norte-americanas controlarem toda a região andina e realizar trabalhos de vigilância em colaboração com o exército colombiano, ao mesmo tempo que serve de apoio para o desenvolvimento norte-americano na Colômbia.

Pior ainda é o caso da ilha de Vieques, a sudoeste de Porto Rico, utilizada há 60 anos como polígono de tiro da Força Aérea norte-americana e como zona de ensaio para as operações anfíbias das forças especiais da Marinha. Por causa destas ações, a saúde e a qualidade de vida dos seus habitantes viu-se brutalmente deteriorada. O controlo indireto do Canal do Panamá é o objetivo das instalações militares dos EUA neste país. Além disso, as forças armadas norte-americanas contam com bases no território cubano (Guantanamo), Honduras e Barbados.

Por outro lado, às já mencionadas bases da Itália e Espanha, há que acrescentar outras presenças de forças militares norte-americanas na Europa:

A Alemanha, por razões estratégicas — que ficaram obsoletas com o fim da bipolaridade —, abriga uma importante presença militar norte-americana, à qual soma-se a presença de tropas na Grécia, Hungria, Islândia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Luxemburgo, Portugal, etc. Além disso, é significativa a presença militar norte-americana na Albânia a partir da guerra de Kosovo.

Em suma, mais de 100 mil soldados repartidos por todo o continente. Na África, os EUA mantêm tropas no Egito, sócio tradicional da superpotência, que além disso é, depois de Israel, o segundo beneficiário das ajudas financeiras norte-americanas.

O mapa da presença de tropas dos EUA no mundo completa-se com aquelas deslocadas no sudeste asiático. O domínio das águas do Pacífico é um objetivo estratégico tradicional dos EUA, acentuado na atualidade pelo aumento da importância da China. O exército norte-americano mantém 37 mil homens e 100 aviões de combate da última geração na Coreia do Sul, 50 mil soldados no Japão (sobretudo na base de Okinawa) e 600 soldados, dentre eles 130 dos corpos de elite, deslocados recentemente para as Filipinas. Operações realizadas no sul das Filipinas repetiram-se no Iemen e na Geórgia, onde mais de 200 soldados norte-americanos instruem o exército nas lutas contra os "extremistas islâmicos".

Esse desenvolvimento militar espetacular e global é fortalecido e potenciado por dois aspectos essenciais: a capacidade de ubiquidade das tropas norte-americanas e o apoio logístico. Este último realiza-se através dos grandes porta-aviões (como o USS Theodor Roosevelt ou o USS Enterprise), sem esquecer a capacidade de vigilância global

da rede de satélites dos EUA. Ou seja, presença física e tecnológica, com tropas, bases militares e porta-aviões, grandes destroyers e satélites; mas, sobretudo, com capacidade de ação em qualquer parte do globo.

A presença militar norte-americana no mundo aumentará ainda mais se finalmente os EUA decidirem intensificar seus ataques ao Iraque e realizar uma operação em grande escala para derrubar o regime de Saddam Hussein.

George W. Bush, republicano isolacionista, que chegou à presidência da única potência planetária com sérias dificuldades em situar no mapa qualquer país que não fosse o seu, prepara agora, guiado por aqueles que foram os colaboradores diretos do seu pai, intensificação do desdobramento internacional dos EUA. O objetivo é difuso, mas não os interesses que se encontram por trás desta operação global.

[http://resistir.info/11set/rede\\_global.html](http://resistir.info/11set/rede_global.html) - 02 julho 2002

<http://www.cefetsp.br/edu/eso/guerrairaque/redemilitareua.html>

CRITICA

## Saramago insiste em suas críticas a Israel

O escritor português José Saramago insistiu em suas críticas a Israel por causa de sua política com os palestinos e declarou hoje por telefone da cidade palestina de Ramallah, na Cisjordânia, que não retira "nada do que disse".

Saramago, que visita os territórios palestinos dentro de uma delegação do Parlamento Internacional de Escritores e que hoje estará em Jerusalém, disse à agência "Lusa" que "a repressão israelense é a forma mais perversa de apartheid". Saramago falou sobre a desigualdade que significa ter 100 mil palestinos obrigados a se espremer em três quilômetros quadrados em Gaza, enquanto nas colônias israelenses ao redor "tudo é iluminação, amplitude e conforto, ao lado de extensões relativamente grandes de aldeias arrasadas pela estratégia de expansão e domínio israelense".

"Todo o território que se supõe ser palestino está ocupado por dezenas de colônias infiltradas", declarou o escritor, que criticou o tratamento recebido no posto de controle israelense, apesar da comitiva na qual viajava estar em veículos das Nações Unidas.

"Ninguém tem a idéia do que acontece aqui, por muito mais informado que esteja. Tudo está arrasado pelas escavadeiras, as aldeias palestinas foram destruídas e não se cultiva nada", acrescentou Saramago, antes de lembrar das voltas que os soldados israelenses obrigam a dar as ambulâncias nas quais viajam palestinos para dar à luz.

"Tudo isso tem um ar de campo de concentração que me lembra Auschwitz", declarou Saramago em alusão ao campo de concentração nazista no qual estiveram internados e morreram em condições subumanas muitos milhares de judeus, durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo o escritor, "os israelenses tornaram-se judeus-nazistas", e também lembrou que durante a primeira Intifada os soldados do Exército de Israel quebravam as mãos dos palestinos que lhes jogavam pedras.

Da *Effe*, Lisboa

## Saramago acusa Israel de crime

O escritor português José Saramago comparou ontem as ações do Exército israelense nos territórios palestinos ao sofrimento dos judeus no campo de concentração de Auschwitz na Segunda Guerra Mundial. "É a mesma coisa, ainda que levemos em conta as diferenças de espaço e tempo", afirmou o escritor em Ramallah (Cisjordânia), onde se encontrou com o líder palestino Iasser Arafat.

Saramago, cujas observações causaram irritação ao governo israelense, viajou como parte de uma delegação do Parlamento Internacional de Escritores. Ele também criticou as restrições de mobilidade impostas aos palestinos e a construção de assentamentos judaicos na Cisjordânia e na faixa de Gaza.

"É preciso tocar todos os sinos do mundo para dizer que o que está ocorrendo na Palestina é um crime que podemos impedir", disse Saramago. O Ministério das

Relações Exteriores de Israel condenou as declarações. "É pena que o autor do "Ensaio sobre a Cegueira" seja tão cego a ponto de ser vítima de uma propaganda barata palestina que ousa comparar o sofrimento dos judeus nas mãos dos nazistas à situação que se vive nos territórios", declarou.

*Saramago e Wole Soyinka -ambos ganhadores do Nobel de Literatura-, ao lado dos escritores Juan Goytisolo, Christian Salmon, Breyten Breytenbach, Bei Dao, Russell Banks e Vincenzo Consolo, foram recebidos em Ramallah pelo poeta palestino Mahmoud Darwish e devem participar de um ato de solidariedade aos palestinos em Tel Aviv na quinta-feira.*

da Folha de S.Paulo

<http://terrornapalestina.home.sapo.pt/frame.htm>

REVISIONISMO E SIONISMO

## O Revisionismo Europeu na Batalha Contra o Sionismo

**Serge Thion**

Não existem muitos lugares neste planeta nos quais um grupo de académicos originários de vários países possam falar abertamente acerca do sionismo. Durban, há quatro anos, foi um desses locais, mas a reunião não era académica. Alguns dos nossos amigos revisionistas tentaram organizar em Beirute, há alguns anos, uma conferência sobre "Revisionismo e Sionismo", mas a pedido do Estado israelita os EUA pressionaram o governo libanês e ameaçaram cancelar um empréstimo de quinze milhões de dólares. A conferência acabou por não decorrer. Portanto, agradecemos a oportunidade para nos encontrarmos e conversarmos e exprimimos a nossa gratidão aos organizadores.

O movimento do revisionismo do Holocausto certamente que vos é bem familiar. Mas temos tido pouco sucesso em aumentar o interesse no mesmo nos territórios que faziam parte da antiga União Soviética. Em muitas conversas com pessoas desses territórios, obtemos sempre mais ou menos a mesma resposta: "Os judeus estão a mentir? Não é uma grande novidade. Sempre soubemos isso." cremos que esta não é a resposta adequada. É mais complicado que isso.

O estudo revisionista do Holocausto dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial começaram pouco depois do Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, que terminou em 1946. As transcrições foram editadas muito brevemente após o julgamento, apesar de não o terem sido em russo como supostamente deviam ter sido. Vários observadores, de várias persuasões políticas, começaram a ler atentamente as transcrições e os documentos, ao todo quarenta e dois volumes, com uma mentalidade crítica. Encontraram muitas discrepâncias e impossibilidades. Desde o início, por exemplo, o massacre de Katyn foi consistentemente atribuído aos alemães. Os testemunhos eram vagos, ou contraditórios, e normalmente difíceis de acreditar. Estes observadores começaram a escrever e as suas obras foram etiquetadas de "revisionistas". Naturalmente, criticar a versão oficial da "vitória" dos Aliados era politicamente proibido. Estes autores, o mais proeminente deles tendo sido o francês Paul Rassinier, encontraram, todos eles, longas perseguições, pesadas multas, e interdição dos seus livros e difamação política. A história é demasiado longa para ser exposta aqui.

No início, a explicação de Nuremberg do nazismo e da Segunda Guerra Mundial foi um compromisso entre os EUA, o Reino Unido e a URSS. Cada um dos aliados introduziu a sua própria dose de propaganda. Os soviéticos estabeleceram um enorme sistema de propaganda, levado a cabo maioritariamente por judeus soviéticos, tais como Il'ia Ehrenburg e Vasilij Grossman entre outros. Os britânicos possuíam uma unidade própria concebida para inventar histórias de guerra que retractavam os

alemães como bárbaros vampirescos. Comparada a estes gigantes, a propaganda nazi era simplista e ineficiente.

Em Nuremberg, confrontados com as histórias da guerra conduzidas pelos secretariados de propaganda Aliados, os oficiais nazis tinham um ar desorientado, chocado e de descrença. Mas, não tendo acesso à massa de documentos alemães utilizados pelos advogados de acusação Aliados, frequentemente judeus alemães que haviam emigrado para os EUA, os oficiais nazis, ou pelo menos a maioria, desistiram de apresentar qualquer resistência, não contestaram os proclamados documentos, fotografias e filmes que lhes mostraram. Mantiveram-se em silêncio e silenciosamente foram afastados.

Portanto, nos quinze anos que se seguiram após a guerra, a luta revisionista foi dirigida contra a versão oficial dos Aliados sobre o que tinha acontecido durante a guerra. Depois surgiu um novo factor. O primeiro ministro israelita Bem Gourion estava um tanto ou quanto céptico sobre as probabilidades de sobrevivência do Estado judeu, estabelecido em circunstâncias afortunadas em 1948. Mas será que a sorte se manteria à media que as contrariedades se amontoavam? Bem Gourion ordenou o rapto de Eichmann da Argentina e trouxe-o para Israel para um enorme julgamento espectáculo, uma espécie de Nuremberg mas ao serviço exclusivo da ideologia sionista. Os mesmos documentos cuidadosamente seleccionados e os mesmos testemunhos vagos foram produzidos em tribunal, à frente da comunicação social mundial. A arma suprema para a sobrevivência de Israel foi forjada ali, em 1961: a culpa foi atribuída a todos as pessoas, Estados e organizações que não eram judias. Todas elas tinham que pagar indemnizações e retribuições, eternamente, até ao fim dos tempos.

Como resultado, a luta revisionista foi submetida a uma alteração na sua natureza: o seu maior adversário tornou-se o sistema sionista e na sua enorme rede de organizações. Além disso, os sionistas não tinham outra alternativa: nada esperavam da benevolência da opinião ocidental e haviam perdido o apoio do Bloco do Leste. Estavam inclinados em adquirir algum tipo de dominação mundial apenas para garantir a existência do aparato estatal sionista, rejeitado por todos no Médio Oriente. Armados com a arma do complexo de culpa, começaram a impor-se a toda a resistência e a impor o silêncio aos seus críticos. Possuíam uma ampla influência na imprensa; lentamente conquistaram posições de controlo nos sistemas políticos ocidentais, principalmente no interior da estrutura de poder dos EUA.

O revisionistas do Holocausto, uma mera mão cheia de indivíduos, nunca formaram um grupo ou uma organização. Nunca tiveram qualquer poder, nem qualquer dinheiro, nem ligações, mas obtiveram sucesso apenas com o peso do seu trabalho de incursões sérias e de penetração no sistema de defesa sionista, criando estragos na opinião pública. Demonstrando que o alegado Holocausto era no invés um “custo sagrado” ameaçava a base política na qual o sionismo operava. Na Europa, os lobbies tiveram sucesso na obtenção de novas leis que reduziam severamente a liberdade da imprensa.

As duas principais armas utilizados pelos sionistas foram a demonização através da comunicação social e longos e cansativos julgamentos. A liberdade de expressão do revisionismo foi salva por mera oportunidade, graças ao desenvolvimento da internet. Tão cedo quanto em 1995 – há dez anos – foi estabelecida uma página revisionista nos EUA, a CODOH por Bradley Smith. Em 1996, foram criados ao mesmo tempo o Zundelsite e a AAARGH, a última maioritariamente em língua francesa. Seguiram-se outras. Foi um desenvolvimento fantástico. Até agora, a literatura revisionista era difícil de encontrar, editada por pequenos grupos em países distantes, normalmente como uma actividade secundária. Pela primeira vez, os textos básicos e as demonstrações escritas pelos pesquisadores revisionistas podiam ser vistas e lidas por milhões de leitores em todo o mundo.

O sionismo começou a uivar. A sua única resposta foi catalogar todos os esforços revisionistas como anti-semitas, de extrema direita ou de branqueamento de Hitler. Esta barragem de propaganda tem sido particularmente ineficiente.

Foi iniciada uma nova guerra. Entranhando-se no sistema político dos Estados nacionais, as organizações sionistas tentaram obter leis que protegessem a identidade sacrossanta do chamado Holocausto. Em 2000, o governo israelita enviou uma toda poderosa comissão a todos os governos ocidentais a pedir-lhes novas medidas para aniquilar o revisionismo, descrito pelos israelitas como a pior ameaça à sua existência. Como resultado, foi levada a cabo uma ampla conferência governamental em Estocolmo, na qual todos os principais governos, do ocidente e do leste, se

comprometeram a reprimir o revisionismo e a promover o chamado Holocausto como o deus supremo dos tempos modernos.

Foi algo divertido e até ridículo pensar que todas as pessoas mais poderosas do nosso tempo foram reunidas para denunciar em termos líricos o doloroso trabalho de pessoas originárias de vários países e dos mais variados pontos de vista políticos. Nós, a mão cheia, conscientes de termos feito o nosso trabalho, esperamos pela chegada da vaga repressiva. Ela chegou.

Nos EUA, na Alemanha, na Suíça, na Suécia, na França, grandes operações policiais foram montadas para travar a circulação das ideias revisionistas. Muitas pessoas foram atiradas para a cadeia, às vezes durante anos. Julgamentos e perseguições seguiram-se sem esbater. Pessoas foram afastadas dos seus empregos.

Entretanto, graças aos esforços de um pequeno número de pessoas, o revisionismo foi apresentado ao Médio Oriente. Alastrou como um fogo numa pradaria. O ex filósofo comunista, em tempos amigo de Estaline, Roger Garaudy, agora convertido ao Islão, foi pesadamente multado em Paris devido a um livro seu que continha argumentos revisionistas. Este livro foi imediatamente traduzido para árabe e editado em muitos sítios. Abriu a porta à compreensão dos argumentos revisionistas. Actualmente a maior parte da comunicação social do mundo islâmico emprega um ponto de vista revisionista. Isto pode ser facilmente confirmado nas traduções providenciadas pelo secretariado militar israelita que dá pelo nome de “Memri”. Isto explica porque é que os humores andam tão entristecidos em Israel.

Mas, no que diz respeito aos países que já foram parte da União Soviética, a situação pode ser descrita como de passivamente benigna. As organizações sionistas locais na Rússia, na Ucrânia e na Roménia têm obtido novas leis que punem o “incitamento ao ódio racial”, um nome de código para tudo aquilo que desagrada à embaixada de Israel ou às organizações judias locais, fortemente financiadas pelas organizações judias dos EUA. E, naturalmente, querem que acreditemos que o revisionismo – um ponto de vista crítico sobre alguns acontecimentos históricos – tenha algo a ver com raça.

Existem alguns textos importantes. Foram editados e estão visíveis na internet, nas línguas da antiga União Soviética. Isto certamente não é amplo o suficiente para providenciar uma completa compreensão do nosso elaborado trabalho.

Kiev, 3 de Junho, 2005

Serge Thion é um eminente historiador e orientalista francês. Thion era um importante intelectual da esquerda francesa até se envolver na controvérsia do Holocausto, foi emporcalhado, perdeu o seu emprego e foi marginalizado. Mas ainda trabalha, a título pessoal, e é o mais agradável dos académicos revisionistas bem **como um forte representante da esquerda neste movimento.**

<http://www.dirlip.org/>

[http://www.nuevorden.net/po\\_7.html](http://www.nuevorden.net/po_7.html)

FUNDADOR

## Paul Rassinier

Paul Rassinier é considerado de modo geral como sendo o fundador do revisionismo académico do Holocausto. Nascido em França a 18 de Março de 1906, tendo estudado como educador, foi professor de História e de Geografia na escola secundária de Faubourg de Montbeliard.

Durante a Segunda Guerra Mundial fundou a organização de resistência “Libé-Nord”, que auxiliou na fuga de judeus da França ocupada pelos alemães para a Suíça. Como resultado foi preso pela Gestapo em Outubro de 1943 e deportado para a Alemanha, na qual foi mantido cativo nos campos de concentração de Buchenwald e de Dora até ao fim da guerra.

Depois de voltar para casa, o governo francês reconheceu a sua coragem e o seu sacrifício galardoando-o com a mais importante condecoração por actividades na

Resistência. Foi também eleito deputado da Assembleia Nacional pelo Partido Socialista (SFIO).

Rassinier sentiu-se profundamente afectado pelas muitas mentiras e mitos que circulavam sobre os campos de concentração. Escreveu:

“Um dia compreendi que havia sido criada uma falsa imagem dos campos alemães e que o problema da questão dos campos de concentração era universal, não era um problema que fosse pertinente só dos Nacional Socialistas. Os deportados – muitos dos quais comunistas – foram em grande parte responsáveis por levarem o pensamento político internacional a uma conclusão tão errónea. Subitamente senti que ao permanecer calado seria um cúmplice desta perigosa influência.”

Numa série de livros, Rassinier relatou a sua experiência nos campos, e procurou corrigir as deformações acerca dos campos e da política de guerra alemã para com os judeus. Uma colecção de quatro dos seus escritos mais importantes – *La Passage de la Ligne*, *Le Mensonge d'Ulysse*, *Ulysse Trahi Par Les Siens* e *Le Drame Des Juifs Européens* – foram editados numa edição inglesa com os títulos *The Holocaust Story* e *The Lies Of Ulysses*.

Rassinier tornou-se cada vez mais céptico no que toca aos relatos de assassinios sistemáticos de judeus em câmaras de gás:

“No que toca às câmaras de gás, a procissão quase infinita de falsas testemunhas e de documentos falsos para os quais chamei a atenção do leitor neste longo estudo, provam, assim mesmo, uma só coisa: nunca em qualquer momento as autoridades responsáveis pelo Terceiro Reich tencionaram ordenar – ou, na realidade, ordenaram – o extermínio dos judeus deste modo ou de qualquer outro modo. Será que tais exterminações ocorreram sem ordens? Esta questão assombra-me há 15 anos.”

O número de judeus que faleceram na Europa durante os anos da guerra, concluiu, não podem ter sido superiores a 1,6 milhões.

Entre as muitas pessoas que ficaram impressionadas com Rassinier encontrava-se o historiador americano **Harry Elmer Barnes**. Num ensaio datado de 1962, “Revisionismo e Lavagem Cerebral”, Barnes realçava que “o desencorajamento e a calúnia pela parte de terceiros de pessoas como o historiador francês Paul Rassinier, que procurou expor os exageros das histórias de atrocidades.”

Até à sua morte no dia 29 de Julho de 1967, Rassinier manteve-se activo no movimento anti-guerra, por exemplo como contribuídor da publicação pacifista mensal *La Voie de la Paix*.

<http://www.dirlip.org/>

CENSURA

**AAARGH !**

Um tribunal parisiense emitiu uma decisão tentando impedir os acessos ao site do AAARGH, considerando inadmissível que este disponibilize certa literatura proibida. Verifiquem o sítio, para ver porquê.

Posted by camisanegra : 9:51 AM

<http://fascismoemrede.blogspot.com/>

MAUS NEGADORES

## HOLOCAUST, APENAS UM BOATO

By Marcellus Pixinga da Silva

"...Com certeza se pessoas foram empregadas para fabricar montanhas de evidência como você diz, você deveria saber de alguns detalhes sobre essas coisas. Você parece ter descoberto este grande boato que enganou o mundo, com certeza alguns nomes e lugares deveriam ser um mero detalhe para esses gênios"  
Barry Shein, 1994

Os negadores do Holocausto, ou "revisonistas", se eles preferirem, dizem que o Holocausto nunca ocorreu. Para ser preciso, eles insistem que os nazistas nunca tiveram um plano ou política para tentar matar aproximadamente 11 milhões de pessoas das quais eles não gostavam, e cerca de metade das quais eram judias. Não tendo essa intenção, então é claro, eles não a colocaram em prática. Em particular, eles não tiveram **nenhuma câmara de gás** ou vans (peruas) de gaseamento.

Então, como o mundo foi levado a acreditar que alguma coisa chamada "Holocausto" aconteceu no meio do século 20? Bem, é um grande boato, dizem, em livros com títulos como "O Boato do Século Vinte". Nós estamos sendo enganados.

Mas boatos não se formam espontaneamente. Um boato precisa de um boateiro. Não há teatro sem artistas. O que estão realmente nos dizendo? Vamos ver o mundo com os olhos deles, vamos dar uma olhada nas coisas a partir desse ponto de vista fantasioso:

"...Em 1942, os judeus começaram a circular rumores de que eles estariam sendo mortos em massa pelos nazistas. Esses rumores foram filtrados através de várias novas agências, de várias fontes.

Em 1945, os judeus já haviam forjado dezenas de milhares de documentos nazistas, todos "provando" que os nazistas tinham cometido assassinatos em massa. Os judeus inventaram tudo num esforço crescente. Eles inventaram os lugares onde os gaseamentos aconteceram. Eles forjaram fotografias e as colocaram nos registros documentais.

Os químicos judeus imaginaram quais prédios comuns seriam chamados de "câmaras de gás". Eles forjaram relatórios sobre o andamento das operações de gaseamento. Eles forjaram relatórios endereçados para Hitler dizendo que os territórios orientais estavam livre de judeus. Eles forjaram inventários dos necrotérios, dizendo que havia chuveiros e portas à prova de gás neles. Eles forjaram a história toda sobre os SS sendo levados para um campo especial para que eles se acostumassem com a idéia de matar judeus. Tudo, cada pedacinho do Holocausto, forjado."

Isso eles dizem. No artigo [31clre\\$7sb@a...](mailto:31clre$7sb@a...), o revisionista Friedrich Berg brevemente discute esta espiral de falsificação fantástica:

"[...]Praticamente cada pedaço de tais evidências é uma fabricação do pós-guerra, fabricados por pessoas que tinham sido empregadas primeiramente para gerar tais "evidências", uma vez que não havia absolutamente nenhuma evidência para começar[...]

Por falar em "pessoas que tinham sido empregadas primeiramente para gerar tais 'evidências'"... Quem era o empregador direto? Quantos empregados havia? Eu trabalho numa pequena empresa; meu departamento tem cerca de dez pessoas. Nós não tentamos nem de perto trabalhar do jeito como esses "falsificadores judeus" devem ter trabalhado.

Eu quero dizer, esses caras devem ter sido produtivos! Projetistas para forjar planos para as plantas dos prédios, químicos para decidir como os nazistas teriam matado as pessoas, autores para escrever diários falsos dos Sonderkommandos e enterrá-los em Auschwitz (para ficarem desaparecidos por décadas); dubladores de voz e engenheiros de áudio para forjar horas de discurso de Himmler em Poznan; escritores para decidir quem escreveu quais memorandos para quem, e datilógrafos - céus, você

pode imaginar o número de datilógrafos que a Operação 'Falsificação Judaica' deve ter usado!? Eles literalmente tiveram que forjar trabalhos inteiros de uma parte pequena mas significativa do governo alemão por quatro ou cinco anos.

Infinitas páginas detalhando que grupos militares tiveram que posições e como muitos dos judeus foram mortos, linhas e linhas de pequenos números, tabulados, formulados. Eles devem ter interceptado as rotas verdadeiras que os Einsatzgruppen da SS tomaram, imaginaram que prisioneiros eles pegaram, forjaram documentos dizendo que eles executariam todos os judeus, e então inseriram as falsificações nos lugares apropriados. Uau! É um trabalho e tanto. Centenas de relatórios dos Einsatzgruppen para forjar. E isso só para os Einsatzgruppen, é só cerca de um milhão de assassinatos para relatar. Multiplique por dez e você terá as dimensões do que estamos falando.

De alguma forma, os judeus levaram seus agentes judaicos para lá quando essa evidência forjada foi apresentada a Rudolf Höss e Pery Broad e Kremer e às dezenas de nazis julgados em 45 e 46. Todos eles devem ter tido a mesma reação inicial: "o quê? Eu nunca escrevi isso!?" Mas os agentes judeus, claro, os estapearam um pouco até que eles admitissem que era verdade. E os agentes judaicos eram mesmo muito bons, porque cada um deles admitiu que era verdade. Esses agentes devem ter sido muito bons ao fazerem os nazistas admitirem coisas, porque vários deles eram militares experientes. Onde eles arrumaram esses agentes? Israel ainda não existia...

Eles encontraram alguns milhares de judeus que estavam dispostos a contar mentiras e dizer que Auschwitz era um campo de extermínio, não um campo de concentração. Eles devem ter tido uma grande reunião, juntado todos os sobreviventes. "Ok", o judeu-chefe deve ter dito, "repitam comigo: Auschwitz não era um lugar legal para viver. Vocês não nadavam em Auschwitz. Auschwitz usava necrotérios para gasear pessoas. No verão de 1944 eles queimaram corpos em valas. Vocês da esquerda, vocês realmente viram pessoas sendo levadas para as câmaras de gás. Vocês da direita, vocês não viram, mas ouviram muito falar nisso". E assim por diante.

No fim das contas, os sobreviventes fizeram um bom trabalho ao lembrar essas instruções. Claro, alguns deles começaram a falar sobre grande nuvens de fumaça saindo dos necrotérios, quando na verdade eles eram a prova de fumaça. De fato, esses detalhes seriam o único jeito de os revisionistas, décadas depois, deduzirem que eles estavam mentindo. No mais, eles mantiveram suas histórias muito bem.

E então eles fizeram as mesmas coisas de novo e de novo, para os tribunais da década de 50 e 60. Mesmo nos julgamentos que foram feitos na Alemanha, os agentes judaicos encontraram um jeito de torturar alemães inocentes em cadeias alemãs para confessar, diante de um tribunal alemão, os crimes que eles não cometeram.

A maior engenhosidade de todas: os judeus não forjaram documentos que forneciam ligações diretas entre Hitler e as câmaras de gás. Eles se recusaram a forjar uma "Ordem do Führer" que pudesse incriminar Hitler. Eles fingiram que os gaseamentos foram encobertos por sigilo, assim eles forjaram documentos que falavam apenas em código, e então forjaram outros documentos que ligavam esses códigos a assassinato.

Em vez de forjar um inventário da câmara de gás a qual era chamada de "câmara de gás", eles forjaram um inventário para um necrotério que listava 17 chuveiros - e então deixaram que ele ficasse perdido por anos até que pesquisadores descobrissem sua importância! A última palavra em esperteza!

Meu departamento na minha empresa gera um monte de relatórios. Nós não decidimos sobre como nós abordaremos uma tarefa, para em seguida a executarmos, num passe de mágica. Eum desejaria que fosse assim, mas não é! Trabalhar junto exige comunicação constante. Nós temos reuniões o tempo todo; às vezes parece que eu levei dias inteiros sem fazer nada além de reuniões e falando sobre a próxima reunião e enviando avisos sobre futuras reuniões e fotocopiando propostas. E o meu departamento, pelo que ouvi dizer, é bem simples em relação a burocracia, nós somos notadamente informais.

Essa Operação 'Falsificação Judaica' toda deve ter gerado um monte de papéis também. Quantas pessoas devem ter usado para fazer tudo isso? Cinquenta? Diabos, ele precisariam de uns cinqüenta datilógrafos?

Cem? Mil? Não, muito mais que isso. Há literalmente caminhos de documentação, e forjar essa documentação é fácil comparada a distribuí-la aos lugares certos, e imaginar quem fez o que, o que forjar, e quem acusar em falso, e fazer tudo isso se encaixar.



Fazer tudo se encaixa é a parte mais árdua. Os documentos falsos não pode contradizer os documentos verdadeiros do arquivo, e tinha que ter documentos corroborando também. Para cada documento mostrando um pouquinho de uma implicação direta, deve haver uma dúzia que a menciona indiretamente, e uma centena de outros documentos tinham que ser checados e cruzados para verificar se tudo se encaixava.

Dez mil pessoas, talvez? É aqui que a fantasia encontra a realidade. Ouvi dizer que os empregados da Microsoft enviam e recebem um milhão de e-mails por semana. Digamos que a Operação 'Falsificação Judaica' era tão grande quanto a Microsoft é. Eles devem ter precisado de mais ou menos o mesmo número de que a Microsoft precisa.

Vamos dizer que cerca de metade da comunicação era oral, e que eles conseguiram queimar 99,9% dela. Isso deixa cerca de 500 mil comunicações escritas entre os membros desta Operação 'Falsificação Judaica'. E, contando com os sobreviventes que disseram suas histórias, os nazistas que receberam propina para concordar com tudo, e os próprios falsificadores, eu imagino que houve cerca de 20 mil pessoas depois da guerra que sabiam sobre a Operação 'Falsificação Judaica'.

500 mil documentos e 20 mil testemunhas. Uma estimativa bem grosseira.

Aqui está minha pergunta para vocês, "estudiosos revisionistas":

- Onde eles estão? Onde estão todos esses documentos da falsificação? Onde estão todas as testemunhas dessa operação forjada?

Ah, claro, nós entendemos que vocês pensem que a maioria dos judeus são mentirosos e trapaceiros e que, mesmo se eles não tivessem participado do "Holohoax", eles concordariam com a farsa só para dar dinheiro a Israel. Mas iriam todos os judeus concordar com a farsa? Vocês não acham que em algum lugar, talvez, houvesse alguns judeus honestos que admitiriam que eles estavam nos tapeando?

- Onde eles estão? Ou este é um tipo de teoria conspiratória insana, onde a falta de evidência somente prova quão insidiosos são os conspiradores?

Desses papéis, um em mil hipoteticamente sobreviveu. Eles devem ter espalhado pela Europa Oriental pequenos pedaços de papel que diziam coisas como "Caro Isaac, por favor não esqueça de enviar o documento 495B-14 para o Londres Times em 13 de agosto, como nós combinamos. Assinado, Abraham."

- Onde eles estão? Mostrem-me qualquer coisa. Eu quero um memorando entre os membros da Operação 'Falsificação Judaica', uma evidência escrita. Eu quero um prisioneiro de Auschwitz que veio a público e disse que não houve gaseamentos, que tudo foi um grande boato. (Christophersen e Stäglich chegaram perto, mas eles estavam, como admitiram, longe das câmaras de gás: eles foram internados em subcampos diferentes. Alguém entrou em contato com eles e pediu para eles mentirem sobre o que eles viram? Claro que não; eles nunca disseram isso.)

Eu não insisto em ter uma chaminé topo-de-linha, ou um documento que prove não só a conspiração mas exatamente o que estava acontecendo. Eu só quero alguma evidência corroborativa, mesmo que seja alguma coisa bem pequena.

Eu não estou falando sobre um relatório sobre Rudolf Höss ter apanhado. Ninguém se surpreende que criminosos de guerra sejam frequentemente maltratados por seus capores. Mas se esperam que eu acredite que ele foi torturado, e sua família ameaçada, com o objetivo de contar uma história específica - que tal alguma coisa sobre os conspiradores que organizaram a surra? Que tal um documento enviado de, para, ou sobre sua família? Que tal algo que irá provar, ou mesmo der uma dica, da existência dos conspiradores?

Eu não acho que esteja sendo muito exigente ao pedir um pequeno detalhe sobre esta enorme operação de falsificação que foi executada. Não quando o revisionista Friedrich Paul Berg exige de seus oponentes algo como:

[...]Certamente, os exterminacionistas podem nos contar algo sobre esses monstruosos motores Diesel da Morte. Certamente, de suas "montanhas" de "testemunhas oculares" eles podem nos dizer se os motores eram externos ou internos (tanque, ou caminhão ou o que quer que seja), ou dentro de uma sala. Certamente, ele podem nos contar se eles eram V-12 ou eram alinhados em seis ou o que quer que seja - se eles eram conectados a alguma coisa como um enorme ventilador ou quebra-ossos ou algo parecido. Esses motores Diesel eram, supostamente, os maiores dispositivos de assassinato em massa de toda a história do mundo - e nós não temos nem uma fotografia deles[...]

Se o Sr. Berg achar aceitável me perguntar quantos cilindros um motor nazista tinha, eu não acho que seria muito se eu lhe perguntasse (e a Greg Raven, a Bradley Smith, a Ernst Zündel, e quem quer que deseje tentar responder):

Dê-me um documento, ou um testemunho, que sirva de evidência para esse tal boato gigantesco, essa teoria conspiratória insana. Apenas um.

Adaptado de um ensaio escrito para a Usenet em 30 de julho de 94 por Jamie McCarthy e repostado em 30 de julho de 97. Nenhum "revisonista" até agora respondeu a este ensaio.

**aaargh** : *O argumento é demais ridículo.*

05/04/2005 At 09:28

**Conspirações contra a história**  
**Emília 05/04/2005 12:31**

Excelente artigo. Seria interessante descobrir, ainda, como foram cooptados os milhões de não-judeus, ou seja, comunistas, ciganos, membros da resistência, homossexuais de várias religiões, e todos os demais exterminados pelos nazistas.

Porque os sobreviventes são bem claros em seus relatos sobre o morticínio geral, com ênfase no encarniçamento dos nazistas contra s prisioneiros judeus.

O gueto de Varsóvia, por exemplo, também teria sido uma bobagem? os judeus foram para lá por livre vontade, apenas para organizar melhor suas reuniões de shabat?????? e também decidiram sair todos quase ao mesmo tempo, num belo dia. Acordaram e decidiram: "vamos embarcar nesses trens de gado para passear por aí e enganar os bobos de todo o mundo! peguem as crianças e a vovó, deixem seus pertences e contas bancárias e vamos todos partir nessa linda aventura histórica.....será um piquenique nos campos"

[...] Seria de bom alvitre que os articulistas dessem menos espaço ao tema, porque os revisionistas, em minha opinião, não merecem sequer resposta.

**Pensar é preciso**  
**Samuel 05/04/2005 13:43**

Parece que alguém - que provavelmente não admite a liberdade de pensar, investigar e questionar - apagou esse comentário:

**Pesquisar**  
**curioso 05/04/2005 11:07**

Talvez aqui possam ser achadas algumas respostas (sites apresentam diversas abordagens): Em português:

<http://www.aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://revision5.b3.nu>

<http://www.radioislam.org/islam/portugues/>

Em outras línguas:

<http://www.vho.org>

<http://www.codoh.com>

<http://www.ihr.org>

<http://www.aaargh.com.mx>

<http://www.radioislam.org>

<http://www.nuevorden.net/c.html>

<http://www.vho.org/Links.html>

**Enchendo lingüiça**  
**Jairo, o juca 05/04/2005 14:13**

Boatos é que não faltaram para ajudar no surgimento do mito do Holocausto. Já em 31 de outubro de 1919 - não me enganei não !!! - o jornal "The American Hebrew" já anunciava o extermínio de 6 milhões de judeus na Ucrânia. [Artigo de Martin Glynn, governador de NY]

Nosso caro sofista, autor do texto inicial, questiona sobre os 20.000 "testemunhos". O que ele propositadamente não menciona, é o fato de que estes "testemunhos" foram depoimentos escritos. Ora, ao final da guerra pode-se imaginar que alguns "espertos" queriam se aproveitar das indenizações que os perdedores sempre

têm que pagar. Nos julgamentos posteriores, pode-se ver que tais testemunhas simplesmente se reduziram a umas dezenas. E mesmo estas não conseguem se sustentar numa acareação realizada por experts no assunto.

Quem quiser aprender mais sobre a Mentira do Século, por favor acesse <http://br.groups.yahoo.com/group/Revisionismo/>

**oportunismo...**

**sharona... 05/04/2005 18:09**  
**spartacus.revolucion@bol.com.br**  
**<http://orgasm.weblogger.com.br>**

Boa discussão... Essa é realmente uma questão que deve ser levantada e amplamente discutida, posto que restam alguns pontos "obscuros"... Afianl, se a nossa geração já possui pessoas que torcem o nariz para a veracidade dessa calamidade histórica, que dirá das próximas ??? Imagino-me contando a história do Holocausto para meus netos e eles pensando "é, essa vovó está mesmo ficando gagá..."

Bem, acredito que, realmente, há documentos e fotos que durante muito tempo foram tidos como verídicos, e que hoje sabemos que não passam de falsificações rudimentares... Mas são minoria... E realmente, houveram impostores que tentaram se aproveitar da situação, e que o Holocausto pode ter sido aproveitado como o "empurrãozinho" que faltava à concretização da fundação do Estado de Israel. Também hoje é amplamente utilizado por grupos sionistas, que o evocam a todo instante... De qualquer modo, oportunistas deste naipe sempre existiram, não só durante o Holocausto e o período que o sucedeu, mas em diversos (senão todos) episódios políticos...

**Holocausto?**

**Gerhard Grube 06/04/2005 03:33**

Gostaria que, em vez de milhares de palavras, artigos, filmes, testemunhos, reportagens, opiniões, conversas e discussões, fosse apresentado algumas poucas provas, técnicas, científicas, apenas isso.

Que comprovem que os nazistas exterminaram judeus e outras etnias. E que as mortes tenham sido extermínio e não por outros motivos (doenças, inanição etc.), que afetavam muita gente, naqueles tempos de guerra. Estas provas, irrefutáveis, certamente não existem. Se não saberíamos. E o assunto estaria resolvido e encerrado.

Conseguimos investigar, muitas vezes com clareza total, ocorrências de milhares de anos atrás, de civilizações antigas etc. Desenterramos cadáveres, múmias milenares e determinamos muitas vezes com precisão, a causa de sua morte. Mas não se faz o mesmo com um evento, acontecido há apenas sessenta anos.

O texto acima diz que, para as presumidas falsificações, para criação do boato do holocausto, seriam necessárias a participação de vinte mil falsificadores. Dando a entender que o holocausto não pode ser boato, já por isso.

Quantas pessoas seriam necessárias então, para ocultar onze milhões (segundo o texto) de cadáveres, sem deixar um par de ossos sequer, que pudesse comprovar que tenham sido gaseificados por Ziklon-B? Ou seja lá como for, que tenham sido exterminados?

Mas isso é apenas palavreado, retórica, que induz ao leitor, pensar o que é desejado. Não são argumentos. Quantos morreram no Iraque?

Se perguntarmos ao estadunidenses, responderão: "Ninguém morreu. Apenas alguns poucos terroristas". Será que algum dia será feito algum empenho em saber a verdade? Provavelmente não. Ficaré valendo a versão dos vencedores.

No caso dos nazistas foi a mesma coisa. Vale a opinião dos vencedores. A verdade porém, nada tem a ver com isso. [...]

**ISTO É TUDO BOBAGEM**

**Proteo 06/04/2005 09:20**  
**proteo@care2.com**

Sou historiador há 20 anos e li os relatos do tribunal de Nuremberg em transcrições em inglês na Biblioteca Nacional. Estou profissionalmente convicto que o Holocausto de 11 milhões de "indesejáveis" pelos nazistas ocorreu porque:

- 1) A coisa fazia sentido dentro da ideologia nazista;
- 2) Os acusados nunca negaram a matança, só tentaram se eximir da culpa;

3) Houve um levantamento das mortes devido à guerra (que chegaram a 50 milhões), mas as "outras causas" não explicam a desproporção geográfica com judeus, ciganos, deficientes mentais, comunistas e eslavos foram vitimados face, por exemplo italianos e franceses. Só uma política deliberada de extermínio de certos grupos o explica;

4) Na verdade, as provas físicas foram apresentadas. Não só os campos foram capturados com milhares de cadáveres ao ar livre e muitos mais em covas usadas antes da cremação ser adotada, como até abajures feitos de pele humana com números tatuados foram exibidos. Meticulosos e arrogantes, os nazistas filmaram e documentaram as execuções, e muitos destes documentos ainda estão disponíveis em museus em Yad Vashem e a Biblioteca do Congresso dos EUA;

5) Países em que o anti-semitismo ainda era forte na época, como os EUA, URSS, França e Reino Unido não tinham mais interesse político em divulgar o Holocausto que tiveram em impedi-lo;

6) As pessoas sumiram. Em todos os países ocupados pelo Eixo as etnias e grupos "indesejáveis" apresentam diminuição brutal entre os censos da década de 30 e de 50, de forma que não pode ser atribuída apenas à guerra, pois outros grupos foram relativamente poupados;

e 7) Estou convencido de que, apesar de os sionistas e seus aliados explorarem emocionalmente o Holocausto para oprimir os palestinos (é claro), o revisionismo serve a uma tentativa geral de reabilitação do nazismo e do anti-semitismo, mostrando que estes "não são tão maus assim" e explorando velhos preconceitos contra os judeus em geral, inclusive a contraditória tese de eles dominarem ao mesmo tempo o capitalismo global e chefiarem o "movimento comunista internacional".

É claro que não escrevo isto em benefício da nazistada, que jamais será convencida (e o simples fato de estarmos debatendo mostra que o assunto NÃO É TABU, nem nunca conheci quem fosse processado por levantá-lo sem fazer ao mesmo tempo propaganda racista). Escrevo para quem não conhece muito da História e pode se deixar iludir, de boa fé, pelo que no fundo é uma tese neonazista para dividir os trabalhadores em "raças". A luta é entre classes, não entre etnias, e quem diz o contrário é um defensor da ordem capitalista, como o foram Hitler e seus carrascos de 11 milhões de inocentes. Morte ao capital, ao fascismo, ao nazismo e a toda forma de racismo!

**Quero ver  
desconfiado 06/04/2005 11:06**

Quero ver essas provas aí que dizem que existem. Dá pra ver lá nesses museus e bibliotecas, ou é "top secret"? Por que não mostram essas filmagens documentais feitas pelos nazistas ou seus "juizes" na TV, como mostram os filmes-propaganda que todo ano ganham Oscar chorando pelo drama judeu sob os horrores do nazismo? E mais... será que essas "provas" são tão confiáveis assim? Pois, pelo que sei, uma das coisas que os historiadores e pesquisadores revisionistas revelam é que muitas dessas "provas", como as fotos de exterminados em campos de concentração, são fraudes.

Exemplo: ver o link "fotos reveladoras" em <http://revision5.b3.nu/>

**Mais holocausto?  
Gerhard Grube 07/04/2005 04:36**

Um livro, *Freispruch für Deutschland* de Heinrich Härtle, Editora K. W Schütz – Göttingen 2ª edição 1965, mostra uma versão diferente, do que foi o Tribunal de Nuremberg, que julgou os criminosos nazistas, da segunda grande guerra.

Mostra um outro ponto de vista: Foi um julgamento terrivelmente parcial e injusto!

Assim como será o julgamento de Sadam Hussein. Que irá acontecer em breve. Será um julgamento para justificar a invasão do Iraque, com direito a todos os erros jurídicos e de direitos humanos possíveis. Um julgamento feito pelos vencedores. Que nada tem a ver com justiça.

Assim como, nunca serão julgados, os que destruíram Dresden, Hiroshima e Nagasaki.

Assim acontece o julgamento dos revisionistas. [...]

A Mentira nem sempre tem perna curta  
guarani 07/04/2005 09:39  
Prezados

primeiramente, gostaria de saber onde estavam os 11 milhões de judeus que foram "exterminados".

será que existia tanto judeu na Alemanha assim naquela época ? ou na Europa ?

será que a população inteira da Alemanha (ou República de Weimar, como queiram) chegava a esse tanto ?

será que se fossem "queimar" ou "envenenar" 11 milhões de pessoas, não teriam que estar fazendo isso até hoje ???

olha, preste atenção, 11 milhões de pessoas !!! ou mesmo que fossem 6, como dizem outros....

pense um pouco em como é que seria possível fazer uma coisa dessas....a que custo, com que logística ???

nem os assassinos dos Estados Unidos, quando promoveram o genocídio no Japão, com a cruel coragem de jogar duas bombas atômicas lá, conseguiram matar mais do que meio milhão de pessoas....MEIO !!!!

nem os judeus, que invadiram ilegalmente e massacraram (e ainda massacram) os palestinos (outro genocídio), há quase 50 anos, conseguiram uma cifra sequer 10 vezes menor....

concordo com outra pessoa que escreveu aqui: história não pode ser baseada em depoimentos, filmes de Hollywood ou publicações na imprensa. história tem que ser contada em cima de provas concretas.

aliás, alguém aqui saberia dizer o nome de um filme sobre a primeira guerra mundial ou sobre os períodos adjacentes ?? por que filmes sobre a segunda guerra existem às centenas ??? será que querem me convencer de alguma coisa ???

sobre os revisionistas, eu os apóio, assim como apóio a revisão de qualquer coisa que esteja à margem de discussão. [...]

<http://brasil.indymedia.org/en/red/2005/04/312573.shtml>

SITE

## Sois livre para tomar tuas decisões...

O Site Revisão Histórica não é nenhum partido político nem uma organização legal, não temos ideologia racista, mas sim e é aí que está a diferença somos racialistas. Diferenciamos sim as variadas raças e não apoiamos as suas misturas, tentando assim manter a estirpe de cada raça e preservando assim as diversas culturas e tradições, será isto racismo? Por seu lado o Código Penal incrimina quem incite à discriminação, ao ódio ou à violência racial, ou que a encorajem e também quem lhes prestar assistência, sendo assim também de nada somos acusados, pois não incitamos qualquer tipo de violência, não é esse o nosso objetivo, apenas damos a nossa opinião sobre variados assuntos e acontecimentos que nos rodeiam, será que tal é também já proibido? Apoiamos com grande empenho a Educação como um ponto fundamental no crescimento dos nossos jovens, dado que são estes que no futuro vão ser a população ativa do nosso País. Os jovens devem entender à partida que devem pensar na sua família, raça e no seu País. Não devem fazer algo apenas para seguir a maioria, se fizerem algo deverá ser por quererem melhorar algo, em si próprio, na sua família, na sua educação, no ambiente que os envolve ou no seu País. Devem esquecer o espírito comodista que a Televisão e outros meios lhes tentam incutir! Se forem comodistas quando precisarem de se mexer ou quando realmente estiverem revoltados com algo, nada poderão fazer, nem criticar. Ou seja, se querem mudar algo não esperem que isso aconteça sem fazerem nada! Sejam fieis! Serem Honrados é fundamental! Sem uma consciência limpa nada do que fizerem vos fará sentir satisfeitos! Através deste projeto pretendemos dar a conhecer o verdadeiro Nacional Socialismo e não aquele tão apregoado movimento político violento e racista, tantas vezes conectado a incidentes que nada têm a ver com os nossos ideais e maneira de agir.

Não apoiamos o extermínio de raças ou etnias, muito provavelmente são mais "racistas" os politicamente corretos e imprensa que todos os dias incitam ao extermínio racial através da mistura, nos discrimina por pensarmos de maneira politicamente incorreta, que falam de nós sem nos conhecer (associando-nos frequentemente a fatos que nada temos e nos impede de ter uma representação política).

Pretendemos dar a conhecer a outros jovens como nós, a nossa maneira de ser, aquilo que defendemos, aquilo em que acreditamos. Gostaríamos de oferecer a quem estiver interessado uma terceira via, uma via que permita mudar para melhor e ser diferente do que atualmente é moda.

DO AUTOR:

Não estou aqui para repetir nem colar ou usurpar direitos dos Camaradas que estudam o mesmo ítem da história que eu, sendo que seus textos podem ser encontrados aqui com facilidade e até em certos pontos, alterados.

Mas a intenção principal é divulgar nossos estudos e nosso manifesto de todas as formas.

Por isso coloco-me aqui a disposição para que possamos fortalecer nossa corrente.

AO LEITOR INCRÉDULO

É com certeza que irão aparecer pessoas não crédulas a tudo o que está exposto.

Um deles, com toda certeza pertencerá à Comunidade Judaica, será aquele judeu-inocente-útil do Sionismo. O segundo incrédulo será aquele que teve, desde jovem, sua mente formada pelos filmes, livros e jornais, sempre produzidos, dirigidos ou orientados por Sionistas, e que são espalhados, divulgados e comentados. Na falta da divulgação da outra face da moeda, falta de tempo, de inteligência ou por dinheiro, vão repetindo, como autômatos, o que assistiram, leram ou escutaram: o lado sionista. Os mesmos podem ser encontrados com facilidade, e especialmente, em quase todas as empresas jornalísticas.

Este segundo incrédulo nunca viu um judeu ser apresentado como "bandido", apenas como "mocinho", e muito mais que "mocinho" – como vítima inocente de perseguições; todos têm muita pena por inocentes perseguidos – é uma das muitas técnicas usadas em grande escala. Apesar de ter levado um impacto, sua mente não está preparada para aceitar as denúncias que poderá ler e dirá:

"Não, não acredito, e mesmo que tivesse acontecido, foi muito antes da formação do Estado de Israel, isso não faz sentido nos dias de hoje, imagine, Israel, um país deste "tamanhinho".

Ambos os incrédulos foram ensinados desde pequenos, pela imprensa, de que toda a referência que discorde das opiniões e atos do sionismo é obra de anti-semita, anti-hebreu, anti-judeu, anti-sionista, portanto de "fascista", "nazista", palestino ou árabe, e é o que passará por suas cabeças.

Se assim realmente pensam, enganam-se redondamente, pois tem muito mais gente que não tolerará a efetivação desse diabólico plano, após conhecê-lo.

Leia, Estude, faça parte de um grupo que não aceita esta dominação mundial.

Algumas palavras livres

O nazismo foi um movimento totalmente deturpado pela mídia que sempre teve o controle judaico e os ditos horrores praticados estão sendo desmentidos à cada dia pelo revisionismo histórico. Já foi mais do que provado, pelo relatório Leutcher e sua posterior confirmação pela perícia polonesa, que Auschwitz não foi um campo de extermínio. Essa constatação levou o governo polonês a destruir, em 1990, o famoso monumento construído no local que fazia alusão a 4.000.000 de judeus mortos e teve a presença solene do papa João Paulo II na sua inauguração. Porque até hoje, após 9 anos, a mídia nunca noticiou este fato impressionante? Se existiu outra forma de extermínio sistemático porque omiti-lo e inventar uma mentira? Qual o objetivo disso? As respostas são claras no revisionismo histórico cujos pesquisadores são perseguidos por incapacidade de serem contestados. Os dados levantados não são poucos e se baseiam, muitas vezes, em relatos da imprensa judia da época e contradições dos sobreviventes do holocausto que insistem em lutar contra a ciência ao defender a existência das câmaras de gás.

Além de desmentir as intenções nazistas, os revisionistas mostram com provas incontestáveis o benefício que a crença do "Holocausto" trás para Israel e a diáspora. Ela ajuda sobretudo nas milionárias indenizações de guerra que a Alemanha paga a Israel anualmente (em 1992 este valor correspondia aproximadamente a 10 vezes a dívida externa brasileira). Cabe ressaltar que a Alemanha depois da guerra nunca representou um país alemão, seus dirigentes ou foram judeus sionistas ou judaizantes, à exemplo de Helmut Kohl, acusado atualmente de suborno.

Tenho outras informações bem interessantes. Abraços Volnei.

No Simpósio Revisionismo e Neonazismo, ocorrido na Faculdade de Direito da UFRGS, tais temas foram debatidos e analisados. Entre os intelectuais presentes, um dos organizadores concedeu-nos esta entrevista.

O Dr. Paulo G. Fagundes Visentini, diretor do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados, autor dos livros "10 Anos que Abalaram o Século XX" e "História do Século XX", entre outros, comenta o momento político, social e econômico atual e, sob a perspectiva histórica, descreve um quadro que é, no mínimo, preocupante.[...]

Os revisionistas buscam ocupar um espaço político mostrando que houve conspiradores, mentiras foram ditas durante muito tempo. O Revisionismo evoluiu rapidamente para o Negacionismo, ou seja, não há interesse em descobrir a verdade, mas a defesa da idéia de que as vítimas dos crimes seriam os reais culpados. Nega-se os grandes crimes de guerra cometidos no Terceiro Reich, baseando-se em elementos pseudocientíficos de pesquisa e de revisão da História.

Dado o baixo nível da educação escolar, é justamente entre jovens estudantes que se instalam essas idéias. Os desenhos animados que vêm na TV são a essência do individualismo e da competição, e a introdução de idéias de ódio ao diferente não seria uma surpresa. Vivemos numa civilização da imagem, de linguagem simples e primitiva, numa fantasia da "Rosa Púrpura do Cairo". É criada a sensação de que as coisas vão maravilhosamente bem e que nada preciso ser feito porque não há necessidade de mudança. A mídia edita as entrevistas para conformar as opiniões ao que acredita a priori.

Não falar para não provocar

Até recentemente, acreditávamos que o melhor era não falar, para que não houvesse um palco para as idéias extremistas se manifestarem.

Leia neste Site alguns Textos do Site **AAARGH** (Associação de Antigos Amadores de Recitais de Guerra e Holocausto)

#### A RAZÃO DE SER DO SITE REVISÃO HISTÓRICA

Um espectro assombra o mundo. O espectro do revisionismo. Dentre as muitas conotações de que a palavra «revisionismo» se tem podido revestir, a mais comum é, hoje em dia, a que refere como revisionistas aqueles que aceitam como fato demonstrado que o gaseamento em massa nos campos de concentração alemães durante o regime Nacional-socialista não pode ter ocorrido. Consideram ainda, juntamente com muitos especialistas, que não existem números fidedignos para as perdas inegavelmente grandes sofridas pelas comunidades judaicas durante a Segunda Guerra Mundial. Solicitam a aplicação dos métodos históricos objetivos usuais no sentido de analisar os acontecimentos que conduziram ao desfecho da Guerra, porque ela é uma parte integrante da nossa história comum.

#### **O REVISIONISMO NÃO É POLÍTICO E NÃO TEM UMA POLÍTICA PRÓPRIA**

O revisionismo é o fato de base de qualquer aproximação histórica. É nele que reside a diferença entre História e dogmática religiosa. Num dogma religioso, a verdade é suposta estabelecida e autenticada para sempre. Não existe lugar para a dúvida. O ser humano sente necessidade de certezas e pode encontrar conforto em dogmas estabelecidos há longo tempo no seio das suas culturas.

A História é uma procura de compreensão do passado a partir do ponto de vista do presente. Hoje, no momento presente, sentimos a necessidade de conhecer e compreender, nos nossos próprios termos, o que aconteceu há 20 ou 50 ou 500 anos. O que os nossos predecessores compreenderam é apenas uma parte do quadro completo. Precisamos REVER os seus julgamentos através da nossa maneira de pensar e talvez através dos documentos que encontramos ou que consideramos de maneira diferente. A nossa compreensão evolui em permanência. Isto é verdade para a interpretação de Átila ou de Júlio César, isto é verdade para a Renascença italiana ou para a Revolução Francesa. Isto será uma verdade inescapável para a interpretação da Segunda Guerra

Mundial e de todos os sofrimentos por ela criados em muitos locais do nosso pequeno mundo.

Os revisionistas pertencem a todas as tonalidades de convicção política. Mas têm sido vítimas dos mais viciosos ataques físicos, intelectuais e legais, coordenados e organizados por aqueles que se encontram comprometidos com a defesa de Israel e com os privilégios políticos, financeiros e militares que Israel consegue através de uma visão convencional, parcial e, em nossa opinião, enganadora da Segunda Guerra Mundial. É por esta razão que todos aqueles que foram vítimas desses ataques ferozes desenvolveram um sentido de solidariedade que ultrapassa as suas visões políticas individuais, vastamente diferentes entre si. Reconhecem que os fatos são de importância primordial e que deveriam ser estabelecidos pelos métodos convencionais para a escrita da História. A interpretação dos fatos é um problema pessoal de cada um e não diz respeito ao revisionismo em si. Os revisionistas, como tais, não se ocupam com raças e racismo, ou com os tabus estabelecidos pelo fiat deste ou daquele grupo, ou com algum pressuposto político ou alguma sugestão de que a verdade deva ser submetida a algum poder político ou alguma razão de estado.

Na Europa, nós, revisionistas de todos os quadrantes, queremos expressar a nossa gratidão àqueles que na Suécia controlam a Rádio Islã e estabeleceram o primeiro site revisionista europeu da Internet. Desde a queda da União Soviética, qualquer um pode ver que o Islã está indigitado como o próximo Inimigo Oficial que os nossos vendilhões de guerras, indústrias de armamento, lobbies petrolíferos e políticos impotentes necessitam. Como revisionistas, estamos habituados a distinguir o conteúdo de propaganda pateta das pseudo-notícias veiculadas pelos mídia. Sabemos que as falsidades políticas e históricas são os alicerces necessários para a preparação da guerra. Estamos comprometidos na luta contra essas falsidades quando as detectamos.

O espectro está a caminho de se materializar. A mídia, os círculos políticos, todos são invadidos pela ilusão de que a Internet está totalmente pervertida por uma conspiração revisionista imensamente poderosa. Como tem sido o caso durante os últimos 20 anos, o nosso enorme poder é quase inteiramente produzido por essa ilusão dos nossos adversários. Somos uma mão-cheia de indivíduos sem poder e com poucas ligações a ele, e sem dinheiro algum. Mas fizemos o nosso trabalho de casa. Sabemos de que falamos. Esta é a nossa única força; e num mundo de mentiras, meias-verdades e quase completa ignorância, esta força produz resultados extraordinários. Convidamos os nossos visitantes a percorrer o nosso site.

[...]

COMOVIDA SAUDADE

## 6 De Fevereiro de 1945

**António José de Brito**

Somos alguns poucos em Portugal os que não deixam passar um único aniversário desta data sem que se lhes aperte um pouco o coração e sem que na intimidade silenciosa dos seus ânimos não seja evocada com comovida saudade a memória deste poeta fuzilado.

Brasillach representa para nós algo mais que um magnífico talento literário ou um camarada de combate pleno de vigor que nos precedesse na luta. Para nós, acima de tudo, ele é o escritor que melhor soube compreender a beleza e a alegria da juventude e a melancolia dos que a vêem afastar-se irremediavelmente. Por isso, se exaltamos e admiramos outros — pensadores, panfletários, artistas —, é só nalgumas páginas de Brasillach que nós, os da geração que atingiu os trinta, descobrimos aquelas notas profundamente humanas e pessoais capazes de penetrarem em profundidade no nosso espírito e nos nossos sentimentos. E também por isso, se apreciamos, como o merecem, os seus romances, se consideramos as suas críticas modelares, se aderimos inteiramente aos seus mais provocantes artigos atentatórios da tranquilidade das consciências “bem pensantes”, a verdade é que lhe preferimos o livro de imagens e



evocações intitulado "Notre Avant Guerre", onde, com uma emoção e uma ternura de que mais ninguém era capaz, ele recorda os tempos que precederam a última conflagração e durante os quais, em companhia dos seus amigos, descobriu, com o ardor dos vinte anos, o mundo, a literatura, o cinema, o Fascismo.

Em "Notre Avant Guerre" está um pouco de todos nós, da nossa mocidade — embora passada sob céu diferente —. Apesar das distâncias, apesar das diferenças de época, algo de comum nos liga a Brasillach como a um irmão mais velho que, antes de nascermos, tivesse abandonado a casa paterna. E, assim, quantas e quantas vezes, ao lermos e relermos as páginas em que, com uma amena e doce calma, nos descreve a sua vida de estudante, as suas amizades, os seus entusiasmos, os seus primeiros triunfos, sentimos em nós o eco das recordações análogas, embora infinitamente mais modestas.

Sim! Também fomos jovens e tivemos camaradas. E se não percorremos as ruas de Paris nem andámos sob os tectos da Escola Normal nem discutimos desde Deus até à "L'Action Française" com Bardèche, Thierry-Maulnier, José Lupin, o certo é, porém, que na fantástica e encantada Coimbra, por noites de inverno e noites de verão, falávamos de omne re scibili e, igualmente, Maurras e os seus estavam presentes nas nossas furiosas controvérsias.

Não conhecemos René Clair, nem vimos "Le Million", e "À Nous la Liberté", e de "Sous les Toits de Paris" unicamente aprendemos de um disco envelhecido a suave melodia que acompanha o filme. Mas não deixou de ser para nós algo de extraordinário a descoberta de "Le Silence est d'Or" e, mais para diante, de "Les Grandes Manoeuvres" e de "Porte des Lilas", com a sua discreta, sorridente e fina melancolia.

Não assistimos ao Hamlet representado por Georges e Ludmilla Pitoëff. Lembramo-nos, todavia, do momento inolvidável em que nas telas de modestos cinemas de província Lawrence Olivier nos mostrou Hamlet e Henrique V e Ricardo III, abrindo os nossos olhos para a compreensão do milagre shakespeariano.

Não colaborámos num "Je Suis Partout" com Pierre Antoine Cousteau, Lucien Rebatet, Alain Laubreaux, Henri Lèbre, André Algarron, Robert Andriveau, André Nicolas; contudo, alinhávamos prosas em pequenos jornais de polémica e doutrina a que demos o melhor do nosso esforço, do nosso entusiasmo, da nossa fé.

Não convivemos com Charles Maurras ou Henri Massis. No entanto, se não visitámos o autor da "Anthinea" na prisão ouvindo-o discorrer acerca do comunismo, da Provença, da França, e se não percorremos as ruas de Montmartre com o ensaísta da "Défense de l'Occident" que evocava os pintores barbudos de 1900 e recordava Péguy e Barrès, ali, na Madre de Deus, no poente de algumas tardes de outono, escutámos quem muito bem podia ombrear com eles: Alfredo Pimenta; com frases despreziosas mas incisivas, expunha-nos o seu próximo comentário político para "A Nação", descrevia-nos a fundação da "Acção Realista", falava-nos da Europa vencida, da destruição do Ocidente, dos culpados de tantas ruínas e iluminava-nos as rotas do pensamento e da acção.

Não presenciámos la dure floraison des jeunesses nationalistes, não percorremos a Espanha em guerra, a Itália de Mussolini, nem estivemos no Congresso de Nuremberga, nem na Frente Leste com a Legião de Voluntários Franceses anti-bolchevista; não deparámos com o Fascismo nas suas horas altas de triunfo, imensa maré cheia que invadia o continente com os seus desfiles imensos, as saudações de braço estendido, a oratória inflamada, as milícias armadas, os cânticos e os estandartes multicolores, os campos de trabalho e as viagens, a mística da Nação e do Chefe. De tudo isso só guardamos umas vagas lembranças relativas ao conflito espanhol: os cortejos com donativos para Franco, a notícia de alguns compatriotas que partiam para a luta, o cerco do Alcazar, a criação da Legião e da Mocidade Portuguesa, as atrocidades vermelhas.

De qualquer modo, porém, foi para nós o Fascismo, como o foi para Brasillach, o encontro supremo, a revelação inesquecível da nossa juventude: sim esse Fascismo que víamos caluniado, prostrado, perseguido, difamado, humilhado e não sob o sol exaltante da glória. E que nos importava isso! Vencedor ou vencido, era sempre o mesmo Fascismo, com o seu ethos de camaradagem viril, o seu gosto da grandeza, o seu desdém dos valores burgueses, a sua apologia da coragem e da disciplina, o seu alto idealismo, a sua exaltação do que é sóbrio, sadio, nobre, a sua aspiração à unidade, à totalidade, ao universal.

No Fascismo nos encontramos plenamente com Brasillach ao comungarmos todos, por inteiro, na atmosfera daquela revolução que foi a Revolução do século XX e que, seja o que for que as propagandas digam ou proclamem, representa um dos mais altos momentos da história do espírito humano.

As evocações e imagens de "Notre Avant Guerre" tiveram a sua conclusão brutal com a condenação do seu autor. Sobre a ocupação, sobre a sua prisão, deixou-nos duas obras mestras: "Journal d'un Homme Occupé" e "Lettres Écrites de Prison". Aí, o drama de Brasillach ergue-se a alturas onde já não é lícito segui-lo senão com uma admiração recolhida e uma veneração sincera.

Brasillach soube ser digno de quantos nele acreditaram, soube ser fiel até ao fim. Fidelidade profunda e íntima a sua, e não apenas ditada pelo pudor de se não renegar perante ameaças; poucos dias antes do seu processo, em carta, escrevia. " Quant a l'essentiel, je n'ai pas changé ". Certo, já não acreditava na eficácia da acção nem na possibilidade de salvar o seu país nem até, talvez, que este merecesse ser salvo. Porém, a devoção pelas suas ideias proscritas e pelos seus camaradas ( Le Drapeau Noir et les Copains ), essa, mantinha-se intacta. As atitudes que tomou frente aos juizes não foram, pois, uma demonstração apenas de valentia e de panache. Foram a expressão viva do que lhe ditava a consciência.

Destemido, incapaz de aceitar as soluções de menor risco, Brasillach afrontou corajosamente o pelotão de execução. Ao contrário do que tantas vezes acontece, não foi pela sua bela morte que a sua vida tomou significação e nobreza. A morte esplêndida veio tão só coroar uma vida plena de estilo e dignidade. Nunca um tão belo morrer teve um tão belo viver a corresponder-lhe.

Passaram-se, no rodar dos tempos, os aniversários do dia fatídico em que Brasillach deixou de estar entre nós. Jamais esquecemos até agora, e creio bem que jamais esqueceremos no futuro, o valor sem par do seu exemplo e do seu sacrifício.

Desdenhava ele os espessos bens deste mundo mas apreciava com funda estima tudo o que na terra havia de terno e suave. Quando a tragédia se avizinhou, tinha já passado aquela idade juvenil e louca em que a todo o instante se espera e deseja a aventura e o perigo.

Não foi, pois, com o ímpeto cego e temerário da mocidade estreme que Brasillach se precipitou nos braços revoltos dos acontecimentos. Pelo contrário! Muitas coisas guardava no coração que não desejava perder. Todavia, sem que o dissesse com largos e retóricos gestos, sem que o proclamasse atroadoramente, ele, com a sua discreta e ingénita delicadeza, entendia que acima de tudo estava um certo modo de pensar e existir, pelo qual valia a pena até sucumbir e perecer.

Não era um estóico desdenhoso de quanto o circundasse. Sofria ao ter de abandonar os entes que amava. Nada o deteve, contudo, no caminho que traçara a si próprio. Com serenidade grave aceitou o destino cruel que se lhe oferecia, sem um queixume, sem uma fraqueza.

6 de Fevereiro de 1945!

ECONAC

CÂMARAS DE GÁS

### **Auschwitz, Birkenau, Majdanek: "Fábricas da Morte" ou Câmaras Mortuárias e de "Desinfecção"?**

**Anónimo**

Dizem-se *revisionistas* da história da Segunda Guerra Mundial.

Aos que os acusam *de querer* negar as «perseguições raciais», as «deportações», os «campos de concentração», os «fornos crematórios» e os «testemunhos», dizem que não. Não negaram. Mas não subscrevem a existência de câmaras de gás homicidas em Auschwitz, Birkenau e Majdanek, porque os exames forenses efectuados por Jan Sehn em 1945 não chegaram a elas.

Três nomes: **Paul Rassinier**, **Robert Faurisson** e **Henri Roques**. Três obras: *Le mensonge d'Ulysse - Ulysse trahi par le siens*, *Mémoire en défense - Réponse à Pierre Vidal-Naquet* e uma tese sobre as «confissões» de Kurt Gerstein. Estão proibidas em França, mas dizem congregar no seio do seu movimento gente de todos os credos e convicções políticas: cristãos e judeus, muçulmanos e ateus.

[Ver <http://aaargh.com.mx/fran/livres/livres.html> ]

Oficialmente, estão interditos em França. Revisionistas de direita, tal como se apresentam em público defendem teorias que julgam ir enformar «**a grande aventura intelectual deste fim de século**».

Mas há também os que não são nada favoráveis a estas «revisões históricas». «Os nossos adversários», queixam-se os revisionistas franceses, ainda hoje «procuram vedar-nos o acesso aos *media* ou proibir as nossas conferências. Até o direito de resposta, que nos devia assistir constitucionalmente, é muitas vezes ignorado. Em alternativa, querem impor-nos à força o tribunal, o cárcere, o asilo, o hospital ou a morgue.

Num manifesto, divulgado há dias nos meios políticos de Paris, os revisionistas vieram contestar que a História pudesse ser declarada administrativamente. «Tem de ser provada todos os dias», acrescentavam. Só que os intelectuais franceses não dão mostras de querer compreendê-los. Ou compreendem mal. Simone Veil chama-lhes «palhaços», Bruno Frappat «*gangsters* da história» e Pierre Vidal-Naquet «excrementos»...

### **Rever ou não rever a História do pós-guerra**

Acusados de pretender «negar a realidade», ser «agentes provocadores» ou tentar «falsificar a própria história», resta-lhes resistir aos raciocínios falaciosos da literatura do Holocausto. (Segundo o ponto de vista revisionista, ela parte de uma premissa falsa: a de que, em nenhuma circunstância, seria necessário ou sequer útil, saber como é que tecnicamente os nazis puderam cometer as atrocidades relatadas no fim da Segunda Guerra Mundial.

Os seguidores de Paul Rassinier, ex-deputado de Buchenwald, pacifista e literário, ex-deputado socialista e fundador do *revisionismo histórico* defendem o debate público destas questões.

Protegem-se à sombra da seguinte argumentação: afinal, já se renunciou aos *mitos* de que em 1944 o Exército alemão decepava as mãos dos recém-nascidos belgas e fazia depois uso das «fábricas da morte» para transformar os cadáveres em sabão ou fertilizantes; afinal, foram os soviéticos quem procedeu à execução sistemática, nos bosques de Katyn, de 11 mil oficiais polacos.

Se a esta lista acrescentarmos o Relatório Leuchter, que em Abril de 1988 concluiria pela total «impossibilidade física e química dos gaseamentos em Auschwitz, Birkenau e Majdanek, e as revelações recentes do agente duplo Oleg Gordievsky, que afirma nas suas *Memórias* ter tido sob visto o *dossier* Raoul Wallenberg, que o dá como «executado» pelo KGB em 1947, na prisão de Lubyanka», as dúvidas avolumam-se.

### **A «mão dos vencedores»**

Um notório «revisionista» privado da sua cátedra, o professor Robert Faurisson, chamava a atenção há um ano para que a história do pós-guerra tinha sido escrita pela «mão dos vencedores».

A 16 de Setembro, pagaria caro ter colocado em questão se a literatura do Holocausto não poderia, ela também, ter dado abrigo a muitas mentiras e imprecisões históricas. Nesse dia, havia de ser alvo de uma «tentativa de assassinato», à porta da sua casa, em Vichy perpetrado por três jovens de um grupo até então desconhecido, os *Filhos da Memória Judia*.

Referindo-se à ocorrência, Serge Klarsfeld, diria aos microfones da *Rádio J* que não se tratava de nada de tão surpreendente, como se pretendia fazer crer, «pois alguém que insiste em provocar a comunidade judia há tantos anos, deve contar com este tipo de reacções. Não se pode ao mesmo tempo insultar a memória do, vítimas e esperar que não haja consequências. Isto é algo que talvez — eu próprio — possa lamentar, mas é normal, até natural, acrescentou. Klarsfeld, nas poucas linhas que escreveria dois dias depois num periódico em que colabora, *La Lettre Télégraphique Juive/Jour J*, titularia «Faurisson vítima das suas provocações», a justificar como tinha sido a boa *lição* de democracia...

Muito diferente seria a posição do reputado historiador e docente universitário Sorbonne, Jean Tulard, especialista no período napoleónico aos microfones da *Rádio Luxemburgo* «Há (nas teses de Robert Faurisson) uma demonstração muito rigorosa, muito lógica, perfeitamente argumentada», diria no mês seguinte à revista *Le Choc du Mois*.

Houve ou não «gaseamentos» e política «de extermínio»?

Confrontar a versão do brasileiro Marcos Margulies, sobre o que seria hipoteticamente a «capacidade máxima de incineração existente nos campos de concentração de Auschwitz e Birkenau com as conclusões do Relatório Leuchter parece ser hoje um dos principais motivos de tensão entre os «revisonistas» e os seus «adversários» para quem os gaseamentos em massa «foram possíveis tecnicamente porque tiveram lugar». (...) «Não há, não pode existir qualquer debate sobre, a existência das câmaras de gás», tinham advertido 34 historiadores no jornal *Le Monde*, em 21 de Fevereiro de 1979.

Margulies, ignorando que tecnicamente só se podiam incinerar diariamente 354 corpos em ambos os campos de concentração, conclui que em cada um dos quatro «modernos crematórios de Birkenau, morriam 24.000 que pessoas por dia. Margulies não conheceu os campos. E desconhecia tanto o Relatório Leuchter, como o facto de, antes do dia 29 de Julho de 1988, quando foi assinado um acordo entre os investigadores americanos do Memorial das Vítimas do Holocausto e os responsáveis pelo Arquivo Nacional Soviético, «ninguém podia dispor de dados exactos sobre a alegada política nazista de extermínio.»

### **O Relatório Leuchter...**

De facto o relatório elaborado pelo engenheiro Fred A. Leuchter Jr., um especialista americano nas execuções por gás responsável pelo projecto e fabrico dos equipamentos usados em todas as penitenciárias dos Estados Unidos, aponta noutro sentido. Leuchter, deslocou-se com a sua mulher Carolyn, o desenhador Howard Miller, o operador de câmara Jürgen Neumann e um intérprete polaco, Theodor Rudolph, a Auschwitz, Birkenau e Majdanek, entre 25 de Fevereiro e 3 de Março de 1988.

Fê-lo a pedido de Robert Faurisson, que o contratou em nome de Ernst Zündel para efectuar «uma missão de investigação e avaliação judicial dos crematórios, existentes, e das alegadas execuções por câmaras de gás postas em acção pelos alemães na Polónia», apresentando de seguida a sua opinião profissional.

Esta missão, que os revisonistas consideram «histórica», pretendia «determinar se as execuções por gás — o Zyklon B —, tal como as instalações crematórias, podiam ter funcionado do modo que lhes foi atribuído pela literatura do Holocausto».

Após a recolha das amostras e da sua «transferência» para território norte-americano, onde seriam analisadas nos Laboratórios Alpha, em Ashland, Massachusetts, os técnicos da «Fred A. Leuchter Associates», viriam a comprovar o que os revisonistas haviam revelado já na Primeira Convenção do «Instituto de Revisão Histórica de Los Angeles» em 1979.

Tratava-se de câmaras mortuárias — necrotérios ou morgues — ou até de câmaras de gás «de desinfecção», mas não de câmaras de gás «homicidas».

### **E as «conclusões» técnicas**

Ao longo de 193 páginas Leuchter, por ironia técnico de um país que lutou contra a Alemanha nazi, dava como provado que «as alegadas câmaras de gás, nos locais inspeccionados, não poderiam ter sido então, nem poderiam ser agora usadas ou seriamente levadas em conta para funcionar como câmaras de gás para execução». Concluía não existirem «quaisquer vestígios de cianureto, ou então níveis extremamente baixos» à excepção de um compartimento, indicado como «Sala de Despiolhamento número um» de Birkenau, em que «a amostra de controle n.º 32 apontava para a possível desinfecção, dos alegados crematórios durante a guerra».

Sim, o gás de hidro-cianureto é «um dos venenos mais poderosos, é altamente tóxico». Só um miligrama para um quilo de peso do corpo humano pode matar, pois não tem praticamente qualquer efeito irritante indicativo, dizem os revisonistas. Mas por outro lado não, pois podia também ter sido utilizado na destruição de piolhos e similares, em operações de desinfestação...

### **Explicações «revisonistas» e ficção.**

As dificuldades de adaptação, carência alimentar, precariedade na assistência sanitária, promiscuidade e transporte em condições degradantes dos deportados para o Leste, os surtos epidémicos, os bombardeamentos aliados, a morte na frente russa, e as condenações à morte por «participação em acções de guerrilha e sabotagem» contra as tropas alemãs, bem como os maus tratos infligidos aos prisioneiros de guerra em *ghettos* geridos pelo Governo Civil judaico permitem, segundos os revisonistas, explicar outras tantas mortes, que a história não quis registar.

Escritores insuspeitos, como Jean-François Steiner em *Treblinka* ou Leon Uris em *Mila 18*, glosaram esta omissão histórica por diversas vezes. A razão próxima era, segundo eles, a pressão dos movimentos sionistas que recorriam a tudo para criar o Estado de Israel, como de facto viria a acontecer, em 1948. (Max Kleperman e a sua *quadrilha de trapaceiros* (judeus) constituem, um dos modos de ver a triste *ficção* do *Judenrat*.

A esta conhecida percentagem de L. Uris, J.F. Steiner delineou o que julga serem os *kapos* que dispunham de uma polícia própria, a *KZ*, para administrar os blocos judeus nos campos de concentração. Mais tarde, a exemplo de um verdadeiro réu confesso por «crime e espoliação» como Stanilaw Szmajzner — usado em Dusseldorf como testemunha contra o comandante alemão de Treblinka e Sobibor, Franz Stangl — seriam eles a ser chamados para arredar em Nuremberga os escolhos do «cumprimento estrito do dever legal» por parte dos oficiais alemães.

Quer o *Manual Britânico das Leis Militares* de 1929 quer *Basic Field Manual Rules of Land Warfare* norte-americano seriam alterados na Conferência de Teerão de 1944, para permitir a punição dos «criminosos de guerra nazistas». Mas no *ghetto* de Varsóvia, o que Leon Uris punha na boca de um miúdo era: «Não esconda o seu anel de ouro, mãe/ As suas oportunidades são quase nulas/ Pois, se alguém antes não o encontrar/ Kleperman, o *goniff* o fará... »

### **A teoria dos números errados**

Os revisionistas defendem a pés juntos que Nuremberga foi *ilegal*, que o filme *Shoah* foi uma «falsa exploração» e que não são de fiar os números de mortos *desencontrados* divulgados antes de 1988.

Os arquivos soviéticos sobre Oswiecim (Auschwitz) falam em 74 mil mortos. Simplesmente, Gerard Reitlinger (*The Final Solution*), Raoul Hilberg «*La destruction des juifs d'Europe*» ou Yehuda Bauer (director do Institute of Contemporary Jewry, na Universidade Hebraica de Jerusalém), fazem variar essas mortes entre as 850 mil e mais de um milhão e meio de vítimas. O antigo comandante do campo, Höss, confessou 3 milhões, menos um do que está inscrito na placa que inaugurou o Monumento de Auschwitz-Birkenau, em 1945. O próprio *Le Monde*, diminuiu quase quatro vezes o número de mortes, entre 1978 e 1989. O Centro de Documentação Judaica de Simon Wiesenthal, que forneceu o número de vítimas para a primeira edição de *Os Assassinos entre nós* (1967) falava em 11 milhões. «Sem comentários», dizem os revisionistas no seu Manifesto. E perguntam: «É preciso proibir os revisionistas? Então agora é proibido colocar questões?»

In *O Diabo*, págs. 28/30, 30.10.1990  
2004 ECONAC

MEU LIVRO

## **Holocausto Judeu ou Alemão ? Nos Bastidores da Mentira do Século**

**S. E. Castan**

No dia 26/4/87, o jornal *Zero Hora* publicou um comentário intitulado “Holocausto: Quando é preciso lembrar”, de autoria do Sr. Isaac Ainhorn, que fez diversas citações errôneas a respeito do meu livro “HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO ? NOS BASTIDORES DA MENTIRA DO SÉCULO”, apesar de não ter citado o título do mesmo.

Na qualidade de autor deste livro, cumpre-me dar alguns esclarecimentos aos leitores pois, pelo que o Sr. Isaac comentou no seu artigo, eu fiquei em dúvida: ou ele não leu o livro ou propositadamente distorceu o que consta do mesmo.

Numa passagem do seu artigo o Sr. Isaac cita “a morte de 6 milhões de civis que nunca estiveram em guerra com ninguém, que não eram soldados, que não usavam armas”.

Justamente este mágico número de 6 milhões é que motivou a expressão do meu livro de Mentira do Século. À pg. 210, eu cito as palavras do Dr. Listojewski, um judeu,

que declarou há 35 anos atrás: “Como estatístico tenho me esforçado durante 2 e meio anos em averiguar o número de judeus que pereceram durante a época de Hitler (1933-1945). A cifra oscila entre 350.000 e 500.000. Se nós, os judeus, afirmamos que foram 6.000.000, isto é, uma infame mentira”. Note-se que faz ref. a um período de 6 anos antes da guerra e aos quase 6 anos da II Guerra Mundial. Esta afirmação portanto não é minha, é de um judeu! Chamo a atenção dos leitores de que a média, encontrada pelo Dr. Listojewski, incluindo os 6 anos antes da guerra, se situa em 425.000 mortos, número inferior aos alemães mortos em APENAS 48 horas, em fevereiro de 1945, na cidade de DRESDEN, por ataques aéreos de extermínio contra a população alemã!

Deve ser levado em consideração também o Informe do estatístico alemão Richard Koherr, pertencente às forças de defesa SS, que dá o número de judeus que morreram em todos os campos de concentração alemães, durante o período em que eram administrados por alemães, durante toda a guerra: 27.347!

A citação de Auschwitz, em 1944, ser um campo de repouso, um sanatório, com pavilhão de artigos de luxo etc., não é minha, mas do judeu Bernard Klinger, no seu livro “O caminho que nós andamos”. O Sr. deve portanto reclamar a ele.

No comentário, o Sr. Isaac insinua que no meu livro estaria escrito que o gás não era letal... Totalmente negativo! Eu deixei bem claro que, de acordo com os depoimentos apresentados, de conhecidos “astros”, que se apresentam como “testemunhas oculares”, não dá para acreditar que tenham existido câmaras de gás para extermínio de pessoas!

O Sr. Isaac fala de civis que nunca estiveram em guerra com ninguém, que não eram soldados, que não usavam armas... Eu tenho em meu poder uma fotocópia do jornal Daily Express, de Londres, do dia 24/3/1933, portanto 6 anos, 5 meses e 8 dias antes de iniciar a guerra entre a Alemanha e a Polónia. Na 1ª página, o principal título é “Judea declares war on Germany”, e nos subtítulos “Jews of all the world unite”, mais “Boycott of German goods” e ainda “Mass demonstrations”. Estes títulos podem ser traduzidos: “Mundo judaico declara guerra à Alemanha”, “Judeus de todo o mundo unidos”, “Boicote às mercadorias alemãs” e “Demonstrações de massa”. Para a guerra econômica, que antecedeu à guerra convencional em mais de 6 anos, não se necessita de soldados nem armas, que podem ser substituídos pela Imprensa e pelo Capital.

O Sr. Isaac comenta que as fotos horrendas não eram fotomontagens. Que ninguém diz por que os judeus estariam mentindo, para passarem por vítimas?... O que ganhariam como isso?... Quanto às fotos constantes do meu livro é bastante fácil verificar quando se trata de montagens ou fotos autênticas. Quanto à outra parte, acredito que ele poderá obter resposta junto ao Ministério da Finanças da República Federal Alemã, que passivamente, após mais de 40 anos, continua pagando indenizações.

O pior lance do Sr. Isaac porém acontece quando cita que o livro faz parte de uma campanha anti-semita clara e evidente, feita pelo neonazismo que se torna notório... Anti-semita por revelar vários fatos históricos envolvendo o sionismo? Por revelar depoimentos mentirosos de escritores e de testemunhas oculares? Por ter citado Chamberlain, de que foram os Sionistas os responsáveis pelo início da II Guerra Mundial? Quem discordar dos que pretendem ser os donos da Verdade Histórica e revelar suas contradições e mentiras é neonazista? Fico admirado pela facilidade como se lançam títulos em quem se nega a dançar a música sionista!

Ao contrário do que parece acontecer no caso do Sr. Isaac, eu não sou porta-voz de nenhum movimento ou grupo do nosso país ou do exterior. Sou brasileiro e não troco! Como industrial, com relevantes serviços prestados ao estado e ao país, meu passatempo predileto sempre foi e continua sendo a pesquisa sobre a II Guerra Mundial. Desta pesquisa é que surgiu o “HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO? NOS BASTIDORES DA MENTIRA DO SÉCULO”.

Reitero que tenho a mínima restrição ao que professam a religião judaica, que de mim têm o mesmo respeito que os católicos, evangélicos, budistas, muçulmanos, islamitas, etc.

**NÃO ACEITAREI, CALADO, QUE EVENTUALMENTE SIONISTAS, SEUS AGENTES OU REPRESENTANTES VENHAM, NA MINHA PÁTRIA, EXERCER PRESSÕES OU TACHAR DE ANTI-SEMITA E NEONAZISTA A UM BRASILEIRO, QUE APÓS EXAUSTIVA PESQUISA PUBLICOU UM LIVRO QUE CONTRARIA SUAS OPINIÕES E O MAR DE LIVROS, FILMES, “MINISSÉRIES” DE TV E NOTICIÁRIOS INTERNACIONAIS, QUE POLUEM A HISTÓRIA E QUE FORAM ESPALHADOS PELO MUNDO.**

Será que alguém ainda é capaz de acreditar quando as “Agências Internacionais” informam que morreram apenas 5 pessoas e 16 ficaram feridas, num ataque de 10 dos mais mortíferos aviões de Israel contra um povoado de refugiados palestinos, onde tudo ficou revirado como no pior dos terremotos? Será que acreditam quando noticiam que 4 israelenses ficaram feridos por uma bomba, que explodiu num supermercado em Jerusalém? Nas 2 notícias estamos lidando com manipuladores mentirosos, os mesmos, pois no 1º caso o número de mortos e feridos foi reduzido para não revoltar o mundo ainda mais pela selvageria do ato, e, no 2º caso, também foi atenuado, desta vez para não apavorar ainda mais os próprios habitantes de Israel, pois poderia provocar ainda mais imigrações.

*Correio do Povo*, de Porto Alegre, 29/5/87  
RGS - Brasil  
<<http://www.revision.com.br/imagens/Brasil.gif>>  
Criada em : 01 / Jun / 1999. Atualizada em: 16.09.2001

AULA

## Holocausto 101

(Janeiro de 1996)

O documento abaixo foi preparado e afixado no Zundelsite como uma "Introdução ao Pensamento Revisionista" durante a primeira semana de Janeiro de 1996. Era seu propósito lançar o debate na Internet com outro local da rede, Nizkor, um servidor do "Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto".

Este debate foi abortado após o Centro Simon Wiesenthal ter sido notificado deste debate, tendo-se lançado imediatamente numa ofensiva em larga escala, começando com um artigo no New York Times em 10 de Janeiro de 1996, seguido de 2000 cartas a Fornecedores de Serviços Internet e a presidentes de universidades numa tentativa de evitar a publicação de material Revisionista na Rede.

Em resposta a este movimento de censura, "jovens dos computadores" e jornalistas do ciberespaço no mundo inteiro "abrigaram" o Zundelsite criando Espelhos do Zundelsite. De meados de Janeiro a meados de Fevereiro, foi um grande drama electrónico enquanto nas mais prestigiadas universidades "Espelhos do Zündel" apareciam espontaneamente. Temos conhecimento de Espelhos-Zundel tão longe como na Austrália.

O resultado eventual deste primeiríssimo levantamento do Ciberespaço na Internet foi a lei Acto de Decência nas Comunicações nos EUA, levada ao Congresso dos EUA por grupos de interesses especiais mas recentemente recusada como inconstitucional por três juízes de Filadélfia.

Este julgamento, presentemente, está em apelo.

A luta pela Liberdade de Expressão na Rede continua.

### **Ernst Zündel Responde:**

Refutação #1:

Antes de entrar na refutação propriamente dita, gostaria de chamar a atenção para alguns pontos importantes no sumário detalhado e elaborado (de Nizkor):

1. Sou descrito por Nizkor, citando a Security Intelligence Review Committee do Canadá, como "...um prolífico editor de literatura de ódio." O que não é minimamente correcto.

No Canadá, a distribuição de literatura de ódio é uma ofensa criminal, tal como o assalto a bancos e a molestação de crianças. Se me chamarem ladrão de bancos e eu não for um ladrão de bancos, isso é chamado difamação. Se me chamarem molestaador de crianças e eu não for um molestaador de crianças, isso também é chamado difamação.

Se me chamarem numa publicação electrónica "...um prolífico editor de literatura de ódio." Estão igualmente a difamar-me.

Vivi e trabalhei no Canadá durante quase 40 anos e nunca fui condenado por ter publicado e/ou distribuído literatura de ódio nesse país. Nem sequer fui acusado de haver publicado e/ou distribuído literatura de ódio no Canadá, embora no Canadá existam coisas como as "leis do ódio." De facto, vários organismos judiciais e policiais, após estudos extensos, ilibaram-me precisamente dessa acusação. Caso houvesse provas, os meus inimigos teriam garantido que seria acusado e condenado.

Fui acusado de "...espalhar notícias falsas", uma acusação frívola levantada contra mim por uma multi-milionária Judia descontente. Esta acusação custou aos Canadianos aproximadamente \$6 milhões... e tudo isso para quê? O Tribunal Supremo do Canadá decidiu por fim que a sociedade pode ser enriquecida pela diversidade cultural e intelectual, o que incluí pontos de vista impopulares sobre a história e outros assuntos desconfortáveis para certas minorias.

Em seguida sumario 8 pontos que vão servir como Revisionismo 101 do "Holocausto." Antes de o fazer, gostaria de esclarecer o que quero dizer quando me refiro a certos indivíduos e grupos colectivamente como "Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto."

Utilizo a frase como um termo genérico para descrever as pessoas que têm um manifesto interesse em manter vivo o Mito do Holocausto e que actuarão politicamente para garantir que isso aconteça.

O Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto é uma construção para resumir, com o objectivo de ser um atalho para descrever um subconjunto da raça humana, de que a maior parte mas não a totalidade são Judeus, com características sociais e políticas únicas e identificadoras e dedicados à manutenção e realce dum dogma chamado o "Holocausto."

Utilizo esta frase como resumo de propósitos, tal como "A Geração da Flor" que descreve uma cultura juvenil hedónica ou "O Jet Set" que descreve os ricos.

Deixarei a cargo de cada indivíduo, Gentio ou Judeu, a tarefa de decidir por si próprio se pertence ou não a esse grupo.

O que os Revisionistas oferecem em seguida são os conhecimentos mais avançados do Revisionismo hoje em dia. A palavra final ainda não foi proferida; há-de vir o dia em que as pessoas em todos os tipos de disciplinas se debruçarão no obscuro tema do "Holocausto" e descobrirão por si próprias o que é verdade e o que não é.

Para capturar a essência do que se segue, os leitores precisam de compreender que, após anos de insistência em que "...os Revisionistas NÃO MERECEM resposta!" e recusa em aceitar o debate, no início do ano estava efectivamente planeado um debate sério - pelo menos foi o que pensámos.

Um movimento de censura abrangendo o mundo inteiro foi activado para impedir que este debate acontecesse. Em parte este esforço da nossa oposição fez com que aparentemente Nizkor recuasse no debate, insistindo que falaram meramente em "ligação." É infeliz que não tenha havido um debate, mas isso são águas passadas.

Os indivíduos do Nizkor dizem agora que preferem "ligar", portanto vamos deixá-los "ligar." Nós teríamos gostado de um debate sério com respeito e cooperação mútuos. Contudo, isso não estava destinado, mas como tínhamos prometido que responderíamos a uma refutação, é isso que estamos a fazer agora.

A modos de introdução, o Revisionismo afirma-se como um movimento de renascimento intelectual no mundo inteiro. As pessoas começam a fazer perguntas sobre o Holocausto. Estas perguntas são desconfortáveis. O Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto não pode continuar a ignorar o interesse global nos VERDADEIROS factos acerca de cada uma das obscuras reivindicações relacionadas com o "Holocausto" gritando "Anti-Semitismo!"

Em essência, as afirmações do Revisionismo podem ser agrupadas em oito tópicos razoavelmente distintos. Os tópicos são, tal como elaborados em seguida:

**1. O Revisionismo afirma: o Holocausto é uma útil propaganda pós-guerra que começou como uma campanha insidiosa e sistemática durante a Segunda Guerra Mundial como uma das tácticas empregadas pelos interesses endinheirados para motivar as tropas e envolver o mundo, especialmente a América, no que acabou por ser, essencialmente, uma guerra fraticida.**

O princípio por trás desta propaganda era: "Arranjemos um inimigo para matar um inimigo."

Como é que isto era feito? À moda antiga, com meios testados pelo tempo.



Sofisticada propaganda de tempo de guerra sobre as alegadas "atrocidades" do inimigo não é nada de novo. É uma efectiva arma psicológica, empregada rotineiramente para manter as tropas nacionais combativas de modo a que acreditem que estão a lutar por uma causa justa e patriótica. O inimigo é comparado ao diabo em histórias de atrocidades sistemáticas. Os média repetem incessantemente como o inimigo é cruel e demoníaco.

Esta técnica foi usada pelos aliados - extensivamente. Eis aqui uma prova:

Em 29 de Fevereiro de 1944 o Ministério Britânico da Informação enviou a nota seguinte ao clero mais importante e à BBC:

Senhor,

Tenho ordens do Ministério para lhe enviar a seguinte circular:

É muitas vezes dever de bons cidadãos e Cristãos pios fazer vista grossa às peculiaridades daqueles que estão associados connosco.

Mas por vezes é necessário que essas peculiaridades, embora ainda que negadas em público, sejam levadas em conta quando é necessário efectuarmos acções.

Conhecemos os métodos de governo empregues pelo ditador Bolchevique na Rússia através, por exemplo, dos escritos e discursos do Primeiro Ministro durante os últimos vinte anos. Só recentemente tomamos conhecimento da maneira como o Exército Vermelho se comportou na Polónia em 1920 e na Finlândia, Estónia, Letónia, Galícia e Bessarábia. Temos, portanto, de tomar em conta a maneira como o Exército Vermelho certamente se comportará quando dominar a Europa Central. A não ser que se tomem precauções, os horrores obviamente inevitáveis que resultarão colocarão indevidamente a opinião pública sob tensão neste país.

Nós não podemos reformar os Bolcheviques mas podemos fazer o nosso melhor para os salvar - e a nós próprios - das consequências dos seus actos. As revelações do quarto de século passado farão com que meras negações não sejam convincentes. A única alternativa à negação é desviar a atenção do público de todo o assunto.

A experiência mostrou que a melhor distracção é a propaganda sobre atrocidades dirigida contra o inimigo. Infelizmente o público já não é tão susceptível como nos dias da "Fábrica de Cadáveres", os "Bebés Belgas Mutilados" e os "Canadianos Crucificados."

A vossa cooperação é portanto fervorosamente desejada para distrair a atenção pública dos actos do Exército Vermelho através do vosso apoio incondicional às várias acusações contra Alemães e Japoneses que foram e serão postas em circulação pelo Ministério.

A vossa expressão de acreditarem nestas acusações pode convencer os outros.

Eu sou, senhor, o Vosso obediente servidor  
(assinado)

H. Hewet, Secretário assistente

Havia ainda um pós-script, tal como se segue:

O Ministério não pode entrar em correspondência de qualquer género em relação a esta comunicação que só deve ser revelada a pessoas responsáveis. (Rozek, Edward J., *Allied Wartime Diplomacy: A Pattern in Poland*, John Wiley and Sons, NY. pag. 209-210)

Este é um documento verdadeiramente aterrador. Esta carta é uma ampla evidência que durante a Segunda Guerra Mundial, os Aliados usaram a propaganda de atrocidades contra a Alemanha de Hitler para distrair a atenção do seu próprio povo das atrocidades que estavam sendo cometidas primariamente mas não exclusivamente pelo Exército Vermelho - os "camaradas" deles! - na invasão da Europa quando a guerra de Hitler se aproximava do fim.

Note-se, contudo, que nada nesta carta mencionava gaseamentos de pessoas. Porque não? Porque propaganda de atrocidades tola é outra coisa. A acusação das câmaras de gás foi levantada brevemente como um teste de propaganda mas foi rapidamente abandonada como demasiado "inacreditável." Se a ficção de atrocidades é

demasiado repulsiva, grosseira e não plausível de modo que pensando, sentindo, as pessoas simplesmente não a conseguem engolir, não é do interesse de um chefe de exército impingir tal "crime."

Este foi originalmente o caso com a acusação das "câmaras de gás."

Efectivamente, o Ministério Britânico da Informação inicialmente requereu ao clero Britânico que ajudasse a espalhar a história das "câmaras de gás" que estava planeada para ser posta em circulação pelo Ministério. (Rozek, Edward J., *Allied Wartime Diplomacy*, pag. 108-110. John Wiley and Sons, New York ) Contudo, desde o começo, foi julgada demasiado problemática e bizarra e, portanto, foi rapidamente retirada porque era um potencial embaraço estratégico. Alguns dos "menores" dos alegados "crimes" que as pessoas estavam dispostas a engolir sobreviveram e prosperaram durante algum tempo, em ambas as Guerras Mundiais - alguns deles por períodos maiores que outros.

Por exemplo, muitos da geração mais velha, na Europa e América, ainda se recordam vivamente das macabras acusações da propaganda Aliada na Primeira Guerra Mundial das histórias de "...fábricas de transformação de cadáveres em sabão," as "...mãos cortadas dos bebés Belgas," os "...soldados Canadianos crucificados" - provando-se serem todas mentiras, e por algumas das quais homens de estado de depois da Primeira Guerra Mundial até pediram desculpa aos Alemães.

Alguns até se lembram da acusação histórica feita pelo então Governador do Estado de Nova Iorque, inacreditável mesmo em 1917-18, (!) que os Alemães estiveram a "...exterminar milhões de Judeus." Ainda mais revelador era a acusação sobre os "...seis milhões"! (Glynn, Martin, *The Crucifixion of the Jews Must Stop The American Hebrew*, October 31, 1920.)

Como podem ver - a história dos "seis milhões" é velha. Muito velha.

Já tinha sido impingida antes. Num livro recente intitulado "Pedra Chave da Nova Ordem Mundial: O Dogma do Holocausto do Judaísmo," o autor, Ben Weintraub chama a atenção para o facto de que o número tem significado mítico porque é baseado em fontes cabalísticas. (Weintraub, Ben, *The Holocaust Dogma: Keystone of the New World Order*, Cosmos Publishers, 1994)

Infelizmente, foi preciso uma população ingénuas, educada sistematicamente mal, tal como a que temos hoje em dia, em conjunto com uma empedernida lavagem ao cérebro levada a cabo por corruptíveis e bajuladores meios de comunicação social, para impingir a mentira durante décadas da maneira como foi impingida. Na Primeira Guerra Mundial não havia meios de comunicação electrónicos. Após a Segunda Guerra, esta conveniente fábula foi desempoeirada e levantada uma vez mais contra o povo Alemão.

Contudo, o massivo assalto psicológico só começou com as séries de televisão de ficção "Holocausto", vistas em todo o mundo estimadamente por 100 milhões de pessoas. Em seguida veio a "Lista de Schindler." Houve milhares de outras produções que não foram tão próximas em impacto, mas foram cumulativamente destrutivas.

Sejamos muito claros num ponto: Não teria havido hesitação em usar a história dos "gaseamentos" mesmo durante a guerra - se tivesse sido plausível. Contudo, mesmo durante a guerra, os dirigentes das Nações Aliadas - tais como Churchill e Roosevelt bem como os da hierarquia Católica, incluindo o Papa de então Pio XI - sabiam através dos serviços de informação, espões no terreno, prisioneiros com rádio transmissores em vários campos (incluindo soldados prisioneiros, sacerdotes prisioneiros, mesmo os que fizeram confissões a militares locais, polícias e guardas pessoais) que não estavam em curso nesses campos exterminações em massa organizadas através de gaseamento ou quaisquer outros meios.

Como é que souberam?

Os dirigentes Aliados tinham fotos aéreas detalhadas, nenhuma das quais corroborava as acusações históricas feitas pelos agitadores sionistas como Rabbi Stephen Wise e outros em redor do mundo. Simplesmente não era verdade. Não estavam em curso gaseamentos de pessoas - apenas de piolhos! A história era um queijo com muitos, muitos buracos. E era julgada problemática.

Como consequência, os dirigentes Aliados removeram especificamente qualquer referência a "câmaras de gás" na sua propaganda de atrocidades de tempo de guerra, mesmo nos despachos diplomáticos, porque não havia prova. (*Allied Diplomacy in Wartime*, Samisdat Resource Book, pag. 108-110)

Em Agosto de 1943, os Aliados decidiram oficialmente não fazer esta alegação específica de "câmaras de gás" contra os Nazis numa declaração publicada baseando-se em "evidências insuficientes para justificar a afirmação relativa a execuções em

câmaras de gás." ( *Foreign Relations of the United States Diplomatic Papers*, 1943. Samisdat Resource Book)

Os Aliados e o Papa não tiveram portanto necessidade de negar o que não aconteceu - excepto nos cérebros febris dos Sionistas que apostavam na "vitimização" para a criação do Estado de Israel e vantagens políticas pós-guerra (incluindo massivos pagamentos de reparações por parte da Alemanha), o que necessitava da acusação de genocídio contra os Judeus.

E, tal como explicaremos com mais detalhe, os julgamentos de Nuremberga foram baseados nestas acusações. Os Sionistas precisavam de uma condenação, de modo a extorquirem o dinheiro culpado a um governo poltrão criado pelos Aliados.

## **2. O Revisionismo afirma: Não há provas que o Holocausto, tal como é apresentado pelo Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto e pela altamente politizada indústria de Hollywood, tenha ocorrido.**

Os Revisionistas não afirmam que os Judeus não sofreram. Não contestam o facto de que os Judeus eram, realmente, indesejados na Alemanha, e que era política do estado removê-los como sendo um "povo parasita" maléfico para o país. É absolutamente verdade que os Judeus foram encarcerados e frequentemente tratados com crueldade. Eram vistos como o inimigo, tal como nos nossos tempos os "Nazis" são vistos como o inimigo das oligarquias entrincheiradas.

Os Revisionistas afirmam e argumentam que não havia política de estado que apelasse para o "extermínio em massa dos Judeus" ou qualquer outra minoria indesejada. Os Aliados interrogaram independente e separadamente 26.000 funcionários do regime Nacional Socialista imediatamente após a derrota da Alemanha, utilizando sempre o mesmo conjunto de perguntas. Algumas pessoas podem ter pensado mentir para benefício próprio implicando outros.

Nem sequer um oficial Alemão reportou ter conhecimento de tal programa. Todos disseram que a primeira vez que ouviram falar dele foi aos Aliados após a guerra.

Isto leva realmente ao monte de esterco de onde a história de extermínios em massa veio - que é a "confissão" de Rudolf Hoess.

A Confissão de Rudolf Hoess é um documento incrivelmente "incriminatório." Todo o mal entronca nele. Eis a história de fundo.

Rudolf Hoess, o ex-comandante de guerra de Auschwitz "confessou" as coisas mais incríveis durante o Julgamento de Nuremberga neste "documento" largamente usado e muito citado. Um bom resumo de um ponto de vista com interesse humano da maneira como tal foi conseguido é dado no Zundelsite no editorial internet: "Nuremberg: The Crime that Will Not Die" É um resumo que vale a pena ler.

Muitos Alemães, em Nuremberga e noutros lugares onde tiveram que enfrentar julgamento por "crimes de guerra," "confessaram" ter cometido brutalidades sob "coacção" ou instigação. Documentos, testemunhos e confissões bem como declarações apresentados em Nuremberga e noutros lugares foram frequentemente produzidos e assinados após tortura física e psicológica dos seus autores.

Para prova de tortura de Alemães capturados pelos Aliados, leia *Legiões da Morte*, um livro de Rupert Butler, um escritor Inglês, que dá uma descrição vívida da maneira como o Comandante de Campo de Concentração em tempo de guerra, Rudolf Hoess, foi espancado sem misericórdia e drogado com álcool durante vários dias antes de ter assinado a sua famosa "confissão" admitindo que dois milhões e meio de pessoas foram gaseadas em câmaras de gás em Auschwitz.

Basta dizer que esta assim chamada "confissão" estava escrita em Inglês, e que Hoess não falava nem sequer entendia Inglês. (Butler, Rupert, *Legions of Death*, Hamlyn Paperbacks, Great Britain, 1983, pag. 10-12)

Julius Streicher, para nomear outro oficial Alemão que foi selvaticamente torturado por interrogadores Americanos para extrair uma "confissão," reportou que foi espancado de tal maneira que perdeu 40% da audição. Foi mantido nu numa cela não aquecida e foi obrigado a beber da latrina. Os guardas forçaram-no a abrir os dentes com um pau de modo a cuspir-lhe na boca. ("Streicher Opens His Case," *London Times*, April 27. 1946)

Esta informação foi mais tarde expurgada das transcrições do Julgamento de Nuremberga, com o consentimento do presidente do Tribunal e até do advogado de "defesa."

Ainda outra fonte é a Comissão de Inquérito Simpson van Rhoden acerca da conduta dos inquisidores dos EUA durante os julgamentos de Malmedy-Dachau. Esta

comissão reportou maus tratos e torturas, inclusive julgamentos falsos, a administração de confissões falsas por "padres" igualmente falsos, espancamentos, utilização de vendas etc. para obter confissões forçadas dos prisioneiros. (*The Progressive*, escrito pelo Juiz Edward L. Van Rhoden em Fevereiro de 1949 intitulado *American Atrocities in Germany* (Atrocidades Americanas na Alemanha)).

Eis um exemplo de como essas "confissões" eram rotineiramente obtidas:

"Os investigadores Americanos no Tribunal dos EUA em Dachau, Alemanha, usaram os seguintes métodos para obter confissões:

Espancamentos e pontapeamentos brutais. Dentes e maxilares partidos. Julgamentos falsos. Prisão solitária. Padres falsos. Rações muito limitadas. Privação espiritual. Promessas de absolvição (se a vítima implicasse outros prisioneiros para corroborar os cenários dos julgamentos Aliados) ...Todos os Alemães, excepto dois, dos 139 casos investigados, foram pontapeados nos testículos de maneira irrecuperável." (Morreram Mesmo Seis Milhões? Relatório das provas no Julgamento de Ernst Zündel no Canadá em 1988 por "Notícias Falsas", editado por Barbara Kulaszka, pag. 44-45)

O Chefe de Justiça dos EUA Harlan Fiske Stone, referindo-se ao Julgamento de Nuremberga e falando do Chefe de Acusação Americano, Jackson, tinha isto para dizer, tal como foi citado numa capa da Viking Press, "Harlan Fiske Stone: Pilar da Lei:"

"Jackson está fora conduzindo a sua grande festa de linchamentos em Nuremberga," ele observou. "Eu não me importo com o que ele faz aos Nazis, mas odeio ver a pretensão de que ele está a conduzir um tribunal e a proceder de acordo com a lei comum. Isto é uma fraude demasiado hipócrita para as minhas ideias fora de moda." (Mason Thomas, *Harlan Fiske Stone: Pillar of the Law*, Alpheus The Viking Press, página 746)

Uma acusação não constitui um facto. As parangonas não constituem um facto. Um prisioneiro torturado fazendo uma "confissão" não faz com que as suas palavras constituam um facto. Eis outro bom exemplo de um crime "bem documentado:" Os Alemães foram acusados em Nuremberga de ter morto 15,000 oficiais Polacos e membros da elite Polaca em Katyn. Sete oficiais e soldados Alemães foram executados pelos Soviéticos após um julgamento no qual mais de 4,000 (!) declarações sob juramento e dúzias de "especialistas" e "testemunhas" foram oferecidos pelos acusadores Estalinistas.

Em 1989, o dirigente Soviético Gorbachev admitiu publicamente que o regime de Stalin era responsável por estes assassínios em massa de Polacos. Não os Alemães. O aliado da América - Joseph Stalin - ordenou as mortes!

Portanto se o Juiz Thomas T. Johnson do Tribunal Superior da Califórnia, e o Juiz Thomas do Tribunal do Distrito de Toronto tomaram presunçosas "Notificações Judiciais" do Holocausto, basearam-se em documentação "imediatamente disponível" obtida através de tortura e coerção às vítimas dos mestres de tortura Aliados.

Que espécie de "provas documentadas" são estas? Não deveriam ser permitidas em nenhum Tribunal dos EUA ou do Canadá. Em Nuremberga e em muitos julgamentos subsequentes contra os chamados "crimes de guerra dos Nazis" estes métodos eram rotineiramente aceites e "aceitáveis" como uma questão de política e "de regras."

### **3. Os Revisionistas afirmam: Os números das vítimas do "Holocausto" são irresponsavelmente exagerados.**

O jogo de números das alegadas perdas Judias é verdadeiramente vexante. Muitas, muitas pessoas de todas as nacionalidades desapareceram ou pereceram na guerra e não é possível determinar o seu número. Algumas jazem nas cinzas dos bombardeamentos Aliados às cidades Alemãs e sepultados sob edifícios desmoronados; outros foram incinerados em tempestades de fogo Aliadas causadas pelas bombas; ainda outros pereceram nos Gulags Russos muito após o fim dos tiroteios.

É injusto e incorrecto reclamar - tal como é reclamado vulgarmente - que se uma pessoa não pode ser quantificada, então pereceu devido ao genocídio - ou, pior ainda, devido a gaseamentos.

De facto, o "Holocausto" é o melhor exemplo de "...morte provada pelas histórias de milhões de sobreviventes." Isto não dá que pensar? Os media estão cheiros de organizações de "sobreviventes" existentes nas maiores cidades do Mundo Ocidental - de Toronto a Joanesburgo; do Rio de Janeiro a Los Angeles.

Basta dizer que os Alemães pagaram mais de 4,300,000 pensões e reclamações de restituição; 40% dos beneficiários vivem (ou viveram) em Israel. Outros são de origem Judia mas escolheram viver em outras partes do mundo. Se tantos milhões de Judeus morreram às mãos dos Alemães, como é que existem tantos sobreviventes? Aficionados do "Holocausto" chamaram muitas vezes a Jacob Robinson "historiador" e "jurista internacional" e referiram-se a ele como a primeira fonte de informação com autoridade sobre o que aconteceu aos Judeus.

Jacob Robinson era, de facto, um habilidoso escroque Judeu da Europa de Leste com um plano e agenda diabólicas. Ele foi o inventor/criador do "conceito revolucionário" da ideia do Julgamento de Nuremberga para os dirigentes Alemães e do esquema de Reparações Alemãs.

De acordo com Nahum Goldman, eis-Presidente do Congresso Mundial Judaico,

"...Não contando com o meu encontro com os sobreviventes dos campos de concentração após a libertação, só regresssei oficialmente à Alemanha para me encontrar com o Chanceler Adenauer e abrir negociações sobre reparações. Estas reparações constituem uma inovação extraordinária em termos da lei internacional.

Até então, quando um país perdia uma guerra, pagava indemnizações ao vencedor, mas era um assunto entre estados, entre governos. Agora pela primeira vez uma nação dava reparações a indivíduos vulgares ou a Israel, que não existia legalmente na altura dos crimes de Hitler. Mas devo admitir que a ideia não partiu de mim. Durante a guerra o WJC (World Jewish Congress) criou um Instituto de Assuntos Judeus em Nova Iorque (a direcção está agora em Londres). Os directores eram dois grandes juristas Judeus da Lituânia, Jacob e Nehemiah Robinson. Graças a eles, o Instituto criou duas ideias completamente revolucionárias: o tribunal de Nuremberga e as reparações Alemãs. (Goldman, Nahum, *The Jewish Paradox*, Grosset & Dunlap, 1978, pag. 122).

Basta somar dois mais dois.

Reclamações de reparação são baseadas no número de vítimas - de certo modo como uma reparação de seguro após a queda de um avião e subsequente fogo. Paga manter os números elevados. Não há nenhum mistério.

Agora visualize uma companhia de seguros que tem de pagar por um fogo no qual, supostamente, pereceram alguns membros da família. Não é preciso ser um cientista de foguetões para perceber que se a companhia de seguros é impedida de verificar documentos vitais, tais como: "...quem estava registado naquele voo...? - uma "vítima" não-existente, um tio ou tia poderia de uma maneira concebível materializar-se, defraudando a companhia de seguros. Sabe-se que estas coisas já foram feitas a algumas companhias de seguros.

Para apresentar a velha atoarda do "Protocolode Wannsee" (de 20 Janeiro de 1942) alegadamente explicando os planos Nazis para "aniquilar os Judeus Europeus" mostra várias falhas. Até o especialista Judeu no Holocausto **Yehuda Bauer** da Universidade Hebraica em Jerusalém disse que Wannsee foi um encontro, mas "dificilmente uma conferência," e que "...pouco do que aí foi dito foi executado em detalhe."

Aqui está a citação completa, sob o título: A importância de Wannsee rejeitada, em *Canadian Jewish New* (Notícias Judaicas do Canadá), 30 de Janeiro de 1992:

"O público ainda repete, vez após vez, a história tonta de que se chegou ao extermínio dos Judeus em Wannsee. Wannsee foi apenas um estádio no desenrolar do processo de assassínio em massa."

De acordo com o *New York Times*, 12 de Novembro de 1989, (Bauer) acrescentou quando censurado dizendo que não pretendia "...levar o grão ao moinho dos negadores do Holocausto:" Eles podem fazê-lo, você sabe..." (Auschwitz Revisionism: An Israeli Scholar's Case, *NYT*, Nov 12, 1989)

Eles fizeram-no e continuam a fazê-lo.

Ao faze-lo, eles "encolhem o Holocausto." Tomemos Auschwitz, por exemplo. De acordo com um resumo de 10 de Dezembro de 1995, preparado pelo Dr. Faurisson, eis aqui uma imagem esclarecedora:

## O REVISIONISMO EM LINGUA PORTUGÊS

(Neste gráfico, a barra mais alta representa 9 milhões de pessoas, e a barra mais pequena representa 630,000 - 710,000, dos quais 470,000 - 550,000 se pensa terem sido Judeus. (Para a verificação actual e detalhada de ambos os números e fontes, vá para o documento textual do Dr. Faurisson marcado como Apêndice A)

Os números sempre decrescentes das "vítimas" de Auschwitz devem dar a pessoas cépticas - pessoas que aplicam o senso comum a este tópico - uma pausa para meditar. Yehuda Bauer, erudito Judeu sobre o Holocausto, admitiu a falsidade do número de 4 milhões num artigo de Novembro de 1989, onde comenta a cruel manipulação do número de vítimas em Auschwitz pelos propagandistas Judeus e Comunistas e mentirosos da mesma laia. (Auschwitz Revisionism: An Israeli Scholar's Case. *NYT*, November 12, 1989.)

Mencionemos também aqui a Cruz Vermelha. Esta organização chamada "humanitária" tem muito a ver com o facto de os números serem tão duvidosos. A Cruz Vermelha desempenhou um papel ignóbil durante e especialmente após a guerra quando tratava com as histórias e estatísticas de alegadas "atrocidades Nazis." (Veja o testemunho sob juramento de Charles Biederman durante o Julgamento Zündel *Morreram Mesmo Seis Milhões? Relatório de Provas no Julgamento Canadano de Ernst Zündel por "Notícias Falsas" - 1988, Editado por Barbara Kulaszka, pag. 80-84. Vale a pena lê-lo completamente.*)

Em baixo ofereço meramente dois excertos deste testemunho, tal como está resumido nas Transcrições de Zündel por Barbara Kulaszka no seu livro *Did Six Million Really Die?*:

"O acesso aos documentos estava limitado pelos Acordos de Bona de 1955 a antigos acusadores e seus sucessores legais na base de que os documentos eram todos pessoais e como tal não abertos ao público. (11-2497, 2498). O palavreado usado no Acordo de Bona era de que os arquivos eram "só para ser avaliados no interesse dos antigos acusadores ou dos seus sucessores." (12-2676). A única excepção a esta regra, providenciada sob os acordos, era que representantes de qualquer dos dez governos Aliados do organismo supervisor tinham o direito de inspeccionar os documentos. (11-2497) Qualquer pedido de um dos dez governos para acesso era revisto pelo Director do ITS (Internal Tracing System); se o Director sentisse que não era justificado, podia submeter o pedido à Comissão Internacional para a decisão final. Não se podia lembrar de algum pedido de Israel ter sido negado. (12-2711)"

Por outras palavras, Israel pode ver os dados, mas os pesquisadores e historiadores Alemães não podem. Os Revisionistas não podem. Ernst Zündel não pode. O Sr, Wiesenthal, presumivelmente, pode.

O resumo da transcrição do julgamento de Kulaszka diz:

Biedermann confirmou que em 31 de Dezembro de 1983, o número total de mortes registadas no Special Registry Office e em vários outros cartórios era 373,468. (11-2515) Este número representava certidões de óbito passadas a pedidos recebidos e era baseada, em relação ao Special Registry Office, em registos de campo mantidos pelos Nazis durante a guerra. (11-2516, 2517)

Biedermann concordou que numa conferência internacional dirigida pelo Comité Internacional dos Campos em Viena em 1977, o então director do ITS, Albert de Cocatrix, fez um discurso que indicava que em 31 de Dezembro de 1976, um total de 357,190 nomes de pessoas que morreram em campos de concentração tinham sido registados no Special Registry Office. Biedermann confirmou que esses números vieram na realidade do ITS. (12-2640 a 2646) Ele realçou, contudo, que esses números resultaram de pedidos. Se uma família inteira tivesse morrido, não haveria ninguém para fazer o pedido de certidões de óbito. Em segundo lugar, o ITS tinha documentação completa apenas para dois dos vinte e dois campos de concentração. Para os restantes não tinha documentação ou tinha apenas partes. Portanto, se fosse feito um pedido para uma pessoa que alegadamente morreu num desses campos, o ITS não teria registos para justificar um pedido de certidão de óbito ao Special Registry Office. (12-2647)

Na realidade é ridiculamente simples. O jogo de números no qual as reclamações de reparação são baseadas poderia ser lançado por terra amanhã.

A Cruz Vermelha através do seu Internacional Tracing Service (Serviço de Rastreamento Internacional) em Arolson, chefiado pelo delegado da Cruz Vermelha, Charles Biedermann, tem nas mãos informação importante sobre cada um dos internados nos campos de concentração que esteve num campo Alemão de prisioneiros de guerra ou campo de concentração civil. Estes 14 milhões de peças de informação poderiam, com a tecnologia de computadores de hoje em dia, programas OCR etc. ser filtrados, divididos por categoria, analisados e duplamente verificados. Num período bastante curto, esta informação poderia ser disponibilizada ao público, o que poria um fim efectivo a todos os abusos, interpretações duvidosas, mentiras e falsificações de números reais e alegados de "vítimas Nazis."

O Governo Alemão pode e deveria ter verificado os registos de internados há 50 anos. Porque é que isto não está a ser feito? Uma boa resposta é que então teria sido revelado ao mundo inteiro que foram feitas falsas reclamações de reparação e foram pagos biliões colectados fraudulentamente durante muito tempo.

Existem cartas do Arolson Tracing Service que dão pelo menos um vislumbre parcial do que está disponível nesses arquivos. A Cruz Vermelha, ao aceitar o acordo ou mandato vigente entre as 10 nações de acordo com o qual administra este macabro mas importante legado da Segunda Guerra Mundial, tornou-se um solícito cúmplice a ofuscar a investigação e está, de facto, a esconder factos históricos.

Eu estou em gravação dizendo que a Cruz Vermelha está deliberadamente a obstruir uma investigação honesta acerca de um dos capítulos mais tristes da história humana. Se a Cruz Vermelha não gosta desta justificada critica, que saia do negócio de esconder a verdade do público que procura respostas.

#### **4. Os Revisionistas afirmam: A política oficial do Terceiro Reich em relação aos Judeus era emigração, não extermínio.**

É verdade que a Alemanha de Hitler queria remover os Judeus da "esfera de influência" do povo Alemão. O país estava em guerra - uma guerra largamente vista como tendo sido instigada pelos banqueiros Judeus internacionais, e os Judeus eram vistos como uma influência corrosiva, não apenas financeiramente mas também racialmente e culturalmente.

Uma palavra comum usada então era "parasitas." (Saibam que, na América, um Nacional Socialista é comumente referido como "escumalha"... Se quer saber como se parece a perseguição e diabolização moderna de pessoas indesejadas, experimente esta caricatura

[http://www.web.apc.org/~ara/zundel\\_r.gif](http://www.web.apc.org/~ara/zundel_r.gif))

A Alemanha de Hitler era inflexível em não querer que os Judeus fizessem parte da Alemanha porque eram considerados prejudiciais para a criação de uma sociedade etnicamente coesa tal como era imaginada por Hitler. O Führer queria os Judeus "fora da vista." Não tinha grande simpatia por eles.

Mas é aí que a história pára. As voltas Talmúdicas e giros que alguns desse povo ainda executam, quando "reajuntamento" e "evacuação" de Judeus subitamente se transformam em palavras de código para "extermínio", são espantosas.

Tudo isto foi coberto nos Julgamentos de Zündel no mínimo detalhe e foi deixado em repouso eterno nas transcrições desses julgamentos, agora documentos permanentes nas livrarias de lei judicial Canadiana! Um pouco de pesquisa básica teria permitido a Nizkor percorrer um longo caminho.

O discurso de Himmler em Posen, para ser ainda mais específico, foi o tema de longas análises nos dois julgamentos de Zündel em Toronto. Detalhes minuciosos podem ser obtidos estudando o testemunho do cientista político Alemão Udo Walendy e do Dr. Robert Faurisson no julgamento de 1985 e o testemunho de Browning e do historiador Britânico David Irving e Mark Weber no segundo julgamento em 1988. (Mais uma vez, a referência é o livro de Kulaszka, *Did Six Million Really Die?*)

Veze sem conta, o Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto conta com a ingenuidade do leitor que muito provavelmente não verifica os factos e afina o seu pensamento sobre o que significava "evacuação" e "reajuntamento."

#### **5. Os Revisionistas Afirmam: Não foi encontrado um único documento com a assinatura de Hitler ordenando a extermínio dos Judeus.**

É um desenvolvimento encorajador ter conseguido que o Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto em geral tivesse finalmente admitido que nunca houve, de facto, qualquer ordem do Führer para exterminar os Judeus. Os Revisionistas atribuem a si próprios o mérito por haver conseguido esta admissão.

No Julgamento de Zündel em 1988, o advogado de defesa Christie colocou uma transparência num retroprojector, que afirmava:

Alegada Exterminação dos Judeus  
Sem Ordem  
Sem Plano  
Sem Orçamento  
Sem Arma

(Não há relatório de peritos afirmando:  
"Esta era uma câmara de gás homicida")

Sem Corpos

(Não há autópsias afirmando: "Este é o corpo de uma pessoa morta por gás venenoso.")

para esta alegada campanha de exterminação de massas!

Que existiu uma tal ordem foi uma reclamação muito repetida durante décadas, e muitas pessoas ainda acreditam que havia. O Dr. Raul Hilberg - conhecido como o "Papa do Holocausto" por ser o autor de "A Destruição dos Judeus Europeus," (frequentemente referido como a "Bíblia do Holocausto") um homem que é largamente considerado o "Especialista Nº 1" em matérias do Holocausto, conseguiu trazer a sua percepção do Holocausto um pouco mais de acordo com os factos, graças à influência Revisionista, isto é:

Na edição de 1961 do seu livro, "A Destruição dos Judeus Europeus," o Dr. Hilberg escreveu que houve duas ordens de Hitler. (Hilberg, Raul, *The Destruction of the European Jews*, Quadrangle, Chicago, página 177) No julgamento de Ernst Zündel em 1985, Hilberg continuou a insistir que as ordens existiram, afirmando que não iria corrigir o que escreveu em 1961 na sua nova edição prestes a sair. (*Did Six Million Really Die?* Relatório das provas no Julgamento de Ernst Zündel no Canadá em 1988 por "Notícias Falsas", editado por Barbara Kulaszka, pag. 851-852) Pouco tempo após o seu testemunho, Hilberg começou a eliminar todas as referências a uma Ordem de Hitler no corpo da sua nova edição, publicada em 1985. (Hilberg, Raul, "The Destruction of the European Jews," Holmes & Meyer, New York, 1985, pag. 402) em (*Did Six Million Really Die?* Relatório das provas no Julgamento de Ernst Zündel no Canadá em 1988 por "Notícias Falsas", editado por Barbara Kulaszka, pag. 112-113) Nesta nova edição, a referência à "Ordem de Hitler" está sepultada numa nota de rodapé que agora diz o seguinte:

"Nestes termos foi feito não como um plano sendo levado a cabo, mas como um incrível encontro de mentes, um consenso, leitura de mentes por uma burocracia de vistas largas." (*Did Six Million Really Die?* Relatório das provas no Julgamento de Ernst Zündel no Canadá em 1988 por "Notícias Falsas", editado por Barbara Kulaszka, pag. 112-113)

"E isto inclui acenos com a cabeça e piscar de olhos?" perguntou o advogado de defesa de Zündel, Douglas Christie, no Julgamento de Zündel de 1988. Deixamos o leitor adivinhar.

Será que os Nazis segredaram aos ouvidos uns dos outros como exterminar milhões e milhões de Judeus? Credível? Talvez, o Pai Natal também!

Até o historiador do Holocausto Christopher Browning assinalou isto como uma alteração maior de interpretação no trabalho de Hilberg, falando do seu colega como "o Hilberg Revisto." (The Revised Hilberg, *Simon Wiesenthal Annual*, Volume 3, 1986)

Portanto agora é aceite igualmente por amigos e adversários excepto por aqueles que precisam de pôr em dia que não houve ordem do Führer.

O que ainda ficou são duas palavras incendiárias: "Solução Final" - ou, o equivalente em Alemão, "Endlösung."

Olhemos para estas palavras.

É verdade que as palavras "Endlösung" ou "Solução Final" foram usadas em referência aos Judeus. E então? Isso prova alguma coisa? Isso significa "exterminação"? Uma "Solução Final" para o problema do desemprego significa que o governo vai exterminar todos os desempregados?



Durante a guerra, a frase foi usada no Canadá ao lidar com os Japoneses - e hoje ninguém reclama que o Canadá estava a planear coisas genocidas em relação aos Orientais!

Num recente documentário de televisão sobre a política de guerra do Canadá em relação aos Canadianos de origem Japonesa, foram desenterrados documentos que falavam de "A Solução Final" para o "problema Japonês" - que era realojamento, desnaturalização e deportação dos Japoneses do Canadá para o Japão. Estas eram exactamente as políticas Alemãs em relação aos Judeus - quase pelas mesmas razões. O país estava em guerra, e os Judeus eram vistos como subversivos para o governo e para o esforço de guerra - tal como os Japoneses eram vistos como subversivos para as políticas de guerra do Canadá.

As políticas da Alemanha eram muito menos baseadas na raça e muito mais de natureza ideológica do que as do Canadá. Como matéria de facto e de registo, dezenas de milhares de Judeus viveram e trabalharam na Alemanha durante a guerra fora dos campos de concentração, até mesmo na capital de Hitler, Berlim - um dos quais era o famoso Rabi e dirigente Sionista Leo Boeck, que era um rabi praticante em 1943!

Se duvida, verifique na lista telefónica de Berlim de 1943!

#### **6. Os Revisionistas Afirnam: "O Zyklon B era um fumigante. Não era um agente prático para assassinio em massa."**

O Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto dá um grande ênfase às numerosas facturas de um composto de despiolhamento que encontraram. E então? Os piolhos que transportavam doenças mortíferas como o tifo foram um horrível problema sanitário durante a Segunda Guerra Mundial tanto para amigos como inimigos. Efectivamente, refugiados e soldados de igual modo eram rotineira e periodicamente desparasitados. (E, a propósito, o cabelo também era rapado para facilitar o despiolhamento).

O Exército Alemão, as SS, companhias civis Alemãs, hospitais, fábricas, embarcações, o que quer que fosse - todos usaram este composto Zyklon B durante a guerra para se livrarem dos parasitas. A todos foram passadas facturas. A Wehrmacht Alemã tinha pilhas e pilhas dele. Será que isto significa que o Exército Alemão matou todos os seus próprios soldados? Disparate!

O Zyklon B era um meio muito efectivo de matar parasitas usado por muitos exércitos, incluindo o Exército Americano, mesmo até nos anos 70. Ainda mais apurado, mesmo mais revelador, é o facto de que havia muitas facturas de Zyklon B para campos de concentração como Oranienburg e Theresienstadt, onde ninguém reclama que foram gaseadas pessoas.

Todas estas facturas "incriminatórias," sejam para o Exército ou campos de concentração civis, provam unicamente uma coisa: Os Alemães queriam salvar vidas - mesmo as vidas dos inimigos - matando piolhos e outros parasitas.

#### **7. Os Revisionistas Afirnam: O Zyklon B era altamente tóxico. Assim sendo, teria sido idiota e contraprodutivo pôr em perigo pessoal do Terceiro Reich alegadamente ocupado em retirar corpos das câmaras de execução pouco depois de terem sido "gaseados."**

A história fraudulenta de ventiladores poderosos instalados nas alegadas câmaras de gás, que na realidade eram morgues, tem sido frequentemente repetida. Qualquer um com senso comum pode visitar Auschwitz-Birkenau e reparar na estreita proximidade entre as alegadas "câmaras de gás", a cantina e hospital das SS separados alguns metros na rua. Não verão ventiladores poderosos, nem parafusos nem porcas, nem montagens, nem ancoras para eles, nem altas chaminés similares às que existem, por exemplo, no complexo de câmaras de gás da casa da morte em Parchmont, Mississipi e noutras câmaras de gás nos EUA - dispositivos para expelir e dissipar o gás mortífero.

Além disso, existem relatórios - por exemplo, a "confissão" de Hoess obtida através de tortura bestial! - de todo o tipo de Grupos de Pressão de Promoção do Holocausto em como os "Sonderkommandos" entravam nas alegadas câmaras de gás para remover os mortos apenas alguns minutos após os "gaseamentos" - fumando, comendo e bebendo! Dificilmente o poderiam ter feito através das máscaras de gás.

Vá a Auschwitz. Vá a Birkenau. Veja os fornos crematórios alegadamente em operação 24 horas por dia, mesmo ao lado da "câmara de gás." Entre as duas salas nem sequer havia uma porta! É evidente que não havia sido prevista uma porta.

Nós temos provas forenses, verificáveis independentemente, através das amostras e raspagens trazidas dessas instalações pelo muito maldizido Fred Leutcher e pelo cientista Alemão Germar Rudolf, mostrando ausência de resíduo ou quantidades mínimas de resíduo de Zyklon B que, de acordo com o falecido Dr. William Lindsey, cientista de alto gabarito para a companhia química gigante dos EUA, Du Pont of America, ainda teriam que estar lá agarrados ao ferro na areia, betão etc. durante centenas se não milhares de anos. (Lindsey, William B. "Zyklon B., Auschwitz and the Trial of Dr. Bruno Tesch," *Journal of Historical Review*,4, (1983: 261-303.)

As amostras recolhidas pelo processo de Leutcher usando luvas de borracha, máscaras faciais, foram datadas, identificadas, duplamente embaladas em sacos de plástico esterilizados e foram filmadas como precaução antes de serem levadas para os EUA e serem analisadas pelos Alpha Laboratories of Ashland, MA, pelo Dr. James Roth, um professor de Química veterano de 10 anos na Universidade de Cornell. O Dr. Roth foi reconhecido como um especialista no seu campo pelo Tribunal de Toronto durante o julgamento de 1988 de Zündel. (Testemunho de Roth tal como é resumido em *Did Six Million Really Die? Report of the Evidence in the Canadian "False News" Trial of Ernst Zündel - 1988*, Edited by Barbara Kulaszka, pag. 362-363)

Verifique o testemunho do Dr. Roth e fique tranquilo para sempre.

O segundo ponto defendido pelos Revisionistas refere-se à inflamabilidade do Zyklon B. Os Revisionistas disseram que o gás explodiria. O Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto sustenta que o gás não explodiria. Os Revisionistas afirmaram que é necessário mais Zyklon B para matar um ser humano do que para matar um porco. O Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto argumenta o contrário.

A decisão compete aos cientistas.

Aqui entre nós, vamos usar um pouco de lógica. Não se pode concordar com ambos os pontos de vista. Mesmo que o gás não expluda, tal como foi alegado, os Sonderkommandos que trabalhavam duro, supostamente cremando os corpos 24 horas por dia, estavam expostos ao gás mortífero "...de poucas em poucas horas quando novos grupos eram gaseados na sala adjacente."

Para dirigir um crematório moderno e eficiente é necessário pessoal qualificado. E esse pessoal altamente treinado, extremamente valioso para os Alemães, não teria igualmente morrido se só são necessárias quantidades mínimas de Zyklon B para matar pessoas?

A ideia de quanto está envolvido em gerir um crematório eficiente pode ser recolhida do testemunho de Lagace, (O Testemunho de Lagace tal como sumariado em *Did Six Million Really Die? (Morreram Mesmo Seis Milhões?) Relatório de Prova no julgamento Canadano de Ernst Zündel por "Notícias Falsas"- 1988*, Editado por Barara Kulaszka, pag. 267-271) o director do crematório mais moderno do Canadá. É um documento que vale a pena ler. Teriam os Alemães de alta tecnologia, supostamente dirigidos pelo demónio para matar qualquer Judeu à vista, numa altura de intensa falta de mão de obra, sido tão descuidados com os seus próprios peritos operadores de crematório? Disparate.

Se o objectivo fosse matar eficientemente o maior número de Judeus, quanto mais eficientes as instalações, mais Judeus poderiam ter sido mortos. Não haveria as oficinas de aprendizes que agora são expostos perante as massas ingénuas.

A execução de criminosos e prisioneiros através de gaseamento em câmaras de gás é uma ideia unicamente americana. É cara, incómoda e lenta. A América ainda gaseia os criminosos, mas a Alemanha nunca o fez. Nenhuma outra nação, certamente não na Europa dos anos 30 e 40, executou criminosos ou outros com este complicado, demorado, incómodo, caro (e perigoso para o carrasco) procedimento.

Até aos dias de hoje, os criminosos Americanos morrem em procedimentos altamente complicados, um ou dois de cada vez, através de métodos cuja preparação demora muitas horas. As câmaras de gás da América não se parecem nem de longe com os galinheiros e oficinas de jardim apresentados ao mundo pelo Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto como "câmaras de gás Nazis."

E em relação a Pressac? Basta dizer que uma crítica erudita do estudo Pressac foi preparada pelo Dr. Faurisson. (Publicada em *Revue d'Histoire Révisionniste*, nº 3, 1991.) Para documentação completa contacte o Dr. Robert Faurisson. Suporta facilmente a prova do escrutínio.

A reclamação dos Revisionistas é clara e precisa: Não operaram câmaras de gás em campos de concentração Alemães expressamente com o propósito de matar seres humanos.

Se o objectivo de Hitler tivessem sido matanças genocidas, teria havido disponíveis métodos mais fáceis e mais baratos. Os Soviéticos usaram uma única bala na nuca para matar milhares de oficiais Polacos em Katyn e milhões dos seus próprios cidadãos noutros lugares por todo o Império do Mal. Os Britânicos enforcavam; os Franceses guilhotinavam, os Alemães executavam os criminosos e traidores comumente por pelotão de fuzilamento.

Tudo o resto é Steven Spielberg e propaganda anti-Germânica como "A Lista de Schindler."

Os Alemães eram um povo de alta tecnologia. Construíram câmaras de fumigação, para pôr sob controlo doenças devastadoras, de alta tecnologia, ao mesmo nível ou ultrapassando o nível técnico das câmaras de gás então em uso nos EUA. Porque teriam então usado barracas de madeira cheias de fugas? Balas teriam sido muito mais simples, menos caras, com mais facilidade de obtenção e - isto é muito importante - transportáveis. Os Alemães não precisavam de carregar os inimigos com grandes despesas e inconvenientes através de toda a Europa e queimá-los com combustível dispendioso quando as crianças Alemãs morriam de frio porque não havia combustível.

Soldados Alemães com as suas espingardas poderiam ter sido enviados para as planeadas vítimas. Porquê arrastar milhões de Judeus de uma ponta à outra da Europa se se podiam matar nas florestas de França tão facilmente como os Soviéticos mataram os Polacos em Katyn?

**8. Os Revisionistas Afirmam: O especialista em execuções Americano, Fred Leuchter, apresentou uma decisiva prova científica ao provar que as assim chamadas câmaras de gás em Auschwitz não poderiam ter sido usadas para o propósito alegado.**

Após os Relatórios Leuchter, Fred Leuchter tem sido vingativamente atacado por duas razões:

1) Não tinha um grau em engenharia quando escreveu os seus fulgurantes estudos, e 2) foi pago pela Defesa Zündel e, desde logo, considerado comprado pelo ponto de vista Revisionista.

A prova está no pudim.

É verdade que Leuchter não tinha um grau apropriado. Jesus Cristo não tinha um grau em Cristianismo. Marx não tinha um grau em Marxismo. O que Leuchter descobriu pode ser, e foi, verificado independentemente por engenheiros que têm graus impecáveis.

Fred Leuchter era, antes de ter a carreira e a reputação arruinadas pelo Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto, um muito procurado especialista em equipamento de execução na América, foi recomendado pelo Director Prisional Bill Armontrout.

O Director Prisional Armontrout testemunhou no Julgamento Zündel de 1988 que só havia nos Estados Unidos um consultor, que ele conhecesse, no desenho, operação e manutenção de câmaras de gás, e

esse consultor era Fred Leuchter.

Foi Armontrout quem impeliu Zündel a contactar Leuchter. (Testemunho de Armontrout: tal como resumido em *Did Six Million Really Die? Report of the Evidence in the Canadian "False News" Trial of Ernst Zündel - 1988*, Edited by Barbara Kulaszka, pag. 351-353)

Leuchter era um homem altamente competente, bem pago e respeitado no seu campo - até que foi arruinado financeiramente e na sua reputação pelos perversos ataques do Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto que viu a lucrativa extorsão, de biliões de dólares líquidos durante anos, desafiada pelas descobertas de Leuchter. Mais ainda, Leuchter foi qualificado pelo Juiz Thomas como uma testemunha especialista durante o Julgamento Zündel. Qualquer pesquisador sério poderia ter verificado isso analisando as transcrições de 1988 do Julgamento Zündel relativas ao testemunho de Leuchter. (Leuchter Testimony as summarized in *Did Six Million Really Die? Report of the Evidence in the Canadian "False News" Trial of Ernst Zündel - 1988*, Edited by Barbara Kulaszka, pag. 354-362)

A segunda acusação é que Leuchter foi pago pela defesa Zündel - e, desde logo, os seus achados são automaticamente etiquetados como sendo "suspeitos."

Evidentemente Fred Leuchter foi pago pela defesa Zündel. Foi contratado para ir a Auschwitz numa missão secreta, muito dramática, enquanto Ernst Zündel estava em julgamento em Toronto em 1988, lutando pela sua liberdade e reputação. Não havia tempo nem dinheiro para tentar encontrar outra pessoa. Ele não era um especialista de "voos nocturnos", como tem sido repetidamente clamado.

Além disso, Leuchter afirmou desde o começo a Zündel e ao seu advogado, mesmo antes de ter ido a Auschwitz, que acreditava na acusação das câmaras de gás de Auschwitz, e se verificasse essa acusação, então afirmá-lo-ia sob juramento e no seu relatório. Zündel continuou a aceitar e enviou-o a ele porque estava seguro dos factos e contava com a integridade profissional de Leuchter.

Leuchter foi. Viu. Regressou um homem bem mais iluminado.

Leia o que ele tem para dizer. (Leuchter, Fred A. *The Leuchter Report: The How and the Why*. *Journal of Historical Review* 9, (1989): 133-139.)

Então Leuchter foi pago pelo seu trabalho. E então? Quem pagou a investigação e o livro de Pressac? Quem pagou a Fundação Beate Klarsfeld? Quem pagou o estudo do caso Zündel condensadonum livro chamado "Hate on Trial" (Ódio em Julgamento)? (Gabriel Weimann and Conrad Winn, *Hate on Trial*, Mosaic Press, Oakville, 1986)

(Não, não quem você pensa! Pelo menos em parte, foi pago pelos contribuintes Canadianos!)

O Dr. Hilberg e o Dr. Browning foram pagos pelo Governo do Canadá pela sua perícia para suportar a acusação do Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto. Só Browning recebeu quase \$25,000 para testemunhar contra Ernst Zündel - cortesia dos contribuintes Canadianos.

Será que estes dois factos, que Leuchter foi pago, e que Leuchter não tinha o canudo necessário para o trabalho negam achados científicos que podem ser repetidos e verificados? Quando perguntaram a Leuchter o que impedia que alguém fosse pago para maldizer os seus achados científicos, Leuchter simplesmente respondeu:

"Quem quer que fizesse isso arriscaria a sua posição profissional."

Será que haverá profissionais com altas reputações no campo da engenharia dispostos a avançar e a repetir o que Leuchter fez? Teremos que aguardar para ver.

A Realidade Revisionista é sinistra. Hoje em dia na Alemanha, se um cientista verifica os achados de Leuchter, esse cientista perde o emprego e vai para a prisão. Outro caso é o Relatório Lüftl. Walter Lüftl é um engenheiro Austríaco. Foi durante anos presidente da Ordem dos Engenheiros Austríaca, o corpo representativo de todos os engenheiros Austríacos. Era um perito aprovado pelos tribunais e era frequentemente chamado para testemunhar em matérias de engenharia. Investigou Auschwitz e chegou a conclusões similares às de Leuchter. Os Austríacos prontamente o acusaram criminalmente por apresentar o seu melhor ponto de vista de engenharia - que as instalações de "gaseamento" de Auschwitz eram falsificações. Isto causou-lhe imensas aflições. Como consequência resignou à sua posição. Os média tiveram um festim. Após vários anos o caso foi silenciosamente abandonado pelo estado. Ainda pior aconteceu ao jovem Germar Rudolf, um cientista alemão com as melhores qualificações, sem a menor mancha nas credenciais e currículo. Escreveu um relatório magnífico. (*Das Rudolf Gutachten*, Cromwell Press, 1993.) A sua vida e carreira estão arruinadas, enquanto a fortuna de Browning cresceu.

Somente por esta razão, não se vêem muitas pessoas a voluntariar-se para vagar até Auschwitz com o seu próprio equipamento de engenharia.

Em resumo:

Ninguém nega os campos de concentração. Eram centros de detenção, em números não perto dos altos números reclamados. Não eram centros de matança.

De facto, de acordo com a série de livros da Time Life sobre prisioneiros, os campos de concentração Alemães eram menos de um sexto do número de campos que os EUA tinham para Japoneses, Alemães, Italianos e presos de guerra, e consideravelmente menos campos que o pérfido aliado dos Aliados, Stalin, tinha no seu Gulag.

Estes campos tal como Auschwitz albergaram Judeus, entre muitas outras nacionalidades. Também albergaram criminosos, inclusive criminosos Alemães. Albergaram traidores, espíões e outros que estavam a sabotar a Alemanha em guerra.

Mais uma vez: Eram centros de detenção. NÃO eram centros de matança.

Ninguém sobreviveu aos esquadrões da morte de Stalin em Katyn, e muito poucos se alguns sobreviveram à tumba de gelo de Kolyma e muitos outros campos de Stalin.

Vale a pena repetir que no infame "Holocausto" temos o único caso de "genocídio" que é "provado" diariamente pelos sobreviventes.

É tristemente verdade que dezenas de milhares de todas as nacionalidades morreram em diferentes campos Alemães, maioritariamente de doenças causadas por malnutrição, superlotação, falta de higiene e de medicamentos. Sem dúvida alguns morreram por negligência e mesmo por tratamentos cruéis da parte de guardas brutais. Sendo a natureza humana aquilo que é e era, devem ter havido atrocidades. Ninguém nega que houve atrocidades individuais. Podem supor como um guarda se deve ter sentido e actuado quando acabou de saber que o seu bebé foi incinerado no verdadeiro Holocausto que se chamava Dresden - uma cidade indefesa, sem importância estratégica, cheia de refugiados? E se acabasse de saber que a sua própria mãe jaz sepultada nas ruínas de Hamburgo ou Berlim? Não se teria sentido bondoso para com aqueles que considerava inimigos. Nestas circunstâncias, os Judeus podem ter estado nos primeiros lugares dessa lista.

Esta experiências não são únicas dos "campos Nazis."

Foram partilhadas por dezenas de milhões nos Gulags de Stalin em campos de políticos e de prisioneiros de guerra. Este destino foi partilhado pelos Holandeses às mãos dos Japoneses, pelos Britânicos e Canadianos em Burma, Singapura e Hong Kong. Foi partilhado pelos Americanos nas Filipinas e pelos Alemães na Polónia, Checoslováquia, Jugoslávia e França.

E não nos esqueçamos que foi partilhado pelos Alemães na Alemanha após a guerra nos campos da morte do Exército Americano em Rheinwiesen, descritos pelo autor Canadiano James Bacque no seu livro "Outras Perdas" e no seu livro recentemente publicado, "Of Crimes and Mercies" sobre este tópico. Bacque afirma que nove milhões de Alemães morreram como resultado directo de uma deliberada política Aliada.

Todas estas mortes foram mortes trágicas. Foram trágicas para Judeus, e foram trágicas para Alemães. Foram trágicas para todos os envolvidos nessa guerra. Para citar o Dr. Robert Faurisson, Revisionista eminente: "Continuam a falar sobre crimes de guerra. A guerra em si própria é o crime."

Clamar que houve atrocidades e depois compará-las a genocídio é perversamente enganador. O enigma estatístico e logístico de quais os Judeus que foram para esses campos, porquê, e quando, foi documentado há muito tempo muito livro muito detalhado de Walter Sanning chamado "*The Dissolution of European Jewry*" (A Dissolução da Judiaria Europeia.)

Nas últimas voltas e rodopios da dança do Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto à volta do Grande Mito do Holocausto tentarão fazê-lo acreditar que os campos da morte ficavam na maioria no "Leste," (onde a maioria dos Judeus disseram ter vivido) e que poucos morreram no "Velho Reich Alemão" - porque teria sido mais fácil guardar segredo no Leste.

Olé! Fantástico!

Os factos são que dezenas de milhares de pessoas foram enviadas por comboio de Auschwitz na Polónia para outros campos em Altreich (Alemanha Propriamente dita) no fim da guerra - Elie Wiesel, Sabina Citron e Anne Frank entre eles.

Isto foi feito a expensas e inconvenientes Germânicos. Dificilmente seria feito para os matar. Poderiam facilmente ter sido deixados para trás para morrerem de fome nos campos de concentração abandonados quando as pessoas fugiam desordenadamente para escapar ao Comunismo.

Não havia "campos da morte" Alemães. Ponto final. As pessoas morreram em cada um dos campos de concentração do tempo de guerra devido a um número de tristes razões, incluindo idade avançada.

Uma observação final precisa de ser feita, tem a ver com a mundialmente famosa Placa de Auschwitz.

Durante décadas, foi afirmado nesta placa que quatro milhões de pessoas foram genocidamente mortas em Auschwitz. Tal como resumido pelo Dr. Faurisson, até 3 de Abril de 1990, esta Placa "comemorativa" - onde o Papa e presidentes de muitas nações foram levados de modo a poderem genoflectir perante vítimas não-existentes, tinha a seguinte inscrição em 19 línguas:

"Quatro milhões de pessoas sofreram e morreram aqui às mãos dos assassinos Nazis entre os anos 1940 e 1945."

Durante quase meio século, aproximadamente 500,000 turistas ingênuos foram deliberadamente enganados por guias intelectuais e vigaristas imorais enquanto visitavam o parque tema de mentiras e horrores anti-germânicos em Auschwitz e Birkenau - onde visitas guiadas, livros e filmes insistiram durante décadas que tudo o que o visitante via estava "...no estado original."

No novo texto lê-se o seguinte:

"Que este lugar onde os Nazis assassinaram 1,500,000 homens, mulheres e crianças, de que a maioria eram Judeus de diversos países Europeus, seja para sempre para a humanidade um grito de desespero e de aviso." (Luc Rosenzweig, "Auschwitz, a Polónia e o genocídio" (Tr.'s Note: Auschwitz, Poland and the genocide), *Le Monde*, January 27, 1995, pag 1).)

Porque é que baixaram os números?

Agora o Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto diz, "Bem, que pena, não fomos nós. Os Soviéticos sonharam com esses números."

De acordo com esta linha de argumentação, os perversos Soviéticos

"...propositadamente elevaram o número de baixas não-Judias em Auschwitz-Birkenau muitas vezes o número real. Com o fim do comunismo na Polónia e na antiga União Soviética, oficiais no museu de Auschwitz baixaram meticulosamente os números de baixas de acordo com as estimativas de historiadores que, durante anos, insistiram que pereceram entre um e um milhão e meio de pessoas em Auschwitz-Birkenau- 80-90% dos quais Judeus. (*The Breitbard Document*, as published by the Simon Wiesenthal Center )

Claro, culpem os Russos e os Polacos. Não dêem aos Revisionistas crédito por os números encolherem constantemente sob a lupa do escrutínio erudito.

Porque não dar outra olhadela ao revelador gráfico do Dr. Faurisson?

[ gráfico]

O Dr. Faurisson, no seu estilo, sendo o erudito cuidadoso e pesquisador meticuloso que é, um homem que é escrupulosamente honesto com amigos e adversários, dir-lhe-á o que é conhecido até ao momento. (Explicação completa no Apêndice A)

O gráfico acima foi efectuado em Dezembro de 1995 em resposta a um artigo colocado pela Anti-Defamation League no New York Times. Este artigo perguntava: O que aconteceu aos Judeus desaparecidos?

Isto é precisamente o que os Revisionistas perguntam - uma questão pela qual foram feridos, espancados, cuspidos, vilipendiados, acusados, julgados e presos e até mortos. Porque motivo é "criminoso" querer saber porque motivo os números continuam a encolher e a encolher - tal como um balão furado?

Não são boas notícias, antes más notícias, que não morreram milhões em Auschwitz? Não é motivo para rejúbilo?

Será que alguma vez saberemos o que aconteceu e quantas vítimas houve aí? Não se não pudermos fazer perguntas!

Após uma intensiva campanha de cartas iniciada pela Equipa Zündel e dirigida ao Sr. Gorbachev há poucos anos, os Soviéticos finalmente libertaram os restantes Livros da Morte de Auschwitz, que tinham capturado em 1945.

Surpresa! Adivinhem?

Os estimados "quatro milhões", revistos para "milhão e meio," encolheram para 74,000 mortes confirmadas!

Todas meticulosamente registadas - nome, data, nacionalidade, religião, hora, razão e causa da morte!

O pesquisador Alemão Tjudar Rudolf, que é fluente em Alemão, Inglês, Francês, Yeddish e Polaco e compreende muitos dos nomes e línguas eslavas, percorreu penosamente todos esses livros Soviéticos-Auschwitz de registos de mortes e totalizou o número de mortes Judias de acordo com nome e religião - mesmo contando com nomes eslavos.

O resultado final?

Pouco mais de 30,000 Judeus morreram em Auschwitz.

Foi isto que o Revisionismo do "Holocausto" conseguiu!

De tudo o que sabemos hoje, de acordo com a análise apurada deste homem, cerca de 30,000 Judeus perderam então as vidas, principalmente de doenças e sobrelotação, em Auschwitz e campos de trabalho em volta afiliados com o complexo principal em Auschwitz.

Este é um número de pessoas suficientemente trágico. Porquê a necessidade de exagerar? Para justificar o quê? Uma rancorosa campanha de ódio de meio século contra um antigo inimigo? Um regime que entrou para as páginas da história há uns 50 anos atrás?

É isto de que tudo isto se trata?

Ou é ao invés para manter os Alemães em perpétua sujeição mental, política, económica e financeira e para os tornar susceptíveis a novos, finamente organizados esquemas de chantagem que lhes extorquiram mais de 100 Biliões de Marcos Alemães para os membros do Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto e membros da sua tribo, instituições e organizações - sem esquecer os Estado de Israel? Que nem sequer existia na altura dos alegados crimes que foram supostamente cometidos pelos Nazis?

O abuso étnico dos Alemães e da Alemanha tem que parar. O Holocausto não é, nem nunca foi, sobre a apregoada "vitimização Judia." É sobre extorsão. Políticas de poder. E dinheiro, vingança e ódio!

O povo Alemão, de que muitos não eram sequer nascidos quando a tragédia da Segunda Guerra Mundial caiu sobre o seu país, têm estado a pagar enormes, enormes somas de reparações ao estado e povo Judeu - muitos deles beneficiários que não eram igualmente nascidos quando aquilo que o mundo agora foi ensinado a conhecer como "O Holocausto" aconteceu.

Estes Alemães têm direito a todos os factos. O Grupo de Pressão de Promoção do Holocausto está descaradamente a desinterpretar os "factos" para estarem de acordo com os seus planos de intolerância em relação a todos que questionariam os seus métodos e objectivos clandestinos e sem consciência, empregando agentes secretos, fundos de imundície, boicotes, ameaças e terrorismo do Holocausto.

A vitimização de novas gerações de Alemães pelos erros, reais e imaginários, dos seus avós e em breve bisavós não é maneira de trazer a paz, tolerância e harmonia ao mundo.

Ernst Zündel está em gravação dizendo que os perseguidos de ontem se tornaram os perseguidores de hoje.

4 de Abril, 1996  
Zundelsite

ANTIREVISIONISMO

## Neonazismo e revisionismo: Um desafio político

Flávio Koutzii \*

O ressurgimento do neonazismo e dos movimentos de extrema direita nos anos 90, paralelamente à globalização, levanta uma série de inquietações. Compreender as condições em que tal fenómeno se manifesta, bem como discutir sua natureza, foi o objetivo central do seminário e do presente livro, uma iniciativa originária do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A ideia foi apoiada pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Federação Israelita/ RS, Programas de Pós-Graduação em Comunicação e em História da UFRGS e pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

O retorno do extremismo político, expresso geralmente de maneira violenta, não representa um fenómeno apenas europeu, mas mundial. Mesmo o Estado do Rio Grande do Sul, com suas fortes tradições democráticas, não está imune a isto. O carácter racista e xenófobo dos movimentos neonazistas constitui uma ameaça às sociedades pluralistas.

As incertezas e o elevado custo social da globalização, acompanhados do enfraquecimento do Estado nacional e da situação gerada pelo fim da Guerra Fria, constituem o caldo de cultura em que tais movimentos renascem. Apoiando-se em uma ideologia obscurantista e irracionalista, o neonazismo volta a manifestar-se tanto através da militância quanto, num plano mais amplo, **busca promover uma**

**pseudo-revisão histórica**, que visa a negar os crimes de guerra do III Reich, **como o holocausto judaico**.

Tal estratégia visa a construir uma porta de entrada da extrema direita para o cenário político, mascarando seus propósitos, numa inversão que apresenta as vítimas como réus. Neste sentido, é necessário que a sociedade e as instituições sociais e estatais estejam alertas a tais manifestações, que constituem simultaneamente um balão de ensaio e a ponta do iceberg. Especialmente as novas gerações, que não viveram a guerra e o fascismo, são as primeiras vítimas desta forma de propaganda ideológica.

Assim, apoiamos a iniciativa do seminário e do livro, como forma de contribuir para o debate acadêmico e como alerta social sobre os perigos do ressurgimento de movimentos nazistas. Em lugar do silêncio da indiferença, é necessário denunciar estes movimentos, renovando o debate e o conhecimento acumulado, bem como retomando a mobilização da sociedade contra este perigo. Afinal, como afirmou Goya, "o sono da razão engendra monstros".

\* Chefe da Casa Civil do Estado do Rio Grande do Sul. Editado eletronicamente por el Equipo **Nizkor**

ARMAGEDON

### **Caros Amigos e o anti-semitismo**

Luis Milman

O artigo "Serão os semitas humanos?" (*Caros Amigos*, nº 68, novembro de 2002), do jornalista **Georges Bourdoukan**, é uma arenga anti-semita que, ao leitor atento, judeu ou não, só pode causar repulsa. O anti-semitismo do texto é auto-explicativo, seja pelo uso pejorativo do termo "judeu" na menção que faz a políticos israelenses, seja porque, entre outras barbaridades racistas, afirma que os judeus sionistas foram os maiores aliados dos nazistas e co-responsáveis pela criação dos campos de concentração.

Nos últimos 40 anos, o anti-semitismo tornou-se mais fácil de ser praticado sob o nome de anti-sionismo. Basta ler os textos dos seus expoentes, como **Roger Garaudy**, **Robert Faurisson**, **Pierre Guillaume**, **David Irving**, [= Irving] **Serge Thion** e **Israel Shamir**, para citar alguns dos mais conhecidos anti-semitas e anti-sionistas de hoje, da direita e da esquerda ideológica. Os anti-semitas de esquerda e de direita praticam as mesmas distorções e se valem do mesmo arsenal de acusações mentirosas e depravadas. Os mais militantes, à direita e à esquerda, tentam demonstrar a todo custo que Israel não pode existir, porque é racista, confessional, imperialista e por aí vai.

À direita, temos o gaúcho **Siegfried Ellwanger** e seu séquito de teutômanos. **Bourdoukan** está à esquerda, como os franceses **Thion** e **Guillaume**, que dizem repudiar o racismo e orientar-se pelo internacionalismo antiimperialista. Chegam a reivindicar o marxismo como fonte inspiradora. Há um manifesto que Guillaume sobre a linha de pensamento da editora anti-semita Velha Toupeira (Paris), que invoca a "autoridade do texto fundador de Karl Marx, 'A questão judaica'" para defender o "antijudaísmo radical sempre proclamado urbi et orbi (...)". (P. Guillaume, *Carta a Phillip Randa*, La Vielle Taupe, 1998).

Eliminar o judaísmo, como propugna **Guillaume**, é uma coisa. Eliminar os judeus, como os nazistas pretenderam, é outra. Os sionistas gostam de confundir as coisas, como Guillaume esclarece. Os judeus são pessoas como todo mundo, mas o judaísmo e o sionismo, vade retro. Afinal, qual a razão do sofrimento dos povos, da existência das guerras? Quem está promovendo o genocídio palestino? A dominação judaica (dos governos, dos bancos, da mídia, dos cartéis de petróleo). Dúvidas? Basta prestar atenção na grafia real do nome da besta do Apocalipse: George W. ben Bush! A descoberta é de **Bourdoukan**.

Nesta guerra santa contra os judeus-sionistas é preciso revelar como as coisas realmente são. Esta é a missão revolucionária de Bourdoukan que, diga-se em tempo, ele cumpre de maneira insuperável. Algumas das suas revelações: o hierarca nazista **Heirich Heidrych** era judeu. A russa judia **Golda Meir** dizia que as crianças palestinas eram animais de duas patas, e Israel foi criado pelos nazistas. Quem garante é **Hannah Arendt**!



Mesmo o mais singelo senso de prudência é mandado às favas pelo fervor militante do anti-semita Bourdoukan. Golda Meyer não era russa e jamais disse nada disso sobre os palestinos. E o respeitado texto de Hannah Arendt foi conspurcado pelo racismo hidrófobo do articulista de *Caros Amigos*. As críticas de Hannah Arendt ao julgamento de Eichmann a antipatizaram com a liderança do Mapai (o partido social-democrata à época no poder, sob a liderança de Ben Gurion), mas nem de forma remota respaldam as tolices que Bourdoukan escreve, entre as quais que Israel foi criado pelos nazistas.

O anti-semitismo é uma patologia moral e política e seus adeptos a exercitam metodicamente com o cinismo, a forma com a qual obtêm prestígio junto a grupelhos de fanáticos. Basta ver como Bourdoukan manipula a biografia de Rodolf Kastner, [= Rudolf Käsztner] certamente pouco conhecida para os leitores de *Caros Amigos*. Segundo ele, Kastner era um médico que visitava campos de concentração para selecionar judeus e levá-los à Palestina, em trens sob a escolta dos SS. Além disto, estava entre os fundadores de Israel e foi morto por sobreviventes dos campos que visitou, durante uma cerimônia. Tudo mentira: Kastner não era médico, mas jornalista. Ele jamais visitou campos de concentração ou fez qualquer seleção biológica, não foi fundador do Estado de Israel e não foi assassinado por sobreviventes dos campos que visitava.

Os fatos são outros. Durante a guerra, Kaster chefiava o Comitê de Salvamento de judeus da Hungria, da Agência Judaica. Fez tratativas com Eichmann, que, em março de 1944 foi para Budapeste organizar o transporte dos judeus húngaros para Auschwitz. Em nome da Agência Judaica, Kastner negociou com Eichmann, desde Istambul, a troca de 1 milhão de judeus húngaros por 10 mil caminhões. A troca fora autorizada por Himmler, mas abortada logo em seguida. Ainda assim, Kastner ajudou a salvar as vidas de milhares de judeus húngaros, em vista das negociações que fez, por sua iniciativa, com Eichmann e Kurt Becker, um oficial graduado da SS em Budapeste. Numa destas operações, 1.615 pessoas foram transportadas de Budapeste para a Suíça, num trem especial que teve escolta de tropas da SS. Entre os resgatados estavam a mulher e os filhos de Kastner.

Ao fim da guerra, ele foi acusado formalmente de colaboracionista no Congresso Judaico Mundial, porque suas tratativas com Eichmann e Becker não eram conhecidas da Agência Judaica. Kastner foi absolvido das acusações. O jornalista também foi arrolado por Becker como testemunha de defesa, no Julgamento de Nuremberg. Kastner depôs em seu favor, alegando que muitas vidas haviam sido salvas devido aos seus contatos com Becker. Depois da criação de Israel, Kastner, que integrava o Mapai, imigrou e passou a trabalhar no Ministério da Indústria e Comércio. Em 1952, suas atividades na Hungria provocaram um novo julgamento, deste vez num Tribunal de Jerusalém, onde voltou a ser acusado de colaboracionismo. Em 1954, em meio à grande repercussão política do caso, recebeu uma condenação moral do juiz que, na sentença, afirmou que ele vendera a alma ao diabo durante a guerra. A direita israelense, liderada pelo partido de Menachem Begin, o Herut, explorou o julgamento para atacar o Mapai e suas lideranças, pelo apoio que deram a Kastner.

O jornalista sempre se defendeu, afirmando que fizera tudo ao seu alcance para salvar vidas. Em março de 1957, enquanto aguardava o resultado de uma apelação à Suprema Corte, Kastner foi assassinado em frente a sua casa, depois de estacionar o carro. O crime, cometido à meia-noite, foi praticado por três integrantes de um grupo clandestino de extrema-direita, o Machteret, de ex-integrantes do Lechi, a organização direitista de combate dissolvida após a criação de Israel, em 1948. Kastner foi assassinado com três tiros à queima-roupa. Seus assassinos foram condenados à prisão perpétua. Nenhum deles era sobrevivente de campos de concentração.

Em 1958, a Suprema Corte de Israel, numa sentença histórica, inocentou Kastner da imputação de colaboracionismo com os nazistas. Na sentença, de mais de 200 páginas, os juízes concluíram que a sua atuação naquele período não poderia ser criticada por ninguém, pois as negociações que ele levava a cabo visavam a salvar a vida de pessoas, num mundo em que as regras básicas da civilização haviam sido abolidas.

Em 1962, o caso Kastner voltou a ser discutido, desta vez durante o julgamento de Eichmann, que referiu-se a ele como "um sionista idealista merecedor de sua estima, com quem havia negociado em várias oportunidades". Hannah Arendt, no livro *Eichmann em Jerusalém*, discorre sobre o jornalista no contexto deste julgamento e reproduz algumas das declarações de Eichmann que, obviamente, expressavam a opinião do genocida sobre Kastner.

### O Armagedon racial

Assim, o brevíssimo relato apresentado por Bourdoukan, quando não mentiroso, é distorcido. Ele tem a mesma visão de mundo que Eichmann e, por isso, conclui que os nazistas eram aliados dos sionistas. Pode causar alguma surpresa que tais informações apareçam numa revista dita de esquerda. Mas, convém lembrar que o oportunismo político fez do anti-semitismo uma ideologia quase-oficial na União Soviética. Stalin comandou o processo, que tinha também uma superdose de demência. Na URSS, a questão judaico-sionista não era racial, porque racismo era coisa de nazistas. Mas era uma questão prioritária, porque os sionistas eram agentes das conspirações imperialistas. Este espantalho foi usado como pretexto para extermínios e expurgos contra-revolucionários, que dizimaram milhões de russos.

Bourdoukan é anti-semita e escreve em *Caros Amigos*, uma revista de esquerda que, certamente, dirá que repudia o stalinismo. Estranho? Não. Primeiro, porque ninguém mais se reconhece como stalinista, nem os stalinistas que veneravam Stalin; segundo, porque *Caros Amigos* está mais próxima do estilo ultra-radical: o anarcotrotskismo internacionalista sindical proletário camponês libertário guevarista maoísta humanista revolucionário, que distingue a militância da Democracia Socialista/PT, PSTU, PCO e do MST. Entre outros referenciais, faz parte deste ideário a cartilha da conspiração judaico-sionista-capitalista, difundida por *Caros Amigos*.

Para ilustrar: em 1998, o jornalista José Arbex Junior, editor especial da revista, escreveu longo comentário sobre uma notícia do Sunday Times, de Londres, segundo a qual os israelenses sintetizaram um vírus que liquida apenas os árabes e poderia ser propagado por ar ou água. Assim, a disseminação não apresentaria qualquer risco aos judeus, se viesse a ocorrer nos territórios palestinos ocupados. A tolice era explícita: para atingir o objetivo, o tal vírus teria que ser imbecil a ponto de se achar capaz de distinguir entre o DNA de árabes e de judeus ou de seja lá quem for. O ponto aqui é que vírus não têm crenças, logo não podem ser imbecis. Por isto, jamais haverá um tão idiota como os anti-semitas que acreditam que um vírus étnico possa existir. Dias depois de sua publicação no Sunday Times, descobriu-se que a notícia reproduzia parte uma novela de ficção de terceira-linha, jamais publicada e escrita por um ex-funcionário de um instituto de pesquisas israelense.

A asneira, inspirada na passagem bíblica do Anjo Exterminador que dizimou os primogênitos do Egito, serviu para Arbex discorrer sobre a sinistra ciência praticada secretamente pelo governo israelense. O jornalista advertia para a degeneração moral dos genocidas sionistas, capazes de criar um monstro que faria Hitler babar de inveja. E, obviamente, esbravejava contra o silêncio da mídia mundial sobre a revelação alarmante.

O artigo de Bourdoukan foi publicado no lugar certo. Depois de oferecer uma antevisão do Armagedon racial made in Israel, *Caros Amigos* revela, agora, que os sionistas foram co-responsáveis pela criação dos campos de concentração nazistas. Afinal, alguém duvida do que são capazes os sionistas? Não dizia o judeu polonês Menachem Begin, segundo Bourdoukan, que as crianças palestinas são bestas caminhando sobre dois pés? Os anti-semitas sempre foram assim mesmo. Se há algo degenerado que ninguém seria capaz de fazer, então aparece algum judeu ou sionista, como Kastner, Rafael Eitan ou Golda Meir e faz. Nada que venha a causar estranheza. Afinal, os judeus-sionistas eram os maiores aliados dos nazistas e inventaram um vírus que dizima os árabes. Resta-nos esperar, agora pelas novas revelações de *Caros Amigos*, que apelou ao anti-semitismo em nome da sua luta contra o imperialismo e pela solidariedade aos palestinos.

Artigo publicado no *Observatorio da Imprensa* em dezembro de 2002  
2002 - CONIB - Confederação Israelita do Brasil  
<<http://www.conib.org.br/hasbara/cartaluis.html>>  
<<http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/cap9.htm>>

*Caros Amigos* : <http://carosamigos.terra.com.br/>  
Aqui esta o artigo atacado por o sionista Milman :

## Serão os semitas Humanos ?

Por **Georges Bourdoukan\***

Este semita que vos escreve, estarecido com a barbárie judaica na Palestina e lamentando a omissão da humanidade diante dos massacres, junta sua voz aos que ainda não foram domesticados pela mídia e cultura racistas que hoje dominam as mentes e os corações e reafirma pela enésima vez que por ser um Estado antipalestino. Israel é um Estado anti-semita.

É verdade que seus soldados, ao contrário dos soldados nazistas, não usam cintos com a inscrição Gott mitt uns "Deus está conosco" e não precisam, pois Sharon, Peres e caterva se julgam acima do bem e do mal e acham que Deus nunca vai ficar no caminho deles porque já deve ter aprendido a lição.

Isso vale também para a besta do Apocalipse, George ben Bush, o texano que consegue andar e mastigar chiclete ao mesmo tempo, o que, de acordo com o seu raciocínio, lhe confere o direito divino de se arvorar dono do mundo, com o apoio irrestrito do poodle inglês.

Com todo o respeito aos poodles, mini-poodles, toys e vira-latas. O problema de Israel é que ele já peca pela origem. É um Estado criado pelos nazistas, aliados incondicionais dos sionistas. E, para quem quiser maiores detalhes, basta ler o livro Eichmann em Jerusalém, de Hannah Arendt.

Além de aliados dos nazistas, os sionistas eram os principais informantes das SS, gozando da estima total, de Eichmann que expulsou "um grupo de freiras de um convento para fornecer uma fazenda de treinamento para jovens judeus".

E quando eles iam à Palestina, Eichmann lhes reservava um trem especial e oficiais nazistas para protegê-los.

Foram também co-responsáveis pela criação dos campos de concentração. É nesse cenário que desponta o médico Rudolf Kastner, judeu sionista húngaro que visitava os campos de concentração para selecionar "o melhor material biológico" para ser enviado à Palestina.

Kastner foi um dos fundadores do Estado de Israel, assassinado mais tarde durante uma cerimônia por sobreviventes dos campos onde ele fazia a "seleção".

Mas Kaster deve ter morrido feliz, já que o melhor material biológico" por ele selecionado hoje governa um Estado confessional que não possui constituição e cuja Corte Suprema permite a tortura "moderadamente". Um Estado que possui o maior campo de concentração do mundo onde vivem confinados mais de 3 milhões de semitas palestinos.

Serão os semitas humanos? A julgar pelas declarações dos israelianos (governantes arianos de Israel). os semitas não são seres humanos e sim "gafanhotos", como os denominava o polonês e ex-ministro das Relações Exteriores Itzhak Shamir ou "baratas", de acordo com outro judeu europeu o general Raphael Eitan, ou então "piolhos", como se referia a eles o atual ministro da Defesa Ben-Eliezer.

Por isso, quando o soldado judeu mira a cabeça de uma criança palestina e aperta o gatilho, no entendimento dele não está matando um ser humano mas uma "besta caminhando sobre dois pés", como ensinava o também judeu polonês e ex-primeiro ministro Menahem Begin ou um "animal de duas patas", como instruía a russa judia e também ex-primeira ministra Golda Meir.

Ben Gurion, Menahem Beguin e Golda Meir, para citar somente os mais conhecidos, foram considerados terroristas pelos ingleses durante a ocupação da Palestina, nem por isso os ingleses prendiam e arrebentavam, ou treinavam pontaria em crianças, ou destruíam sítios arqueológicos. Como ainda hoje o fazem os sionistas.

E aí, gostem ou não, é preciso também fazer justiça aos soldados alemães que ocuparam a França durante a Segunda Guerra Mundial. Eles jamais utilizaram a lógica de Sharon, que hoje, no século 21, justifica o assassinato em massa porque entre as vítimas circulava um resistente à ocupação.

De tanto os nazistas afirmarem que o então general e futuro presidente da França Charles de Gaulle era terrorista o escritor André malraux declarou publicamente que o terror é um direito do patriota desesesperado e nem por isso os nazistas destruíram Paris.

Com a palavra, Hannah Arendt: "Conta-se que o próprio Hitler conhecia 'judeus de primeira classe' que ele fez assimilar ao status de alemães ou concedeu privilégios de meio judeus. Milhares de meio judeus tinham eximidos de todas as restrições, o que pode explicar o papel de Heydrich ni papel do Generalfeldmareschall Erhard Milch na Força Aérea de Goering pois era de conhecimento geral que Heydrich e Goering eram meio judeus.

Certa vez conversando com uma mãe palestina, que havia perdido três filhos assassinados pelas balas de "borracha" sionistas, ela me disse que seu estava pronta para esquecer todas as atrocidades cometidas pelos israelenses. quando lhe perguntei sobre o perdão, vários palestinos que ouviam a conversa responderam ao mesmo tempo:

"Não os perdoamos porque ensinam as nossas crianças a odiar"

Georges Bourdoukan é jornalista e escritor, autor de A Incrível e Fascinante História do Capitão Mouro e de O Peregrino.

<http://www.carosamigos.com.br> - N.68- Novembro de 2002

<http://terrornapalestina.home.sapo.pt/semitas.htm>

GUERRA

## Ernst Zündel Prisioneiro de Guerra

**Horst Mahler**

Ernst Zündel será acaloradamente bem recebido em casa por aqueles alemães que ainda desejam ser alemães.

A força de combate judia, ADL, conseguiu através da sua agitação assegurar que Ernst Zündel fosse tratado como um prisioneiro de guerra durante mais de dois anos.

Esta mudança de locais, do Canadá para a Alemanha, não altera nada para Zündel uma vez que tanto num país como no outro governa o mesmo inimigo.

Mas em solo alemão o seu encarceramento adquire um novo significado uma vez que o pretexto dos EUA de que Zündel violou as suas leis de imigração se torna irrelevante.

Além disso, o inimigo, na Alemanha, não se pode esconder atrás do falso pretexto da sua preocupação pela "segurança nacional". Na Alemanha o inimigo tem de assumir claramente, revelando assim a sua brutalidade, que Ernst Zündel nega detalhes conhecidos legalmente como "de conhecimento geral" (Offenkundigkeit – notoriedade) sobre o Holocausto, e que exige a apresentação de provas irrefutáveis que apoiem a alegação de que os alemães, por razões raciais, e recorrendo à utilização do insecticida Zyklon B, exterminaram sistematicamente milhões de judeus.

Só depois de Ernst Zündel ter emigrado para o Canadá é que o mesmo começou a analisar criticamente a propaganda das atrocidades anti alemãs, e durante mais de uma década obteve sucesso, recorrendo ao sistema judicial canadiano, na defesa do seu direito de procurar a verdade histórica.

Tornou-se por essa razão num símbolo de respeito mundial no que toca à vontade inabalável, da busca contínua do espírito humano pela verdade.

A energia e a firme convicção que irradiam deste prisioneiro irão convencer cada vez mais alemães que ainda desejem ser alemães a participarem na batalha contra a "notoriedade" do Holocausto.

Ele será, portanto, um exemplo para aqueles alemães que se reunirem e, com a verdade, se movam contra as fortalezas do nosso inimigo.

A verdade irá libertar-nos.

28 de Fevereiro de 2005

<http://dirlip.org/>

# MARCOS MILIÁRIOS

**CORREIO**

lucianopete <lucianopete@bol.com.br>

June 8, 2005 3:31 PM

To : <aaarghinternational@hotmail.com>  
Subject : Holocausto

É uma piada dizer que o holocausto não existiu. Pessoas moraram nos campos de concentração, e viveram para contar os horrores. Só não enxerga quem não quer.

**COMITÊ CONTRA A GUERRA AO IRAQUE**

<http://www.guerranao.kit.net> : Este site foi bloqueado

**SITO REVISIONISTA**

Saudações,

Serve esta para o informar do endereço do Grupo DIRLIP (Grupo para a Divulgação do Revisionismo em Língua Portuguesa)

<http://www.dirlip.org>

VER : <http://revisaohistorica.com.br/esclarecimento.htm>

**YAHOO GRUPOS BRASIL**

**Revisionismo**

**Descrição**

Castan afirmou: "Nós os revisionistas nos voltamos para a história com a vocação de profetas. Para encontrar dentro dela provas e argumentos que desmontem os poderes ideológicos que oprimem nossos povos e nações".

De fato, é impossível não conciliar a questão do revisionismo histórico com o forte abalo que suas constatações e teses, sobre a falsidade do alegado "holocausto" judeu, causam ao establishment liberal democrático.

Nossa homenagem fica a **Paul Rassinier** e **Robert Faurisson** e às centenas de revisionistas espalhados pelo mundo inteiro que, apesar de toda perseguição e discriminação que sofreram e sofrem, continuaram até o fim e continuam na luta pela verdade histórica. O tempo dará razão a esses homens e a justiça lhes será feita!

A todos os nossos amigos saudações.

Moderador

<http://br.groups.yahoo.com/group/Revisionismo/>

=====

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, Paris, 1948.**

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com caráter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do site AAARGH

<<http://aaargh.com.mx/port/port.html>>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>

**OUTRAS PUBLICAÇÕES TRIMESTRALES DA AAARGH**

<<http://www.geocities.com/ilrestodelsiclo>>

**Das kausale Nexusblatt**

**The Revisionist Clarion**

**Il Resto del Siculo**

**Conseils de Révision**

**El Paso del Ebro**

**Armenichantage**

**La Gazette du Golfe et des banlieues** (multilingual)

<<http://ggb.0catch.com>>

**TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 260 LIBROS**

REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis

<<http://aaargh-international/fran/livres/livres.html>>